ANTONIO SARDINHA
(ANTÓNIO DE MONFORTE)

O Valor da Raça

INTRODUÇÃO A UMA
CAMPANHA NACIONAL

1915
ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, Editores
133 — R. dos Poiais de S. Bento — 135
LISBOA

O Valor da Raça

DO AUTOR:

Tronco reverdecido — *Versos* — 1910.

A SAÍR:

A epopeia da Planicie — *Poemas da Terra e do Sangue.*

PARA BREVE:

A reabilitação de D. João VI.

A superstição da Liberdade

821.134.3-94
SAR

ANTÓNIO SARDINHA
(ANTÓNIO DE MONFORTE)

O Valor da Raça

INTRODUÇÃO A UMA CAMPANHA NACIONAL

BIBLIOTECA MUNICIPAL
4117
MONFORTE

1915
ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, Editores
133 — R. dos Poiais de S. Bento — 135
LISBOA

a Ana Julia,

minha Mulher

«J'écris à la lueur de deux vérités eternelles: la religion, la monarchie, deux necessités que les événements contemporains proclament, et vers lesquelles tout écrivain de bon sens doit essayer de notre pays.»

BALZAC. Prefacio de
«La Comédie Humaine»

A VERDADE PORTUGUÊSA

PROGRAMA DUMA GERAÇÃO

A idéa de Raça entre nós é em Frei Bernardo de Brito que aparece pela primeira vez. A concepção jurídica dum todo uno, identico na composição e no destino, já se definira, no entanto, com D. João II. E' o conceito político de *Grey* que, nascido da sociologia tomista por derivação do *De regimine principum,* se alenta soberanamente nessa admiravel hora de Quatrocentos em que o coração da Nacionalidade bate sèreno e regular.

A coincidencia dos nossos elementos nativos com as direções concentradoras da Corôa obtivera-se enfim, depois da prova magnífica que fôra a *jacquerie* dos Concelhos, erguendo voz pelo Mestre contra o pendão de Dona Beatriz. Não ha que duvidar já agora de que o íntimo segredo da historia portuguêsa consiste num inabalavel motivo de ordem étnica. E' o dolicoide meão, de cabelos escuros e preferencias sedentarias, quem fundamenta as raïzes da Patria e no desenrolar dos acidentes desorganizadores surge sempre, á boca do perigo, a pronunciar a palavra de salvação. A integridade desse

valor antropológico retem consigo, na guarda da sua pureza, todo o esforço que preside aos dramas formidaveis da nossa independencia.

Efectivamente, as mancomunidades agrícolas que, comportando as aptidões localistas do nosso homem primogénito, vieram a concluir na forma social do Municipio, conservaram pela fixidez á terra, limpos de toda a mistura abastardante, os recursos infinitos da nossa árvore ancestral. Passaram as invasões tumultuando como uma enchente que emparelhe montes e vales. Mas o gosto decidido pelo arraigamento, prendendo ao sólo com vinculos centenarios os individuos e as agremiações, com o conceder-lhes uma resistencia que nada vencia, transmitia-lhes a mais poderosa das impermeabilidades. Eclipses demoradas interromperam a plenitude autóctone,— irrecusavelmente. Dormitando, porêm, o que pareceria uma derrota mortal, um fim sem remedio, não era no fundo senão a economia da duração, trabalhando com afinco pelo restauro das energias perdidas.

Do sedentarismo característico do Luso partiria assim, como duma virtude de maravilha, o início de quantas afirmações de vontade e heroismo lhe conferiram a existencia livre de povo. São as behetrias do norte e os «*castelos-velhos*» do sul que, reconhecendo-se na chefia suprema de Afonso Henriques, se atiram para a recuperação do territorio violado pelo moiro e pelo leonês. As hostes comunais interveem sempre lá onde

o guião sobranceiro da autonomia corra o perigo de tombar nas mãos do vizinho cubiçoso. Em Ourique mostram-se-nos assentando os alicerces á Nação. São as vilas de 1384, pondo o Mestre por nosso regedor e alçando mais tarde o Regente á defesa comprometida do Reino. E já se não fala na *Feliz-Aclamação* com as ordenanças bisonhas dos Municipios escrevendo a epopeia ignorada duma guerra de vinte e oito anos,—nem nas *juntas* concelhias do século passado, alevantando Portugal em peso contra a presença dos Francêses. O motivo de ordem étnica em que reside o segredo intimo da nossa historia comprova-se abundantemente. E' que nos moldes particularistas da Raça remanescia, como um *substractum* inalienavel, á força hereditaria do Luso, guerrilhando por uma reposição desafogada e fecunda, como outrora nas gargantas do Herminio, ao som da buzina de Viriato.

Se não admitirmos uma lenta preparação atávica que desde muito de atrás nos andasse elaborando como uma realidade social que se basta a si própria, não se compreende pela doutrina simplista do Acaso que, varrido o islamita até ás orlas do mar do Algarve e expulso o barão novi-gótico para o planalto castelhano, se alevantasse de súbito da gleba libertada uma patria cheia de vigor, vibrando toda de cima a baixo no sentimento duma mesma finalidade. E' que vinhamos de longe,—dos alvores dessa gente primitiva que nas bacias do Tejo e do Sado se revelou bem cedo, interrando os mortos e

já com cabana armada, quando nem pronuncios havia ainda da prática da agricultura.

Das simpatias sedentárias do habitante-típico de Mugem se extrai, em verdade, o germe do qual a Pátria Portuguêsa se veiu a formar. O culto dos Mortos, originando uma colectividade apoiada no traço do sangue, depressa ascendeu o nosso homem antigo ao quadro rudimentar de aldeia, garantido por um patrocínio religioso que se traduzia certamente no modelo patriarcal. Chega de seguida a profissão agrícola. O enraizamento espontaneo do aborígene intensifica-se. E já fortalecido pela comunidade do parentesco, acaba de se organizar pela comunidade do solo. São conhecidas as bases agrárias das nossas citânias. As citânias marcam o estádio imediato ao *vicus* arcaico em que o embrião de Mugem, crescendo sempre, pretende atingir uma expansão maior das suas possibilidades naturaes.

A esta fase de isolamento ainda, sucedem-se as federações temporárias de cividades com determinante na ocupação romana. Aparecem assim as *arimanias*, ou *germanias*, de índole estrictamente guerreira, e, como a etimologia ensina, recebendo do estatuto de vizinhança a sua rasão principal. Uma vez instalado o pesado aparelho administrativo do Lácio, a interpenetração episódica das citânias ganha permanencia pacífica.

Os moradores insulados dos nossos vilares proto-históricos sobem então a um grau

de sociabilidade mais completa. Atraídos agora à ribeira, os *conventi publici vicinorum* do dominador imprimem-lhes um apertado espírito de convivencia, — entra a criar para êles outras proporções o sentido comum da colectividade. Entrementes, as tendencias características da Raça radicavam-se num vasto sistema institucional. Cortam-nos o torrão, primeiro, as tropeladas do dolicocéfalo loiro, *raptor orbis*,—no dia seguinte, as aluviões compactas dos filhos de Agar. Não esmoreece, todavia, o génio pertinaz do Luso. E quando com a Reconquista as camadas indígenas da Península obteem um farto minuto de respiração, as behetrias mostram-se como o tecido estrutural da Nacionalidade nascente. A Pátria Portuguêsa resulta depois do entendimento instintivo desses pequenos núcleos populacionaes que, trazidos a uma compreensão mais larga da existencia por unânimes necessidades de defesa, lograram equilibrar em acordo perpétuo as ligas ou pactos militares da ante-véspera, quando o rumor das legiões inimigas crescia do vale para os castros atalaiados lá ao alto.

Logo que o Rei assoma nas perspectivas da vida nacional, Portugal adivinha-se formado. Conseguido o agente centrípeto, sem o qual tombaria depressa na mais deploravel das desagregações, o País decide-se com galhardia para a grande obra da sua coesão e do seu enrobustecimento. O Altar e o Trono são as duas formidaveis disciplinas que o hão-de aguentar intacto nos trabalhos

custosos para uma maioridade que ninguem lhe reconhecia e que ainda agora, perdidas ambas num turbilhão de insensatez criminosa, não passa de uma condescendencia precária perante a dura lei imperialista duma época que já não embarca nas baixas fantasias da superstição democrática.

A constituição das Pátrias é, com efeito, em toda a banda o sinal poderoso de quanto vale dinâmica e staticamente o factor-Autoridade. Quem medita os nossos antecedentes de povo e desvenda bem os laboriosos prelúdios de que brotamos, impressiona-se decerto com as mil e uma tentativas do Luso para se estabilizar numa expressão colectiva mais franca e mais sólida que o cantonalismo primevo. Já vimos que, quando o romano irrompe, se experimentam as *germanias,* como uma aliança de cividades que transpõem o estreito aro comunal e apelam para as relações de vizinhança, afim de oferecerem ao invasor uma barreira mais duradoira e melhor erguida. No entanto, dependentes de chefes eleitos e como taes transitórios, as *germanias* ficam-se em ensaios preliminares que uma peleja desfaz ou que uma dissidencia prejudica. Só a hereditariedade serviria ao agrupamento, de maneira a eleva-lo ao consenso tácito da Pátria.

Desde que um agregado encontra uma linhagem que incarne no seu interesse privado, como interesse do conjunto, os interesses das partes componentes, só nessa altura pode considerar-se protegido contra

as surprêsas do futuro, sem receio que o enfraqueçam, ou os desvios da fortuna, ou as reticencias da hesitação. Existe um fim, —não falta a certeza dos meios com que procura-lo. E' só correr-se em harmonia com as inclinações fundamentaes e coordená-las em vista ao alvo desejado. A prosperidade e a saude do novo ser social despontam sem tardança, com as promessas brilhantes da glória e o exercício superior dos dotes da vontade. E' a ocasião em que se manifesta uma regra espiritual, simultaneamente coercitiva e arrebatadora, que, conformando a mentalidade própria das circunstancias, lhe concede aquela vocação mística que torna os povos senhores dos seus destinos e como que donos do terreno que pisam.

Eis porque a Cruz e a Espada são os admiraveis sustentáculos da nossa independencia, alcançada a poder de tantissimo sangue. Nós morreríamos nos torcicolos da longada, se o concurso dessas duas forças tradicionaes nos não ajudasse a estabelecer o nosso logarsinho ao sol,—se entregues apenas á espontaniedade do genio da Raça, nos não reguardassem de embuscadas e de inadvertencias, dum lado, a ambição pessoal dos nossos Príncipes, do outro, os ditamos vindos de trás-os-montes,—da claridade augustíssima de Roma.

A virtude primacial do Luso reside, pois, na sua predileção localista. O Concelho é assim a célula-mãe da Patria. Mas a

liberdade só se efectiva quando ponderada pela Autoridade. Sem um valor de acentuado conteúdo concentrador, jamais se viabilizaria a perequação dos nossos diversos egoismos institucionais, de cujo entrelaçamento os tecidos nervosos da Nacionalidade se haviam fiado. E' um exemplo que convence o abandono da Italia aos excessos da tendencia comunalista. A unidade só tarde se conseguiu, porque as querelas comerciaes e políticas das diferentes cidades preponderantes não quizeram submeter-se á fiscalização duma dinastia que as neutralizasse debaixo do seu governo.

Aonde é que se descobrem demonstrações de vigor que sobrepujem as que a Lusitania afirmou durante o duelo tremendo com as tropas do Lácio ? Contudo, digam-me, apesar dos analistas latinos qualificarem de *magnis gravibusque bellis* a resistencia assombrosa das nossas citânias, se se ultrapassou a fase recuada de exclusivismo em que as populações se isolavam umas das outras, — se por ventura um outro sentido maior de existencia colectiva se anunciara ás massas armadas, descidas dos outeiros fortificados para o combate em fileiras sob o comando de cabecilhas, que as mais das vezes não eram dos maioraes da *gens?* Não lhes assistia a função homogeneizadora de uma enérgica magistratura hereditária. Não nos causa por isso estranheza que a *Guerra dos Ladrões,* que tamanhos embaraços provocou a Roma consular, descaísse quasi no total aniquila-

mento desta féra ninhada de batalhadores.

Eu bem sei que no declinar da idade antiga os elementos de que proviémos como povo não possuiam ainda a consistencia suficiente para merecerem a emancipação. Confinados no mais fechado particularismo, fôram exactamente as pugnas sobrehumanas a que Roma os contrangeu que despertaram neles como que a percepção de horizontes novos, revelando-lhes o caracter sagrado duma causa que, sendo duns, se amostrava de todos, no fim de contas. Tinham que ser vencidos para que não regressassem ao período anterior de desconfiança, com brigas constantes de limites e psicologia ínfima de tribu. Sujeitos a uma cerrada uniformidade demográfica pelo apertado sistema tributario do Imperio, pelas exigencias miudas do censo o Imperio obrigava a uma comunicação quotidiana as relações, cada vez mais estreitas, dos que se haviam visto coagidos a trocar a corôa amuralhada dos montes pelo assento tranquilo e produtivo das veigas. Quando essa rede cortical se rompeu e o genio oculto do Luso voltou a aflorar, a unificação consumara-se. Agora só importava entrar-se na demanda difícil da alforia. As simpatias sedentarias da Raça, vasadas já na forma social do Municipio, traçavam os alicerces inabalaveis da Patria. Alçando-se á suprema judicatura por via dum mandato explícito das nossas mancomunidades agrarias, a Realeza aparece a incarnar o agente político, sem o qual o equi-

librio da colectividade se volveria impossivel. D'outra maneira, a fragmentação teria de ser um acontecimento de todos os dias.

Libertos da presença dum fulcro imovel que assegurasse a duração e a continuidade, os apetites centrífugos das diversas iniciativas comunaes poriam dentro de breve a saude do grupo num estado revolto de decomposição. Eis porque a ditadura instalada ao alto protege sempre em justos termos a coexistencia desafogada das outras partes do organismo. Por antogónicos que pareçam, entende-se já que o Rei e os Concelhos são factores que se corresponde e acabam de completar. Senão,—se desfiarmos os olhos ao arripio dos séculos, que vemos nós desde que as liberdades se encontraram com a Autoridade? O engrandecimento do poder real acompanhar-se inalteravelmente do exercício pleno da franquias municipaes.

Os municípios exprimiam as tendências ingénitas da Raça. Não caímos em erro se os classificarmos entre nós como formações absolutamente naturaes. Por um *processus* associativo, frequentíssimo no mundo biológico, uma células pegaram a juntar-se ás outras. E por força das circunstâncias do Meio e da Ètnia, Portugal se constituiu como soma normal de tantas parcelas pequenas, em tudo identicas e concordes. Até o nome lhe adveiu dum castro a cavaleiro do Douro, para que em nada padecesse dúvida a sua genealogia de terra livre.

Derivado duma federação de reduzidos

núcleos independentes, em que as behetrias de Reconquista se compunham com os ópidos da ocupação romana, é uma cividade modesta que o batiza, consagrando-lhe como madrinha a entranhada estrutura particularista. Á sombra da azinheira votiva do Luso, estipula-se ao depois a aliança das gentes anónimas, que se custodiavam de vexames e algaradas pela reciprocidade do estatuto da vizinhança, com a pessoa solene do Príncipe, que, de arnês reluzente e ginete escarvando, velaria pelos fracos e oprimidos, guardando do inimigo os Altares e os Lares, os Berços e os Sepulcros. Os foraes acusam a base contractual da Monarquia Portuguêsa, que não é uma monarquia firmada na idéa germânica da posse, mas uma magistratura respeitavel, em que o Rei não é um soberano que se reverencíe de recuas sobre uma paisagem de forcas avergando como latadas, mas simplesmente um cabeça em que todos, grosso e miudo, se reconhecem à uma.

Se o conceito de posse, — de desfruto territorial, decidisse da feição peculiar da nossa Realeza, o predomínio seria mas era conferido aos próceres que, pares do monarca, haviam de primar em amos despóticos, sorvendo sofregamente o suór das populações soldadas à gleba. Engendrava-se um governo de casta, de índole feudal e militante, em que um ferrenho juizo aristocrático da sociedade cavaria diferenças fundas de campo para campo. Supunha-se dêste modo uma situação primeira de guerra em

que os naturaes tivessem subsistido à derrota, mas como ilotas miseráveis que se possuem préstimo é só o de bestas de carga.

Bem pelo contrário, o caracter paternal da nossa Monarquia acha-se definido no significativo apêlo que é o «*Aqui del-Rei!*» da tradição. «*Pastor não mercenário*», — chamariam os lavradores em côrtes a Affonso V. Na frase acidental dum «*capítulo*» de Quatrocentos gravava-se para todo o sempre, não só a fisionomia própria das dinastias nacionaes, mas descernia-se ainda o que sejam em verdade a amplitude e os recursos do princípio monárquico em si.

Não se ignora a verificadíssima lei sociológica que depõe na subida dum cesar a melhoria sensivel das classes espesinhadas. Os regimes electivos, — ou consulares, como em Roma, ou mesmo vitalícios, como na Polónia, geram inevitavelmente a monopolização do poder nas mãos duma oligarquia que promove a instabilidade nas direcções do Estado e conduz a uma regencia perpétua de clientelas, derrubando-se umas ás outras, na tarefa insana das Danaides da fábula. Já assim não acontece com as composições ditatoriais ou hereditárias. Evitam por qualidade de nascença a intromissão abusiva das castas e são as operárias zelosas da verdadeira capacidade civil do povo. Com a queda da república romana, é o patriciado que tomba entre os clamores irados da plebe. O Principe, que o substitue, acompanha-se dum respiro largo nas camadas

obscuras da população, contida no mais duro desprezo pelas regalias demasiadas com que a *nobilitas* se izentava. O pretenso sistema democrático da Grécia clássica resolve-se, no cabo, num morgadio de felizes que se apoiava na escravatura, com o retórico declamando no *agoras*, á custa do seu semelhante, todo torcido para a courela alheia, no calvário sem nome de a amanhar e fazer produzir. O título de cidadão restringia-se tanto quanto possivel. E só quando os Tiranos se estreiam com um novo ciclo é que essa cinta de ferro se vence, atraíndo ao seio da Cidade muitos esforços secularmente repudiados.

Sempre as batalhas da economia antiga terminaram pela vitória do ditador, cujo advento restituia ao agregado aquela justa harmonia já tão desejada pelo apólogo de Menenio Agripa. Repetem-se no decurso das idades as normas inflexiveis com que a história se governa. E ao longo do demorado período mediévico nós presenciamos o aparecimento das monarquias ocidentais com motivo predominante nas Comunas. E' que as Comunas viam, sem hesitações, no poder real uma força que as defendia das tropelias do suserano e estabelecia ao mesmo tempo limites que lhes facultavam o desenvolvimento da sua actividade legítima. Manifesta-se aqui, com influências bem patentes, a teoria das «*ordens*» do Estado que, ressuscitada da constituição política de Aristoteles, S. Tomás vai impôr ao pensamento culto da Europa através das máximas vulgarizadas

no *De regimine principum*. O critério da «*utilidade colectiva*» ilumina a claríssima concepção, em que a euritmia dos edifícios helénicos distribue pelas partes do corpo social um senso notavel de proporção e medida. O Rei não é mais o prócere dos próceres que arrecada o tributo e arrebanha os vassalos como gado. Os povos pertencem já a uma pátria moral que não conhece fronteiras e dentro da qual os malados valem tanto como os senhores.

E' a idéa confraternizadora da «*Republica-Christiana*» que, difundida pela admiravel criação teocrática da Igreja, promove laços de natureza espiritual que despertam nas nacionalidades adolescentes o sentido de um destino superior de que todos, pequenos e grandes, participam. A própria nobreza guerreira, nutrindo-se da turbulencia gótica, deixa amaciar o seu germanismo de presa pelos propósitos solidaristas da Cavalaria. E' a hora em que o Ocidente atinge a mocidade franca. Estuam-lhe nas veias as mais generosas seivas. A inquietação do génio ilumina-lhe a pupila sonhadora. E não sei que enlevo de subir lhe perfuma o coração, abrindo nos vôos da Catedral como uma flôr magnífica das alturas.

Renascem hoje em dia os mesmos fundamentos reparadores da Realeza. Mais uma vez se confirma a inalterabilidade das leis históricas. Com os exemplos eloquentissimos que o sindicalismo francês nos oferece

e com o espectáculo que pega a destrinçar-se desse borrão confuso que é o bravio industrialismo *Yankee,* já não sobejam duvidas de que a salubrificação da economia produtora só se alcança por intermedio dum forte vínculo hereditario que não se socorra dos beneficios duma classe, como nas democracias políticas em que os partidos pôem e dispõem com feitores discricionarios, mas que careça da colaboração diligente de todas as classes, afim de durar e ser capaz de algum proveito.

A finança moderna com o seu cortejo de consequencias desastrosas reedita as incertezas e as torturas de outrora, quando o feudalismo campava em açambarcador do género humano. Tão torvas que as condições passadas se nos apresentem debaixo de um tal aspecto, ao menos sustente-se em abono da verdade que o antigo adscrito seguia sempre, de transmissão em transmissão, a geira de terra a que andava ligado. Não tinha voto, nem o cumprimentavam em maré de eleições, como detentor duma molécula de soberania. Mas, perpetuamente fixo ao solo em que nascera, o pobre servo da gleba, transitando de proprietario em proprietario, era—concordemos—, no relativismo da sua negra situação, bem mais venturoso do que o obreiro contemporaneo, porque não lhe faltava nem o teto nem a subsistencia.

Em combate desigual com a Maquina que o vence em toda a linha, eis o que não acontece com o operario do nosso tempo

que, vítima da tumefacção capitalista, ou se sujeita como um invertebrado inerte aos caprichos sem regra da Oferta—e—Procura, ou então marcha direito para a utopia revolucionaria, com a inteligencia elementaríssima mordida de *mileniuns* subversivos. Explorado pela gula nunca farta do oiro cosmopolita, quando não entretido pelos humanitarismos salivosos da miragem internacionalista, ele é eternamente, na oficina ou na barricada, a materia bruta que se coloca como degrau de ascensão, ou para as delícias da confiança bancaria, ou para os triunfos sórdidos dos agitadores profissionaes. Falharam e continuam falhando as prestidigitações habilidosas dos arautos da Democracia. E o produtor, dando pelo ludíbrio, já entra a perceber que só nos quadros corporativos é que ha-de achar a armadura vindoira dos seus interesses atropelados.

Derrota-se enfim o individualismo económico, filho dos *Direitos do Homem* e fonte perene de deperecimento e espoliação. Corrigidas as aparencias anárquicas que aqui e alêm o acidentam ainda, o sindicalismo, sendo por todo o lado o regresso a uma sábia metodisação do Trabalho, levanta-se de ora avante em face do futuro como uma norma enérgica de Disciplina e Competencia. Consagra a diferenciação profissional e atribue autonomia aos vários agrupamentos técnicos. Por isso já não se esquiva a proclamar a necessidade dum permanente traço de coesão que ao centro assegure a equi-

polencia pacífica das diversas organizações sindicaes. Cai-se deste modo na rehabilitação estrondosa da Monarquia.

São da leitura corrente os formidaveis estudos filosóficos de Georges Sorel. Pois com Georges Valois e Edouard Berth a penetração sintética do ilustre doutrinário atinge as culminâncias do mais acabado espírito construtivo. A hipótese da Realeza-Operária, com o Príncipe mestre supremo do Trabalho, desceu já das controversias serenas dos intelectuais para os programas da acção imediata. Falido o equívoco liberalista em cem anos de prova abundante, é à ordem tradicional que se volta, não como uma devolução obscurantista em que prevaleçam misoneismos inferiores do atrofia, mas como um acto de aceitação consciente para com a velha experiencia das gerações extintas, que guarda com ela a chave misteriosa do nosso determinismo pessoal e colectivo.

Tão extraordinário que se revele este passeio pelos arraiaes da sociologia, eu não o dispensava para varrer de pronto certos preconceitos dogmáticos com que se contradizem entre nós as virtudes evidentíssimas do princípio hereditário. Não só lhe recusam os respeitos que lhe devemos como agente primacial da formação da Nacionalidade, mas vai-se até ao ponto de se invocar o municipalismo característico da Raça como a condenação sem apelo dos regimes monárquicos em geral.

XVIII

Eu não desejo desencadear, embora debaixo de um mero prisma scientífico, as susceptibilidades excessivas da psicologia dominante. O que não posso, todavia, consentir é que corra em julgado a sentença sectária que atira um risco de desprezo por cima da obra grondiosa dos nossos Reis, — enquanto fôram reis. Será talvez um assomo de coragem mental reconhecer a divindade dos deuses, quando os deuses caíram na desgraça. Será! Mas parece-me que não fica mal à minha mocidade ser desassombrada e sincera.

E' bom advertir, contudo, que, reivindicando para a Realeza o papel decisivo que ela exerceu na formação da Nacionalidade, eu estou longe de me subordinar aos subjectivismos perniciosos de Oliveira Martins. O profundo iluminado da *Vida de Nun'Alvares*, através da sua tão querida teoria do Acaso, considerava-nos apenas como uma pátria inventada pela cubiça esperta de meia dusia de aventureiros coroados. Bem opostamente, eu avanço nas passadas de Teófilo Braga, mas só naquela parte em que Teófilo defende as qualidades formosíssimas do Luso e inventaria as aptidões ancestraes que já do fundo dos séculos nos fadavam para povo livre e glorioso. Não somos um improviso das circunstancias, desgarrados da incorporação no massiço castelhano por favor de ninguem. Dentro de nós, nas penumbras da nossa avoenga, reside com a própira rasão de ser da nossa personalidade, a rasão inviolavel do separatismo que sempre nos

individualizou. Já na *Punica* o poeta Silius Italicus assinala a *eterna divortia* que dividia Iberos e Lusitanos. E' do sentimento constante duma diferença que o instinto de Pátria se origina. Pelos merecimentos inatos da Raça nós ganhámos a dignidade de país independente. Os nossos Reis, erguendo-se à testa dos nossos recursos nativos e coordenando-os por meio da sequencia sucessorial duma família, é que nos conferiram a duração e a continuidade, sem as quaes é positivo que ficaríamos em metade do caminho.

Compreende-se assim o significado que eu atribuo à missão histórica da Monarquia. Em referencia à aliança das behetrias e dos ópidos, da qual a Pátria resultou, o seu valor não é outro que o daquele poder centrípeto que numa maré longa de pragmatismos e verificações, como é a actual, os próprios sindicalistas lhe estão reconhecendo. A função específica da Realeza para com as primítivos mancomunidades agrárias, equacionando-as e fazendo-as convergir para um mesmo destino, corresponde, com efeito, à regra de equilíbrio e isocronia que a ofensiva economica hodierna acaba de descobrir nesse orgão insubstituivel de ponderação social que é o Rei.

De anacronismo desacreditado pelas fantasias desempedidas do Progresso-Indefinido, eis que assume o viço invencivel das cousas imortaes. A nevrose atrabiliária da Revolução provocou angustiosos problemas que, longe de os solucionar, cada vez os

agrava mais no proseguimento da sua curva fatal. Como óntem, durante a carregada elaboração mediévica, a Monarquia oferece-nos a riqueza ilimitada dos seus recursos naturais. Ela é uma criação realista da sociedade, marca a saude dos povos e mantem-nos em bôa higiene política. Um preconceito escusado! — eu sei que é a resposta de Mr. Bouteiller, vertido para vernáculo em quantos perus enrufados gaguejam para aí a cartilha decadente dos *Direitos-do-Homem*, Mas seja então um preconceito! Não nos esqueçamos, porêm, que já Taine categorisava o preconceito como uma espécie de rasão cujas rasões se ignoram.

O negativismo étnico e a superstição da Liberdade são nesta pobre terra, desassistida da mais rudimentar cultura, os polos falsissimos entre os quaes se desdobra e toma posturas a inteligencia indígena. A visão da nossa historia entorta-se em prevenções rancorosas e em miragens inimigas que desvirtuam os grandes rumos da alma colectiva. «As nações perdem-se mais pelo erro do que pelo vicío»—escrevia Le Play á boca dos desastres de 1870. Nós sofremos um tratamento errado que, a persistir, nos arremessará sem remédio para uma vala ignobil em que até os epitáfios hão-de ser um sarcasmo. Surpreendidos pelas abstrações brilhantes do Humanismo, a febre egotética da Renascença empurrou-nos para a

tragedia da India, cheios de megalomanias esplendorosas. Quizemo-nos regenerar mais tarde, — é verdade. Mas os areaes de Alcacer, que não poderam tornar-se a porta aberta para uma existencia direita, ensinaram-nos ao menos a temperar na expiação as cordas líricas do nosso genio adormecido. Seguiram-se colapsos, houve intermitencias de vigor. E vai que talvez viéssemos a alevantar cabeça se o romantismo gaulês nos não salteasse em toda a furia da sua desorganização do Sentimento.

Tutelados por incríveis quimeras exóticas, hoje desconhecemo-nos. Somos tal como o sonambulo que anda, mas automaticamente. No vazio absoluto em que um dia démos conosco, ao cabo de nos desbaratarmos atrás de mentiras doiradas e de cantigas pérfidas de sereia, entrou-nos até á medula dos ossos o vencidismo dos inuteis, que era o primeiro passo para a anulação cobarde dos suicidas. A série de desastres em que a pouco e pouco se nos foi definhando a virilidade, oh, nós não a denunciamos como o fruto maldito das importações estrangeiristas que intimamente nos dessoravam e dessoram o sangue! Antes a levamos á conta da nossa incapacidade do povo, fadado, — dizíamos —, mais para se conduzir em rebanho, que para empunhar nas mãos desageitadas o báculo erecto de pastor. Já sem a esperança do Encoberto, a caravela lusitana ia-se ao fundo. Nas solidões do Mar — Tormentorio só as *almas-de-mestre* lhe haviam de responsar a agonia, esquecido

nos hortejos de Enxabregas o bom S. Fr. Pedro Gonçalves de momentos melhores e de mais fortuna.

Tenta-se na crise presente uma seria valorisação nacional. Apenas pela volta ao fio interrompido da Tradição se atalhará o despenho acelerado para o abismo. Tradição importa, não um ponto imovel no Passado, não um enclausuramento em formas obsoletas e cristalisadas, mas sim a obediencia consciente áquele determinismo de Raça e Meio que, gerado por inflexiveis condições históricas e físicas, não se aliena de nós sem se alienar conjuntamente a raiz da nossa propria personalidade.

Uma nacionalidade é um facto biológico, ao qual os caracteres hereditarios, fixados pela recorrencia atávica das gerações para o tipo único que as conforma, reveste de linhas que são tão suas, como é minha a disposição particular e incomunicavel que a mim me imprimem os meus antecedentes familiares. Pensar em destruir esses caracteres, começando por ser uma revolta estulta contra as inalteraveis leis da ancestralidade, termina irreparavelmente na inutilização de quanto somos e de quanto queremos. O individuo só se explica como élo de uma cadeia que nunca se desata. A historia, considerada em globo, é a assembléa geral dos Defuntos e dos Nascituros. Nós não representamos adentro dela senão uma minoria insignificante, quasi imperceptivel. E' na idealização do homem abstracto, tão abstracto como a Razão-Pura, que o erro metafí-

sico do 93 se fortalece e ateima. Declara-nos libertos dos múltiplos vínculos de ordem moral e material que nos subordinam ao preceito provado dos Avós. E, de desfrenação em desfrenação, tesourados os laços colectivos da Comuna e da Oficina, chega-se ao ponto agudo de romper com a Familia e com a Patria. O libertario, colocado adentro do sofisma, é assim bem mais coerente com ele, de que os democratas encartados da Soberania Popular.

Eu não compreendo o patriotismo da Revolução. Patria vem de *terra patrum,* implica o reconhecimento dos valores afectivos e institucionaes do Passado. Nã sendo um crente, Fustel de Coulanges mandava, contudo, no seu testamento que o enterrassem segundo os ritos da Igreja Catolica. «*Je désire un service conforme à l'usage des Français, c'est-à-dire un service à l'église. Je ne suis, à la vérité, ni pratiquant, ni croyant; mais je dois me souvenir que je suis né dans la religion catholique et que ceux qui m'ont précédé dans la vie étaient aussi catholiques. Le patriotisme exige que si l'on ne pense pas comme les ancêtres, on respecte au moins ce qu'ils ont pensé*» (1). Eis como se nos descobre a contornadíssima figura do autor de *La cité antique* nas suas disposições finaes.

Tambem um dos nomes mais cotados do materialismo francês, o neurologista Jules Soury, declarando-se ateu irremível, confessava-se ao mesmo tempo católico e tradicio-

(1) Paul Guiraud, *Fustel de Coulanges*, pag. 266. Paris, Hachette, 1895.

nalista. Durante a existencia, em nós nada ha que não se transforme ou que não se renove. Sómente os neurones se conservam inalteraveis, do nascimento até ao óbito. Pois nos neurones reside, como depósito das sensações estratificadas na ascendencia, o motivo basilar da idéa de Patria, que não é, consequentemente, uma idéa de convenção que se robusteça nos conceitos jurídicos da sociedade, mas antes uma realidade tão viva, tão palpitante em nós, como a nossa propria realidade. Sustentando esta rasão fisiológica do patriotismo, Jules Soury batia-se pelas regalias civis da Igreja Católica em França, como guardiã secular da cultura autóctone. No aceso do processo Dreyfus lá o vimos a desmascarar o trama semita e pondo toda a sua indignação contra as cabalas sem honra que reabilitaram o Traidor.

Tem fundamentos parecidos o patriotismo revolucionário de óntem e de hoje? Oriundo do Homem impossivel da célebre declaração de 89, considera as nacionalidades como um simples arranjo de interesses garantidos pela lei. São como que um estádio de transição, em que a divergencia de fronteiras e o instinto de raça se hão-de apagar num quadro mais amplo e mais generoso, como é o da Nação-Humanidade. Não é outra a doutrina ortodóxa dos Imortaes-Princípios. Ha bem pouco ainda um político português, de ridículo e cordeal recorte, assim o asseverava no ministério do Interior a pretos que o tinham procurado para protestar não sei contra quê e porquê. E regeu a cria-

tura uma cadeira de antropologia na universidade de Coimbra!

Entende-se, pois, porque os libertarios são, sem favor, mais sinceros e mais coerentes do que os governamentaes paridos pelo solitarismo idílico de Jean-Jacques. Eles é que observam com pureza a verdadeira essencia da liberdade teórica, advinda com as contemplações naturalistas do Ermo. Descendem em linha recta do nefasto *espirito-de-análise*, = desse barbarismo sem nome nem dignidade que foi a vitória dos ideaes protestantes sobre o claro entendimento do Ocidente. Vítimas dum conflito inapaziguavel, julgam lutar, lutar, até ás últimas, pela sua emancipação de bestas de carga. No apuro de contas, é contra si que lutam, é contra si que enclavinham as mãos torcionadas, porque na demencia que os seduz e avassala, é contra a regra natural de sempre que nós os vemos alevantar, de raivas na boca e os olhos em sangue, bramindo como endemoninhados. Auguste Comte é que soltou um *veredictum* inexorável. «*Insurreição do individuo contra a especie!*»—exclamava o vidente da *Rue Monsieur-Le Prince* quando era preciso marcar com um ferro em braza a balbúrdia sinistra da Revolução.

A causa aguda do nosso eclipse mortal deriva, sem dúvida, das máximas negativas com que a Enciclopédia superexcitou uma época de imaginação e melancolia. Vagarosamente nos resarcíramos das feridas abertas pelo delirio ecuménico da Conquista. A *Feliz-Acclamação,* depois do aprendizado ma-

gnífico com que nos exercitaram sessenta anos de cativeiro, soubera-nos restituir os prodigiosos recursos do Luso. Mas aproximava-se a era das interrogações intelectualistas com Descartes por corifeu. «*O Discurso-do-Methodo*» chegaria a toda a parte, transportando para as categorias psicológicas dos países ocidentaes o ácido corrosivo do «*livre-exame*». O estadismo enfático do seculo XVIII apossava-se das direções supremas da governança. A' pluralidade riquissima dos costumes e das instituições sobrepõe-se uma inteiriçada construção geométrica, em que a espontaneidade social se amarfanha e morre sufocada. O vento tumultuario do *Contracto* provoca a erupção da catástrofe. Descobre-se o Luar, amam-se as ruinas fingidas. E em seguida a um spasmo ideológico em que vai abaixo a Pátria Portuguêsa no desaforado empenho com que lhe retaçam o arcaboiço e lhe derrubam os suportes, as fluctuações e as nevoas tomam conta de nós. E' um lento sossobrar de naufragio nas aguas podres de um pântano, com uma expressão alvar de indiferença esteriotipando-se em cinismo.

Oh! mas nem tudo se perdeu nas jornadas de 1830 com Mousinho da Silveira aluindo as paredes mestras da Nacionalidade á força de reformismos e mais reformismos. O «*Coração-sensivel*» traíu-nos nos seus entusiasmos de melodrama. A *Carta* eu a tenho como uma pregoeira de impudor, leiloando a casa dos vivos, enquanto não punha em praça o palmo e meio de chão

onde os mortos jaziam. No embuste constitucionalista continha-se, de corpo e alma, a paranoia de tragi-comedia que hoje nos leva desarvorados como uma nave sem rumo. O que nos aguarda ao termo da doida correria? Ausculte-se o sentir de Portugal num apelo decidido ás energias que porventura escapassem intactas! Lancemos um grito de fé que congregue para a grande batalha todas as criaturas de *Bôa-Vontade!* Não teem numero os preconceitos que nos estorvam um gesto, que nos depõem em aposentação, convencidos de que o *requiem* final não demora aí. Mas se uma claridade súbita nos desembaraçar a estrada e nos conferir o esvaído dom duma finalidade que nos aglutine na demanda do mesmo destino, esta apagada e vil tristeza ha-de ser como a bruma facil de setembro esfarrapando-se pelas alturas, ao contacto de aragem.

Nem tudo se perdeu nas jornadas fataes de 1830,—dizia eu. E' que, se o carnaval permanente dos políticos prostituia o decoro colectivo, reduzindo os mais nobres estímulos cívicos a formularios despidos de senso, uma legião de trabalhadores fervorosos não deixara, no entretanto, de arrecadar da lareira obstruida da Raça as desperdiçadas riquezas do nosso tesoiro tradicional. A ignorancia do Povo,—bemdita essa ignorancia! —, resistindo á esponja uniformizadora dos improvisos administrativos, mantivera consigo, nos recessos mais interditos do seu sub-consciente, o sinal divino do genio lusitanista. Vendida pelos bazares tor-

pes da Regeneração, em que Pacheco campava de braço dado com Acácio, a Pátria era como uma escrava anónima, neta de Santos e de Reis, cuja árvore de costado se houvesse perdido no desabar do prestígio antigo. Então, no afastamento fecundo das provincias que o urbanismo principiava a despaísar, é que os folc-loristas e os arqueólogos, pelas seroadas intérminas do bom saber, acudiram, de ânimo contente e dedicação enlevada, ao patrimonio em almoeda. Se um dia Portugal tornar a ser Portugal, com os heroes afonsinos que libertaram o solo e estabeleceram a Grey, teremos que reverenciar não só os letrados e os demais burguêses de Quatrocentos que ultimaram a fábrica robusta da Nacionalidade. Ao lado deles, imparceirando com os nossos epónimos mais veneráveis, figurarão, por justiça dos vindoiros, os obreiros iluminados da *Revista Lusitana* e da *Portugalia*. Alcemos os corações ao alto! Não é um povo moribundo o povo que sente por si o testemunho de Estacio da Veiga, de Martins Sarmento, de Rocha Peixoto, de Antonio Tomás Pires, de Santos Rocha, de Fonseca Cardoso, — para não falar senão naqueles que a morte nos arrepanhou. Os materiaes encontram-se carreados com desvelo e com canceiras. Cabe agora á geração que sobe traçar o plano, meter o esforço á santa cruzada do resgate! Cumpre-nos, por um encargo indeclinavel, congraçar numa síntese positivista os subsidios trazidos dos quatro cantos da esfera. *A Verdade portuguêsa* aparecerá

assim como um sistema prático de cura aos que já não crêem no soerguimento da Pátria.

E' como que um breviário do que seja em esboço a doutrina nacionalista da hora futura que eu procuro realizar aqui, num exame rápido dos seus artigos fundamentaes. Escolhendo este assunto para uma dissertação oficial, o meu desejo é vêr discutidas no campo sereno da sciencia as razões medulares do *Integralismo Lusitano*. Condensam-se num feixe minguade de páginas os resultados incontestaveis de tanto lustro de pesquizas e interrogações. O momento de afirmar chegou. Com a atenção poisada em monografias do mais variado eruditismo, eu pregunto se não sôa o instante de se destrinçar o fio que entrelaça no pendor das mesmas conclusões a obra de um Teófilo Braga com a de um Adolfo Coelho, — por exemplo —, tão antagónicas que se nos manifestam as suas posturas de escola e de especialização? Leite de Vasconcellos, Henrique da Gama Barros, e Sousa Costa Lobo completam Herculano, rectificam Oliveira Martins. Passou a fase negativa em que a corrosão liberalenga alastrava pavorosamente por cima dos nossos motivos de crer e de querer. Com o inventário efectuado com tanto amor por folc-loristas e arqueólogos, a ninguem é já lícito desconfiar se somos um povo, se temos direito de sel-o.

Denunciem-se os pessimismos e os ludíbrios que nos colocaram á margem do coma derradeiro. Pelo espírito histórico

rejuvenescido, restituamos á Nacionalidade adormentada o seu inviolavel «*meio-vital*». Com Stein e Mommsen se formou a Alemanha moderna. O historiador antecedeu o político. Que nos importam os negrumes deste minuto pesado, com o extrangeiro do interior mandando entre nós? Quando Fichte proclamava nos seus discursos á nação alemã a superioridade universal do génio germânico, havia em Berlim um governador francês.

A hipótese do HOMO EUROPÆUS

A população portuguêsa é no seu fundo antropológico reputada como a mais homogenea de toda a Europa. O tipo autóctone pertence ao grupo dito de Beaumes-Chaudes e encontra entre nós o exemplo mais completo no homem chamado de Mugem. (1)

O homem chamado de Mugem é o dolicoide meão, moreno e mesorrínico, que predomina ainda com maior ou menor pureza nas regiões insuladas da montanha. Identifica-se genericamente com o padrão mediterraneo ou arábico *(Homo-mediterraneus* ou *homo-arabicus)* e filia-se nesse recuado mundo étnico que, desenrolando-se sobretudo á volta das zonas marítimas, se veiu a revelar como possuidor duma alta capacidade de cultura através da brilhante civilisação egeana. São os pelasgos da tradição imemorial, óptimos fundadores de cidades, com um assinalado genio pacífico e construtor. Congregados numa vasta irmandade que tomava quasi as costas atlanticas e rompia pelo Estreito adentro, cedo conheceram a navegação e o comercio, conquanto as suas preferencias fossem sedentarias e agrícolas. E' ao Levante, em Creta principalmente, que atingem o apogeu da influencia, chegando a determinar as grandes direções religiosas e artísticas do Oriente dominador.

---

(1) Fonseca Cardoso —*Anthropologia portugueza*, in *Notas sobre Portugal*. Vol. I—Pag. 70-72. Lisboa, 1908. Ricardo Severo,—*Origens da nacionalidade portugueza*. Lisboa, 1912. Pag. 29-32.

Uma revolução se consuma assim nos ambitos serenos da sciencia. A miragem asiática desfalece de hora para hora; e o centro irradiador dos primeiros passos da humanidade é para os nossos lados qu se desloca,—para a misteriosa Ophiusa dos périplos fenícios. Perante os resultados concludentes da investigação arqueológica, a marcha do Sol, com efeito, não governa mais o rumo dos êxodos antigos. Não foi do Nascente maravilhoso que as Idéas e as Formas, ainda na infancia, partiram com vagares processionaes com rumo ás desvairadas ribas para onde Europa fugiu, cavalgando o touro sagrado. E' antes sobre o Atlantico que nós temos de procurar um dos mais ricos lararios da Terra em expectação. Vão-se abaixo as impertinencias monogénicas e atrás delas abala todo o aparato teórico com que mais de meio seculo de presunções e apriorismos se entreteve a improvisar origens. Está bem apeado de altar-mór dos Povos o magestoso Pamir com os seus rios sagrados banhando-lhe as faldas em adoração. O *Ex Oriente lux!* da velha invocação teúrgica já o não saúda como o berço místico das gerações ajoelhadas. Filhos dos deuses, gente eleita para o supremo oficio de iniciadores, os Arias já se não teem por descidos dos pla naltos augustos, — nem o Caucaso, venerado como ninho paterno da familia branca, se estilisa mais para a nossa contemplação com as linhas enigmáticas de logar privilegiado. O alvião esfrangalhou o mito. A filologia não se condoeu e desfe-lo duma vez.

Sabe-se hoje que as sucessivas civilisações europêas foram até á época da Téne (1) de pura extração indígena. Uma forte cultura neolítica se desemvolveria em leque, segundo Salomon Reinach, com eixo de apoio na Europa central ou nórdica. (2) Desse ponto, problemático por enquanto, se despediriam para a periferia os admiraveis embriões que vieram depois a adquirir suficiencia propria, mal raiou o

---

(1) «*Le mirage oriental*» in «*Chroniques d'Orient*». *Deuxième série*. Paris, 1896. Pag. 535-536.

(2) *Obr. e vol. cit.* Pag. 565.

conhecimento dos metais. Imaginou-se por largos tempos que a religiosidade, a agricultura e a industria não passavam de importações comunicadas da Asia por formidaveis massas humanas, marchando lentamente para a ocupação do Orbe. Porêm, o vaso classificado de Furfooz, (1) de atestada precedencia quaternaria, invalida a peregrina hipótese sem mais embargo nem apelação.

As sepulturas do Solutré, por outro lado, mostram nos o culto dos mortos exercido já com intensidade na transição mesolítica do Ocidente. Não resiste á mesma contra-prova a opinião, longamente professada, de que os animaes domésticos seriam introduzidos aqui por bandos exóticos. E' que o cavalo e o boi não representam uma especie zoológica localizada em qualquer rincão favorecido da Asia. Achavam-se espalhados no estado selvagem por todo o nosso continente. E a sua domesticidade, como a do cão, do porco e dos outros animaes congéneres, abona-se á farta pelos restos recolhidos em bastantes estações pre-historicas, garantidas pelos mais rigorosos caracteres de autoctonia. (2)

Mas onde o desbarate é ruidoso é no campo da linguística. Demite-se o sanscrito da dignidade de lingua-mãe, apurando-se que o lituano é bem mais anterior nas embaraçadas genealogias idiomáticas. (3) Comparadas as diversas linguas europêas com essa respeitavel sobrevivencia, vê-se que lhe guardaram com aproximação a morfologia e a fonética, sem que demostrem parentesco mais velho com a lingua suposta dos Arias. A critica encarniça-se deveras em denunciar o equívoco. A queda do sanscrito segue-se a dos Vedas e a do Avesta como literatura inicial da humanidade. As mitografias engenhosas de Max Müller esborôam-se irremediavelmente. E nós ficámos sabendo por

(1) Salomon Reinach, *obr. e vol. cit.*, pag. 518.
(2) *Obr. e vol. cit.*, pag. 516 e 521.
(3) *Obr. e vol. cit.*, pag. 511.

trabalhos notabilissimos que o Ramayana não ascende talvez a 1000 annos antes de Christo. (1)

Criaram-se ilusões sobre a remota antiguidade da escrita indiana. Pois actualmente apenas se considera como uma derivação dos alfabetos grego e armenio, de data posterior a Alexandre Magno. E' tambem a data do Avesta, depositário dos tesoiros teogónicos do Turan. Coincide a sua aparição com a renascença persa operada sob os Sassanidas tres seculos depois de Christo, sendo o livro sagrado da religião contemporanea dos Acménides. Penetram-no elementos moraes e filosóficos, devidos a um contacto evidente com o judaismo e com o belo espírito neo-platónico. A redação é em *zend*, idioma morto, de exclusivo emprego sacerdotal. (2)

Igual proveniencia asiática se quís atribuir á metalurgia. Fixou-se em Malaca e em Banca a séde de importantes jazigos mineraes que alimentariam a Europa durante os alvores do metal. Mais uma ficção que se pulverisa, batida pela realidade crescente! A Península, opulenta de cobre, prelimina o esplendor do período bronzífero. E' ás Cassitérides que as naves rudimentares do Atlantes vão buscar o estanho necessario ao fabrico do bronze. Propulsores de uma ampla faina mercantil que em nada se agradece ás parcas transmissões semitas, os Albiões pesquisam e traficam ali uma espantosa abundancia de minerio. O movimento de exportação efectua-se para o sudoeste de Espanha,— para Tartessus, com roteiros assentes, bordejando as costas, e para o ámago da Europa pelas estradas fluviaes do Rhodano, Danubio e Rheno. A civilisação de bronze sobe por isso entre nós a um ciclo bem mais afastado que o da chegada das van-

(1) *Obr. e vol. cit.*, pags. 512 e 513.
(2) Salomon Reinach, *obr. e vol. cit.*, pag. 512 e 513.
(3) Vid. toda a obra de Martins Sarmento, principalmente:— *Ora Maritima*, *Os Argonautas* e *A arte mycénica no noroeste de Hispanha* in vol. I da *Portugalia*. Aos trabalhos de Martins Sarmento me encosto quando não documente as afirmações que haja de fazer

guardas fenícias ao Mar de Norte ou Mar Cronio no seculo XII (a. C).

O mobiliario recolhido nas cidades lacustres da Suissa permite-nos recuar mais longe. Um povo que utilizava o bronze e dispunha de uma marinha apreciavel já se estabelecera na Sicilia anteriormente á guerra de Troia, — na Sicilia dos Ciclopes e dos Listrigões da criação homérica. A civilisação do bronze reveste-se, pelo exposto, de inteira autonomia no Ocidente. Instrumentos exhumados no Egito e na Caldéa denunciaram pela análise química uma proporção inalteravel de nove partes de cobre para uma parte de estanho. E' a liga que se observa com regularidade nos objectos desenterrados em toda a latitude oéste-europêa. (1) Não se pense, por conseguinte, na aclimatação da metalurgia. Cobre havia-o no Egito, mas o navegador tirio atravessa precisamente o Estreito para obter o estanho que não se encontrava nas paragens levantinas.

Intima-se a cruz gamada ou suastica para se documentar a dimanação oriental dos artefactos metálicos da nossa cultura arcaica. No fim de contas, os mais antigos exemplares do tetracelo não atingem para lá do seculo XIX (a. C). Descobriram-se em Hissarlik, não sendo o suastica mais idoso na India que a occupação macedónica, — ao que parece. Nos córtes realizados em estações da Assyria não se lhe apanharam rastos. Só num baixo - relevo de Ibriz se ostenta como insignia nas vestes dum personagem que é a olhos visto completamente estranho á civilisação babilónica. (2)

Ao mesmo tempo, a passagem da industria da pedra para o uso dos metais é afiançada nas explorações arqueológicas do Ocidente como um acontecimento normal que não oferece reticencias nem saltos bruscos. Numerosos são os dolmenes em que

(1) *Salomon Reinach, obr. e vol. cit.*, pags. 533, e Le Hon, *L'homme fossile*, citado a pags. 22, nota, do livro *Estudios sobre la época céltica en Gallicia*, por D. Leandro de Saralegui y Medina, Ferrol, 3.ª edição, 1894.

(2) Salomon Reinach, *obr. cit.*, pags. 529.

as duas idades, uma no declino, a outra apenas amanhecendo, coexistem em igual abundancia de despojos. Enquanto se admitiu que ao neolítico sucedera imediatamente o período do bronze, a miragem orientalista poude prevalecer em senhora absoluta. Pressentida, porém, pelo nosso Estácio da Veiga, a época do cobre afirma-se hoje como um termo indubitavel de transição. A' Península, povoada desde o fundo da pre-historia por um enxame numeroso e diligente, coube uma actividade de destaque nesses preludios longinquos da civilisação.

E' que o homem da idade da pedra, dolicocéfalo e autóctone, foi portador de uma cultura brilhante. As ilhas do Atlantico já então se viam habitadas. A navegação aqui é infinitamente mais velha que as decantadas empresas nauticas dos mercadores de Sidon e Tiro. Cita-se Furti como a primeira feitoria fenícia nas Espanhas. Ora, quando os flibusteiros de Canaan atravessam as Colunas, os seus périplos instruem-se com os esclarecimentos dos marítimos indígenas, familiarisados de sempre com a via aquática que levava direito ás Cassitérides. Mais arrojadas que as outras raças do Levante mediterranico, as gentes manhosas da Fenícia arriscaram-se até ás plagas de misterio em que a mitologia instalára o Orco terrível. Empurravaas já o genio cosmopolita do vendilhão que mais tarde iria pelo Universo fóra propagando as seduções do Bezerro de-Oiro. Mas ao transpôr os limites máximos do mundo conhecido, em vez de se defrontarem com os monstros marinhos da Fábula, atalaiando de noite e dia o rio Oceano, por cujas ribas desoladas os Manes se arrastariam aos ais, é com uma civilisação assombrosa que se encontram cara a cara na sua ganancia solerte de andadores de bons negocios.

De cá haviam de levar o alfabeto, que no Ocidente se evidencía em inscrições que sobem provavelmente aos ultimos adeuses do neolítico. (1)

(1) Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, tom. IV. cap VII; e Ricardo Severo, *Origens da nacionalidade portugueza*, pag. 26 e 27.

De cá transportaram cultos e ritualismos, costumes e práticas sociaes. Um apertado isolamento nos envolvia. Cuidadosamente o conservaram os nossos descobridores de acaso. Falhos de capacidade inventiva, como todo o semita, valia-lhes a inexcedivel força de assimilação que caracterisa as imaginações sensiveis.

Mergulhados no silencio e na sombra, nós continuámos a trabalhar para eles. E são eles que, apossando-se das conquistas naturaes do nosso engenho, figuram perante os textos clássicos como os criadores de quantos dons de industria e de sociabilidade a profunda alma atlantica ensinou ás compactas massas humanas do período do bronze. Eis como se concebeu o demorado preconceito fenício que tanto vicia a bela mentalidade de Herculano e obliqúa em perspectivas erroneas as conclusões do insigne Martins Sarmento, sem duvida um dos grandes anunciadores da moderna corrente ocidentalista.

Pregunta se agora:—desfalcada dos atributos sobranceiros de dogma a excessiva preoccupação monogénica de tantos e quantos doutrinarios, a que é que se reduz o arianismo teórico, — houve ou não houve, com efeito, um grupo étnico, mais dotado que os outros, detentor de faculdades mais agudas de percepção, ao qual estivesse reservado, como um presente celeste, a chave das primeiras marchas civilisadoras do homem?

Um problema de intrincada disputa se relaciona com tão legítima interrogação. Não são alheias a ele as mil e uma querelas que se desenrolam em torno da concepção evolucionista da Vida. Eu não quero chamar para as fronteiras acanhadas do presente inventário o debate dum semelhante assunto. Nem os elementos de que disponho me ajudam de modo a equaciona-lo com a requerida idoneidade scientífica. Não exorbito, contudo, se asseverar que a impossibilidade física do avô terciário é hoje recebida quasi unanimente como uma certeza entre as certezas. O achado de Dubois em Trinil não sal-

vou do descrédito a fantasia romanesca do Precursor. Baldaram-se as fadigas apostólicas de Hœckel tão depressa se lhe surprehendeu a falsificação das suas famosas fotografias embriogénicas. O pobre doutor de Iena, do alto do seu pontificado monista, viu-se compelido a declarações que lhe comprometteram para todo o sempre a reputação de scientista honesto. «Depois de uma aventura tão esmagadora, decerto que me considero inexoravelmente desprestigiado, — confessava ele em 29 de dezembro de 1908 no *Volkzeitung*, de Berlim. Mas eu consolava-me se ao meu lado se assentassem no banco dos reus centenas e centenas de cúmplices que, biologos afamados, cheios da confiança geral, usam e abusam dos mesmos processos.» (1)

O transformismo sofreu com a exautoração do patriarca um golpe mortal. Não admitindo para a origem da existencia senão um tipo rudimentar de vida, provido, no entanto, de poderosas energias elaboradoras, abandonou-se á hipótese quimérica dum progresso indefinido, por virtude do qual os mineraes passariam a vegetaes, os vegetaes a animaes, rompendo estes pela monera acima e concluíndo no homem ao fim de vinte e quatro estadios, assinalados sem maior cerimonia pelo professor alemão. Caía-se na geração espontanea, — o que se pretendia era negar a evidencia dum supremo acto criador. Tinham corrido mundo as descobertas sensacionaes de Pasteur. Dominados, entrementes, pela obsessão materialista, tres sabios categorisados, Pouchet, Joly e Musset, sustentaram que a experiencia os conduzira a resultados contrarios aos do seu ilustre compatriota. Durante um momento Mr. Homais respirou com alívio. Sol de pouca dura foi a alegria farisaica do boticario de Rouen! Um testemunho insuspeito surgia dentro em pouco da parte de Tyndall, cujas tendencias antiespiritualistas se não desconheciam. Adepto das

(1) Charles Heyraud: — *La France de demain. Celle qu'on nous offre. Celle qu'il nous faut.* Librairie Académique Perrin & C.ie. Paris, 1911. Pags. 352-361.

teorias novas em principio, Tyndall acabou por confirmar as leis biológicas que Pasteur formulara, chegando á verificação delas por processos diferentes. «Não ha na sciencia experimental nada de mais positivo», —asseverava ele mais tarde em acto de contrição. (1)

Depoimentos de peso deram em se ajuntar uns aos outros. A paleontologia pela boca de Banco, director do Instituto Geológico de Berlim, veiu dizer que não se conheciam antepassados ao homem, pois nunca seria possivel atribuír a ascendencia de todos os organismos vivos a um tronco único. Por outra banda Charles Richet sustentava em público e raso que entre o primeiro dos macacos e o último dos homens se abria um fosso que ninguem transpunha. E Huxley, que se alcunhara de *bull-dog*, do transformismo, renegou-o depois numa conversão estrondosíssima.

Com Huxley é que aconteceu a deliciosa aventura do *Bathybius*. Era o *Bathybius* uma espécie de muco amorfo, agarrado ás profundidades do mar, que pela sua natureza primordial e viscosa podia muito bem ser um produto espontaneo do protoplasma. Huxley fez alarde com a descoberta e dedicou-a a Hœckel, seu amigo, «*qui en avait grand besoin,*» —ilucida a ironia mansa de alguem. Pois, transitados onze annos, —o *Bathybius* alarmara o pensamento scientífico por volta de 1868, —o proprio Huxley assistia em 1879 a um congresso de sabios, reunido em Sheffield. No discurso de abertura, o presidente alude intusiasticamente ao *Bathybius*. Huxley, mal o ouve, pede logo a palavra. E é Huxley, pae do *Bathybius*, introdutor na biologia duma monera tão alcovitada, —é Huxley, deante de assembléa suspensa de pasmo, que conta com frouxos de riso a historia divertidíssima da sua descoberta. Ai de nós, o *Bathybyus* não ia alem dum pobre precipitado gelatinosõ de sulfato de

(1) Charles Heyrand:—*Obr. cit.*

cal com alguma materia organica á mistura! (1) Submetido ao exame do microscopio, revelou-se como uma mucosidade expelida por certos zoófitos quando os roçam os engenhos de pesca. Assim o observou Milne — Edwards nos seus estudos oceanográficos. No que viera a parar a gloria do monismo! Já se lhe procurára até um ascendente. Das entranhas do Mar-Artico se arrancára nada mais, nada menos, do que o *Proto-Bathybius!*

Georges Sorel tinha razão quando classificou as curiosas hipóteses evolucionistas de Hœckel & C.ª como contos mitológicos iguaes aqueles que faziam as delicias dos antigos serões aristocráticos. «As consequencias do alvoroço provocado por estes contos modernos, anota o filósofo, são de importancia, porque os seus leitores convencem-se de que podem resolver-se todas as dificuldades que a vida diaria nos oferece, da mesma maneira porque se resolvem todas as que existem na cosmologia. Provém d'aí a confiança insensata na deliberação das pessoas instruídas e que é uma das bases ideológicas da superstição do Estado contemporaneo.» (2)

Eis como o ludibrio racionalista se socorre dos abusos derivados da doutrina de Darwin. A ela pediu a utopia revolucionaria a justificação dos mais dementados gregarismos, tentando explicar o conceito milenarista da Cidade — Futura pelo sentido biológico da Evolução,—segundo o principio do aperfeiçoamento ideal para que os seres tendem indefinidamente, através de alterações consecutivas e incessantes. A instabilidade arvorara-se em segura regra scientífica e sociológica. Não houve invenção subversiva que não se autorisasse com a nomenclatura pomposa do transformismo. Gerou-se a crendice baixa do Progresso que os caixeiros-viajantes ostentam pelos botequins em

(1) Cardinal Manning,—*Les raisons de ma croyance.* Notas do tradutor E. Peltier, pags. 48 a 51. Bloud & C.ie. *Huitième édition*, 1913.

(2) *Les illusions du progrés*, pags. 50. Paris, Marcel Riviére. *Deuxième édition.*

luxos intelectuaes de ínfima marca. As chamadas «*idéas-avançadas*» ganharam foros respeitaveis, graças a' legiões e legiões de primarios alimentados duma palavrosa cultura oficial. Eu não insisto no rosario de desastres a que as sentenças dogmáticas da Evolução arrastaram o perido histórico que a guerra presente sepulta com duas pazadas e meia de terra na vala mortuaria das cousas sem nome. Basta que assinale a emenda porque está passando o criterio correntio de Evolução com as descobertas sensacionaes de René Quinton.

«*Evolução*» já não significa «*mudança*», «*modificação*», mas antes «*permanencia,*» «*fixidês.*» Toda a manobra afincada da Vida se empenha em manter integralmente as condicções específicas da sua génese. E' o principio designado por *lei da constancia original dos seres*. Réné Quinton, definindo-o, ensina-nos que o homem é um animal dos trópicos, não subsistindo senão no estado natural nas visinhanças do Equador. «*Son habit, sous les latitudes plus hautes*, declara ele, *est secondaire et tout á fait artificiel. Il ne le mantient que grâce a des vêtements protecteurs qui ménagent son rayonnement et à l'usage du feu, par lequel il élève la température du milieu ambiant. Comme les végétaux des tropiques qu'il cultive industrieusement, l'Homme sous nos latitudes et plus de dix mois de l'année ne vit qu'en «serre chaude»*. Para os que dobram o joelho em frente do fetichismo aparatoso do Progresso, a sciencia aparece-lhes de súbito a informa-los, — oh, que desapontamento! —, que só por uma deficiencia fisiológica o *homo-sapiens* se viu na necessidade de apurar o instinto e de suprir por tentativas dolorosas contra as exigencias constantes do mínimo—esforço essa falha irreparavel que dentro de nós deu sinal de si, logo que o resfriamento do globo entrou a prejudicar o equilibrio térmico das nossas funcções vitaes.

Prova-se, afinal, que o Progresso reside na razão inversa da viabilidade física dos seres. Aon-

(1) *L'eau du mer, milieu organique*, pags. 435. Paris, Masson et C.ie, 1912. *Deuxième édition.*

de é que se refugia assim, com um desacato tamanho, o nosso orgulho de emancipados, mirando-se e remirando-se numa civilisação de aranhiços de aço, tão ancho, tão gordo de vaidade, que até parecia ter a Deus em casa, debaixo do travesseiro? Eu oiço desfalecer a voz papuda do Pinto Porto, — «*Quem não admirará as conquistas deste século?*—, no fonógrafo destemperadissimo de Jacinto Galião. Mas, em recompensa, desembaraçado o pensamento de materialismos sectarios, uma nova claridade nos comunica o verdadeiro senso do mundo, rasgando perspectivas inéditas á inteligencia, quando exercida como meio de conhecimento, nunca como sacerdotisa suprema que oficie de *De omni re scibili.*

O homo-sapiens desce de pronto para *homo-faber*. A luta contra nós mesmos, — a lucta inapaziguavel contra as seducções da menor—fadiga, levanos a batalhar duramente, á chuva e ao sol, de noite e dia, — «*Tu comerás o teu pão no suór do teu rosto!*» manda a palavra divina, — para que obtenhamos das hostilidade da natureza a permissão custosíssima de prevalecer. O fundo optimista das pregações democráticas, com os paroxismos líricos do cidadão de Genebra proclamando a bondade nativa do homem, não é senão o vapor dum sonho tonto com que se procuram sobredoirar as imposições draconianas do *streuggle*. Bem pelo contrario, baseada na deficiencia dos nossos recursos, a guerra é o motivo primacial da Vida, envolvendo, com um empenhado trabalho selecionista, a defeza sanitaria de nós proprios contra os apetites rebeldes que, -- sereias a amolentar nos,—a cada hora nos convidam a não agir. Por isso o conteúdo pessimista das religiões, preceituando a inibição como regra mais aceitavel de melhoria moral, não só se combina com o propósito conservador da Espécie, como serve, da única forma perduravel e eficaz, a valorisação crescente do vertebrado anónimo que, pela idéa da renuncia e do ascetismo, se possuiu duma finalidade e poude com ela vencer as sombras da sua noite inferior.

As directrizes projetadas pelas conclusões de René Quinton, modificando o sentido caprichoso da Evolução, acabaram por desvanecer a fantasia de Mortillet que inferira dos sílices de Thenay e de Otta a presença dum individuo que se inclinava de simpatia para os lagos e já obtinha o fogo pela percussão da pederneira. Seria o Precursor, destinado tão sómente a «*ennuyer les curés*». Na distribuição graciosa do seu inventor coube-nos um:—o *Anthropopithecus—Ribeiroï*, em homenagem ao general Carlos Ribeiro que andara pelos vales do Tejo arrepanhando bocados de rocha, com indicios de corte intencional. Trata-se duma novela como tantas outras! E é com indignada veemencia que o ilustre Lapparent acentua que uma creatura que fazia como Mortillet profissão de sciencia positiva não recuava em «*créer un nom de genre pour désigner un animal dont il n'existait pas le moindre vestige*». (1)

Parecida só a historia alegre dos eolitos. Teve aplausos e foi moda, na Belgica sobretudo, a corrente sabia que se entreteve a prefaciar o periodo paleolítico como essa nova idade pre-histórica. Travaram-se pelejas, tremeu Troia. Mas, no grosso da contenda, quando as bibliotecas se pejavam de doutoralíssimas dissertações e Bisancio resuscitava nos dominios da arqueologia, salta de chofre a noticia da fabricação espontanea dos misteriosos calhaus em que se pretendia descortinar os traços mal ensaiados duma industria mais rudimentar que a da pedra lascada. E' uma anedota muito comprida que me desviaria do meu roteiro, se a contasse.

Basta saber-se que a questão morreu estrangulada em ápartes de facecia, ao divulgar-se a noticia de que sílices como os eolitos famigerados do arqueologo Rutot se produziam numa oficina de cimento em Guerville, onde os estratos de pedra deixados por assimilar dentro das cubas tomavam exactamente as mesmas formas e a mesma configuração.

---

(1) A. de Lapparent:— *Les silex taillés et l'ancienneté de l'Homme*, pag. 22. Paris, Bloud & C.ª, 1909.

«*Or ce que l'appareil de Guerville a-complit en vint neuf-heures, grâce á la rapide rotation de la herse, les rivières quaternaires l'ont fait aussi pour leur compte, plus lentement, sans doute, mais em se reprenant à bien des fois.*» (1).

Pois o falado e refalado homem fossil abala como os eolitos, toma por caminho igual. O *máchoire* celebérrimo do Moulin—Quignon sumiu-se já das reflexões scientíficas e não tardará talvez que a antiguidade das raças ditas de Cannstatt e de Neanderthal transite de generalisação exagerada para os limites mais comesinhos duma observação incompleta. Não se compreende com rigor que, dos restos dum craneo apenas e do exame circunscrito dum esqueleto que circunstancias ignoradas podiam ter inhumado em jazimentos arcaicos, se deduzisse toda a reconstituição dum tipo étnico que, a avaliar pelos pormenores descritivos em que os especialistas se extenuam, era como que uma realidade de hoje em dia, passeando por aí ao sol claro, ombro a ombro conosco.

Correm a tal respeito as apreciações mais divergentes. Mas a maioria propende para classificar como duvidosas essas peças ostiológicas e encara-las como pertencentes a tempos menos recuados. Só em 1835, cento e trinta e cinco annos depois de ser achado, é que o craneo de Cannstatt recebe a primeira alusão. Discorrendo ácerca dos fosseis mameloides do Wurtemberg, Jæger refere áquela data que num museu de Stuttgart se encontravam uns fragmentos de craneo, recolhidos, segundo indicação local, de mistura com uns vasos antigos no anno de 1700. Nada se conhecia já então das condições do depósito. Que subsidios de crédito habilitavam, portanto, a sciencia a emitir um juizo seguro, quando decorrera mais dum seculo sobre o aparecimento de tão minguadas provas, para que se edificasse com elas uma certeza antropológica, como é a que se inculca no homem qualificado de Cannstatt?

(1) A. de Lapparent:—obr. cit. pag. 50.

E' análogo o caso do esqueleto de Neanderthal, consagrado com ruido pela escola de Mortillet como parente próximo dos grandes antropoides do terciario. Treparia ainda pelas arvores com a maior ligeireza, como parecia demonstral-o a sua conformação ossea. Não faltaram nem *croquis* nem notas de *habitat*,—numa imaginação pródiga de romance—folhetim. No cabo, esmiuçadas as circunstancias da proveniencia, em seguida a memorias e memorias que guarneceriam uma livraria inteira, apura-se que ninguem estudou *in situ* o esqueleto de Neanderthal, nem tão pouco se procedeu a uma seria análise petrográfica da caverna em que fôra desenterrado. (1)

Reduzido assim a proporções cada vez mais infelizes, com a deshonra crescente do homem fossil, o Precursor foi descaíndo de dia para dia num ridículo inexoravel. Primara por momentos nas mentalidades obstinadas. Desfalecido, porêm, o clamor do sucesso, diminuira-se, diminuira-se, ao ponto de não ser dentro de breve senão uma grossa caricatura simiesca, de regresso ao simples mito, — ao vago nebuloso de uns tantos cerebros, d'onde jámais devera ter saído. Agora René Quinton termina a exautoração. Debruçado no laboratorio e á face dos dados fornecidos pela anatomia comparada, não só nos ensina, contra os dogmas correntios do transformismo, que o homem não é o verdadeiro termo da escala dos Vertebrados, como tambem nos revela que os Volateis são organica e cronologicamente posteriores aos Mamiferos, — em contraposição com as idéas ministradas pelo saber oficial.

Enquadrado na ordem do Primatas, ha mesmo Mamíferos mais recentes que o homem. São os Carnívoros e os Unguladas. (2) E', como se vê, o fim do *devenir* insaciavel que, partindo da monera embrionaria, apenas se considera consumado ao atingirem-se as linhas luminosas do entendimento. Com

(1) Vid. a obra citada de Lapparent, pags. 55-71.
(2) René Quinton, *obr. e pags. cit.*

uma genealogia exclusivamente sua, o homem não corôa, pelo exposto, o esbracejar frondoso das linhagens zoológicas. E' um ser procurando manter, como todos os seres, a respectiva constancia original. Fixou-se. E desde que se fixou, foi uma especie, não sendo mais que a perpetuidade dum tipo que se reproduz indefinidamente. Os orgulhos racionalistas, apontando-o como uma vitoria das forças cegas da materia, concedem lhe, entretanto, não sei que virtudes geradoras de moral e de destino, que permanecem inexplicaveis sem a admissão dum *quantum* de misterio que Mr. Homais se infurece a negar.

Como crente e em nome da cultura que tenho buscado para o meu espírito, eu aceito a concepção religiosa. Não é um refúgio cómodo nem uma desculpa hipócrita. *Ignoramus et ignorabimus*!—mais do que nunca exclama o sabio honesto Não é pela inteligencia que o homem se compreende e se justifica. A inteligencia, unilateral e rígida, unicamente concebe o que é visível e geométrico. (1) O *homo-sapiens* não passa de *homo-faber*. Se inumera triunfos, é apenas no campo da mecânica. Anterior á inteligencia e mais duradoiro de que ela, ha um universo marulhante em que vivemos mergulhados e com o qual comunicamos, não pela rasão, — pela restrita e impotente rasão, que é, na imagem perfeita dalguem, uma triste ilhota estéril assomando dum oceano profundíssimo, mas sim pelo nosso intuitivismo, que é para nós como que um admiravel sexto-sentido. A biologia estabelece que a inteligencia não é em relação ao homem um elemento classificador. (2) Contudo, não se utiliza doutro elemento a sciencia materialista para instalar o homem como criador de si mesmo ao alto das incontaveis séries animaes. Oh, vaidade das vaidades! Que sabemos nós, — que é que nós somos?

«*Aucun zoologiste ne se permettrait de faire ser-*

(1) René Gilluin, *La philosophie de Mr. Henri Bergson*. Paris, Grasset, 1912.
(2) René Quinton, *obr. cit.*

vir à la classification des Carnivores ou des Proboscidiens, parmi les Vertébrés, l'inteligence spéciale dont témoigne le Chien ou l'Éléphant» (1)—declara René Quinton. Depois, segundo os bons doutores da materia omnipotente e eterna,—mais um subjectivismo que se esfarrapa pela penetração genial de Gustavo Le Bon! —, (2) a inteligencia não nasceria senão duma acumulação de habitos e experiencias sobrepostas, tornadas estaveis á custa de se repetirem longamente. Amanha-se a teoria dos *tábus*, ou escrupulos, para se explicar a afloração do raciocinio nos filhos bisonhos do antropoide terciario. Sejamos corajosos e sinceros! O escrúpulo, importando uma interdição sexual que, por economia de sensações, resultasse em proveito do encéfalo, não envolve consigo um acto de reflexão superior que, bem contra as vozes mais baixas do homem, então ainda bravio e engrunhido, ajudasse o Espírito a sobrepujar a Besta?

Ora, se o homem não passa em zoologia dum primata que está longe de encarnar em si a convergencia do mundo animal; se a Vida, por um alto esforço celular, se *mantem*, e não se transforma; se a materia se pulverisa e desfaz, não persistindo interminavelmente, como dantes se queria em pontificalismos aparatosos que já não podem nada:—como é que se percebem desse modo os fenómenos psíquicos, tão ricos de amplitude e profundeza, se a inteligencia é só um patrimonio de impressões acionando por automatismo quasi,—como é que a mera colaboração de acaso,—do condicional e precario *eu*, se viria a equilibrar no sentimente unânime de finalidade que de tudo se desprende e em tudo se constata?

O Universo—Maquina alue-se,—não resiste ás verificações pragmatistas do formidavel ciclo que assim se inicia. E á maneira que a mistificação se atraiçôa e que para lá das assomadas mais proxi-

(1) René Quinton, *obr. cit.*, pag. 436.
(2) Gustavo le Bon, *La naissance et l'evanuissement de la Matière*. Paris, Mercure, 1908.

mas se adivinham as promessas duma síntese formidavel, eu não me envergonho de invocar uma passagem notavel de Bourget, que é bem a epígrafe do livro selado em que se acha escrito o futuro das gerações presentes. «*J'ai voulu ainsi vous faire toucher du doigt l'identité entre la loi de l'Église et la loi de la réalité, entre l'enseignemente de l'expérience et de la Révelation. Dans son effort pour durer, la nature sociale aboutit précisément à la régle dont la religion a fait un dogme.* Eis como no romance. *Un divorce*, (1) se exprime o Père Éuvrard, defendendo do direito caprichoso de cada um o interesse sagrado da sociedade, que se apoia todo ele no constrangimento e na disciplina.

Com René Quinton por corifeu, as modernas doutrinas biológicas conferem a essa identidade a mais enérgica das confirmações. A's origens da Vida, o espírito de Deus flutuava sobre as aguas, — resa a letra da Biblia. Não nos demonstra hoje René Quinton que a Vida surgiu do mar, — que o meio-marinho é a condição essencial do aparecimento de todo o ser vivo? E' a mesma relação que existe entre o pessimismo teológico do dogma da Queda e a natureza negativa do Progresso». «*Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto!*» — dispõe a palavra divina. E o homem luta, luta sem treguas nem clemencia, para que a fome o não prostre, para que as cidades se alevantem, e a terra produza com fartura. A condenação ao trabalho representa como que uma culpa de nascença que não se compadece com a surdina tentadora da inercia, que é o encanto mais delicioso da nossa carne, sempre inclinada a clamar o *Non serviam!* simbólico da Rebeldia.

Não nos elucida René Quinton em outro campo que o homem, animal dos trópicos, tende a supprir artificialmente a descida de temperatura que o obriga a permanecer, fóra daquela zona, como que em estufa durante a maior parte do ano? No Equador, onde se expande no estado natural, é exactamente aonde se conserva refratario ás grandes forças civi-

(1) Paris, Librairie Plon.

lisadoras. De sorte que a índole negativa do Progresso, coincidindo com as recordações místicas duma queda primitiva, as quaes são o patrimonio de todas as religiões, documenta-nos com uma evidencia bem palpavel a identidade, assinalada por Paul Bourget, entre o ditame que a natureza se cria e o verdadeiro sentido do Dogma.

Em harmonia com semelhante criterio filosófico e para lhe concretisar o alcance, busquemos agora o natal remoto da primeira cultura humana. São os Arias os intitulados «*povos-iniciadores*». Transferido o berço dessa raça eleita das pregas recônditas do Hindou-Kouch para as longitudes ocidentaes, em que jardim de maravilha, em que partida enigmática da esfera, a iluminada gente brotaria?

Rodeados de atributos excepcionaes, os Arias instruem hoje as apologéticas pan-germanistas como uns escolhidos de Deus para o desbravamento do Orbe. São como que duma humanidade de previlegio, com sua costela olímpica. Os entusiasmos sonoros do conde de Gobineau, de H. S. Chamberlain e de Ludwig Woltmann os revestem farisaicamente do exclusivismo do genio, não deixando que lhes saia das mãos o erguido facho de resgate que sempre tem presidido ás marchas decisivas da Historia.

Emmoldurado no ambiente e na etnia, o Aria vem a corresponder,—creie-se—, ao *Homo—Europæus* de Linneu, *albus*, *argutus*, *inventor*. (1) O temperamento linfático que lhe é peculiar, bem como a descoloração de epiderme que trouxe a familia qualificada de caucásica a um grau vizinho do albinismo, indiciam a presença dum meio húmido e obscuro, com brumas constantes a invalidarem a acção química dos raios solares. Os textos classicos apontam-lhe como sua a côr loira dos cabelos, o que parece ser tambem uma degenerencia derivada de circunstan-

(1) Vacher de Lapouge, *L'Aryen. Son role sociale.* Paris, Fontemoing, 1899.

cias especiais de luz. De braço dado com a geologia, intentam as investigações etnogénicas localizar o país originario do *Homo — Europæus*. Presuposta uma certa influencia física, sem a qual os caracteres antropológicos do Aria não se definiriam assim, é para as bandas do Báltico que os olhos se voltam, — para um extenso trato de terreno, na actualidade coberto pelas aguas e que no quartenario seria o unico recanto do nosso continente em que aquele determinismo mesológico se verificava. (1) Rasão tinha o velho Jornandes em chamar á Terra dos Godos, ao sul da Scandinavia, *vagina nationum, officina gentium*. E' a região denominada de Latham, (2) em homenagem ao sabio do mesmo nome, que tanto se empenhou em esclarecer a origem dos Arias.

Era um clima afável e marítimo, sem invernos prolongados nem estios que molestassem. A proximidade da corrente do Golfo predispôl-o-ia para uma temperatura média que, aparentada com o frio, servia de estímulo ás aptidões embrionarias do indígena. Por isso Vacher de Lapouge cataloga o *Homo-Europæus* como homem do *Gulf-Stream*, significando-nos por intermedio de um satisfatório processo de indagação que em nenhum outro ambiente se facilitaria o linfatismo orgânico que, caracteristica nova nos primatas superiores, individualiza inconfundivelmente o Aria, *raptor orbis*.

Espavorido o habitante de Latham por acidentes geognósticos tremendíssimos, — e aqui se verifica a lembrança unânime duma catástrofe preliminar que todas as religiões guardaram consigo —, foi já mais para o centro da Europa que os balbúcios da civilisação ariana entraram a pronunciar-se. E' a area geográfica a que se ajusta o lituano e rigorosamente a mesma em que subsistem as coisas vegetaes e animaes que constituem apelativos nas raizes arcaicas das linguas euro-índicas. E' este um argumento, fornecido pela filologia, com o qual se

(1) Vacher de Lapouge, *obr. cit.*
(2) Vacher de Lapouge, *obr. cit.*

desbaratam as construções gratuitas da miragem orientalista. De facto, muitos dos vocábulos, de reputada extração árica, referentes a especies botanicas e zoológicas, correspondem a realidades que a Asia não conhecia antes do homem loiro lá chegar.

Tambem os subsidios linguísticos nos ajudam a restabelecer a fase social que o Aria atingira ao tomar o caminho dos grandes êxodos. Não se trabalhavam os metaes, nem o nome se lhes sabia. De modo que a difusão emigratoria é mais remota que os alvores da metalurgia. A agricultura mal pegava a exercer-se. Mas ignorava-se ainda a cultura do trigo, cujo pé espigado os artistas do periodo magdaleniano figuravam já em copiosos desenhos. A marcha do Aria para a Asia seria pelas stepes que correm a entestar com o Caspio. Penetraria ele como conquistador nos escondidos plainos do Iran em pleno rumorejar de massas autóctones, de índole subalterna e passiva. Nos *Vedas* conserva-se memoria da diferença de castas que o ocupante manteve, defendendo-se sempre de misturas perigosas. Subjugando pela guerra as populações aborígenes, o Aria é apelidado de «*branco*» e de «*puro*» na literatura sacerdotal da India e da Persia, enquanto as tribus escravisadas se tratam ali de «*negras*», «*imundas*» e «*inimigas*». (1)

Como etnia superior, o *H.-Europæus* descobre-nos já,—linfático e semi-albineo, uma deficiencia fisiológica que corrobora o conceito negativo de Progresso, desfiado dos ensinamentos de René Quinton. Animal dos trópicos, ou duma zona equivalente á dos trópicos, desequilibrando-se a integridade térmica da sua constancia original, cedo a precisão coagiria o habitante de Latham a suprir artificialmente, por um emprego calculado de energias, o decréscimo sensivel de calor que o punha de repente debaixo de um ceu brumoso, a braços com a humidade. Temos já um resfriamento que envolve a

(1) A. de Paniagua, *Les origines celtiques*, pag. 4. Paris, Dujarric, 1909.

formação duma idéa pessimista, avultada de sucesso em sucesso pelos terriveis spasmos que enguliriam ao Aria a região de nascimento.

Em combate com a lei imperiosa do minimo-esforço, á maneira que se vencia, vencendo as dificuldades naturaes que lhe impediam a expansão, o homem loiro ia-se capacitando da dureza dum poder indominavel que exigia o sofrimento e que só pelo sofrimento gostava de se vêr abrandado. A noção do sacrificio impôs-se-lhe ao espírito rudimentar, ganhando germe nessas mentalidades infantis a virtude virilisadora da renuncia. Um sistema de inhibições se entretecia, hierarquisado e joeirado devagar pelos cultos desabrochantes. A religiosidade è um dom inherente ao género humano. Nasceu com ele, não marca um fenómeno que lhe seja posterior. Apenas Mr. Homais persiste na contumacia de Voltaire, denunciando a impostura dos padres na essencia de cada rito. Os aforismos da psicologia moderna, graças á «*terceira—experiencia*» de William James, resgatam dos adjectivos estultos de certos pensadores de barraca de feira um tão profundo e tão intenso elemento de actividade interior. Se não se contasse como um agente espontaneo e insubstituivel dos valores morais do nosso *eu*, alterações de personalidade, presença súbita de reservas ocultas, nunca presentidas até aí,—todas as modalidades infinitas do mundo psíquico, em que é que elas se volveriam perante a verificação quotidiana que as acusa incessantemente e incessantemente as atribue á alquimia indecifravel da nossa elaboração sub-liminar?

As depressões barométricas haviam de acordar no individuo de Latham uma sensação aspérrima de diferença, a qual, retardando-lhe como animal o desenvolvimento dos apetites sexuaes, lhe enriqueceria por derivante imediata o ainda restricto patrimonio encefálico. A' tarefa selecionadora da natureza juntava-se o uso do escrúpulo, dimanado da compreensão trágica da Existencia. E porque a constancia original dos seres ordenava a combustão externa, para que com a perda do seu calor espe-

cífico não deperecessem gradualmente, é na batalha bravia contra os conflitos do meio que o homem branco, — o homem iniciador, o filho dos deuses, se educa e se exercita, afim de merecer um dia, lá mais para diante, as claridades augustas do genio. A raça menos favorecida pelo ambiente é desta sorte aquela que jornadeia á cabeça das demais. Segundo as conclusões de René Quinton, o Progresso está assim na razão inversa da nossa facilidade vital.

Adão em hebraico quer dizer «*vermelho*». Pela pigmentação acentuada, os homens primogénitos eram avermelhados. Só as influencias mesológicas dariam a côr clara á familia escolhida por efeito dum semi-albinismo. O fim da idade de oiro,—da esvaída beatitude idílica, em que a Especie se sentira acarinhada por um clima propicio, é com os tumultos geológicos que preparam o quaternario o fundo real do dogma da Queda. Exposta a paridade da interpretração agnóstica com o pensamente teológico da Biblia, eu vejo e admiro no conceito pessimista dos ideais christãos a alegoria vigorosa do drama da Vida,—desse drama em que nós nos enclavinhamos num duelo permanente conosco mesmos, sempre numa vigilia aguerrida contra os acenos convidativos da inercia que, dormitando nas criptas infimas do ser, só trabalha pela nossa desagregação irremediavel.

As conquistas do positivismo, que do nome seja digno, empenham-se hoje na restauração planetaria dos respeitos devidos a enormidade da regra que prêside ao papel coordenador da Igreja, nossa Mãe. «*L'avenir aux plus chastes !*» (1)—promete em judeu incarniçado, Salomon Reinach, como que o *sous-Renan* (2) do criticismo hodierno, quando pega no antropoide terciario e o conduz através de suposições gratuitas, *de tábu* em *tábu*, de interdição em interdição, até á plenitude do homem nos factos erguidos da

(1) *Cultes, Mythes et Religions.* Tomo 3, cap. XXI, pag. 338-342. Paris, Leroux, 1913. *Deuxième édition.*

(2) R. P. Don Besse: — *Les religions laïques,* pag. 38-45 Paris, Nouvelle Librairie Nationale, 1913.

consciencia. E' o romance divertidíssimo do transformismo, rondando por circunloquios enviezados que nem os corredores dum labirinto, só para não se inclinar em face do Misterio e ter que confessar a supremacia do acto criador, bem patente nos seus sinais invenciveis de obra de Deus.

Pontífice da idolatria orgulhosa do *homo-sapiens*, Salomon Reinach aceita com mais alegria uma intervenção estúpida do acaso que o influxo assombroso dessa altíssima Inteligencia que governa o universo e lhe confere uma finalidade mais ampla que o destino pessoal do homem. E, — ó insania de cegos que teem olhos e não vêem! — o simulacro babilónico, de pés de barro e testa de oiro, — o *homem sapiens*, que tanto desvanece o escriba virulento do *Orpheus*, se é bimano e não quadrúpede, se anda erecto e não dobrado, não é porque uma vontade geradora o determinasse, mas porque, — riâmos com a peregrina hipótese! —, a um bando de simios errantes numa floresta, ardendo ela subitamente, lhes faltaria de chofre o apoio hereditario das árvores. A maioria não conseguiria sobreviver talvez á inopinada mudança de regime. Porêm, os que lograssem vingar, rompendo o passo por si proprios, — aqui caio, alem me levanto —, prepararíam o advento do *homo-sapiens*. Eu que não acredito no *homo-sapiens* e o encaro unicamente como um pobre *homo-faber*, sorrio-me com gosto da engraçada historieta. Bem observa Georges Sorel que as invenções engenhosas do transformismo fazem á gente minutos deliciosos, tal como as fabulas antigamente!

Manda, no entanto, a honestidade advertir que Salomon Reinach não se responsabiliza pela descabrestada fantasia. Debita-a com prudencia á conta de outrem, acrescentando que, apesar de tudo, a modificação material do meio não provocaria no antropoide as aflorações conscientes do entendimento. «*L'évolution, la révolution, pourrait—on—dire, a du venir du dedans, non du dehors.* (1) As coisas jogariam

(1) *Obr., tom. e cap. cit.*

certas, se admitíssemos o relegado criterio eclesiástico da Revelação, — apressa-se a prevenir o arqueólogo encartado do museu de Saint-Germain, não fossemos nós desfiar das suas palavras o reconhecimento de qualquer força sobrenatural por parte dum primario de tão vasta nomeada.

Scientificamente enviavel a solução da Igreja, o proeminente *sous-Renan* acrescenta que é ao *tábu* que se recorre, — ao *tábu*, fundamento naturalista das religiões, ao *tábu*, que o obriga a rehabilitar o ascetismo místico, desde que confia a chave do futuro aos que souberem ser mais castos. Mas quem formulou o *tábu* ? Como é que o escrúpulo, adicionando-se ao escrúpulo, veiu a estabelecer-se num código moral, em oposição cerradíssima com os impulsos animaes do sexo ? Como é que o sacrificio, a renuncia, a inhibição, nos levaram á destrinça do Bem e do Mal ? Como é que o Espìrito derrotou a Besta? Como é que, contra as imposições da lei do minimo-esforço, nós agimos interminavelmente, se as vantagens alcançadas no ascender custoso para a inteligencia valem como tantas outras deserções ao imperio bruto do nosso instinto ? !

Doutor em scepticismos galantes, Renan, o mestre querido, ainda assim não se esquivava a asseverar num precioso minuto de sinceridade que a religião é um produto do homem saúdavel e que o homem encontra-se tanto mais no verdadeiro quanto ele é mais religioso e mais seguro dum destino imortal.(1) Eis o segredo das acidentadas peregrinações humanas, ascensionando, subindo, depurando-se, sempre de olhos pregados num alvo posto para alem dos nossos horisontes diarios. A religiosidade é, pois, um método eficaz de obdiencia, — uma escola única da vontade, em cuja lição constante as raças melhores dotadas se formaram. O homem branco ganhou a dianteira aos seus irmãos

(1) «*La Religion est un produit de l'homme normal, et l'homme est plus dans le vrai quand il est plus religieux et plus assuré d'une destinée infinite*».

de origem, porque aprendeu a limitar-se, porque um defeito da natureza o suscitou para a compreensão unânime de que, para existir e triunfar, é necessario lutar e submeter-se. Oh, Paul Bourget atinava com uma sentença eterna ao escrever que «*la nature sociale aboutit précisément à la régle dont la religion a fait um dogme*»!

O GÉNIO OCIDENTAL

Analisada no campo das presunções mais aceitaveis a hipótese teórica do aparecimento duma primeira cultura, cabe agora preocupar-nos com o logar que á autoctonia portuguêsa pertenceu nesse amanhecer distante das civilisações. Caracterisa-se ela, como já se disse, pelo tipo etiquetado de Beaumes—Chaudes, que é o dolicoide meão, mesorrínico e de cabelos escuros, no qual alguns pretendem apurar uma proveniencia do homem chamado de Neanderthal. Não é, portanto, sinónimo antropólogico do *Homo-Europæus* que, de alta estatura, cabelos loiros, leptorrínico e mesato — dolicoide, se exemplifica pelo padrão dos *Reihengraber*, segundo Hölder. (1)

Dimanado do *littus saxonicum*, o *H.-Europæus* coincide entre nós com os introitos da idade do ferro, povoando os cemiterios proto-históricos de Cascaes, já da era luso-romana. (2) O *H.-Europæus* penetraria aqui em som de guerra, principalmente no seculo V com o espraiar da onda gótica. E' o celta da historia que, em quantidades diminutas e turbilhonantes, acabou por se transfundir nas camadas aborígenes, quando não se dizimasse em embates fratricidas.

Postas em confronto as duas realidades étnicas, convem já acentuar a virtude primacial do dolicoide meão. E' ela a inteiresa pasmosa que o

---

(1) Fonseca Cardoso, in *Notas sobre Portugal.*
(2) Idem.

mantem, homogeneo e puro, através de quantas invasões lhe passearam o solo natal. Subordinado por densas massas assoladoras, resistiu-lhes sempre com sete fôlegos, graças á sua extraordinaria aptidão sedentaria. Por via dessa qualidade, o nosso autóctone, que era de índole pacífica e produtora, não demorou a afivelar se socialmente na fórma comunitaria de *aldeia*. Não busquemos em introduções exóticas a entranhada tradição municipalista da raça. O indígena que no decurso do mesolítico se nos revela em Mugem (1) praticando o sedentarismo antes de conhecer a agricultura, trazia comsigo o semen da Patria na propensão inata para a fixidez á terra.

Mas que dolicoide seria então o nosso, que emaranhadas genealogias lhe ditavam a nascença?

Eu não acredito no Precursor. Eis porque, com a exautoração absoluta do individuo de Thenay, eu não me socorro dos achados de Carlos Ribeiro em Otta, nem tento indireitar a ideação manquejante do *Homo — Simius Ribeirensis*. No entanto, jornadeando ao arripio dos ciclos geológicos, um facto ha, — e singularissimo facto! —, que parece ter merecido as atenções conjuntas da paleontogia nacional. E' que o habitante primogénito do nosso torrão descobre-se-nos contemporaneo das profundas comoções físicas, de que resultariam na expressão definitiva os terrenos estruturaes das bacias do Tejo e Sado.

Ricardo Severo saúda por tronco recuado da Grey uma especie de humanidade pre-adamica, agarrada ao humus ainda fresco, de cujo íntimo brotaria como um produto nato. (2) A utopia evolucionista perturba a inteligencia do obreiro ferveroso da *Portugalia*. Porém, é certo que a Península, bem cedo um *habitat* convidativo, havia de resguardar no seu seio bastantes elementos da Vida que aqui e além sossobrava com a série de cataclis-

(1) *Communicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal*. Tomo II. Fasc. I. 1888-89.

(2) Origens da Nacionalidade Portugueza, pag. 16.

mos de que a consolidação do quartenario se acompanhou. O arqueólogo dinamarquês, Sophus Muller, fala-nos, com efeito, duma humanidade, núa e aferrada ao solo, que nas regiões acolhedoras do sul europeu marca o inicio da pre-historia. (1) Outra não póde ser senão a humanidade pre-adâmica de Ricardo Severo e Paula e Oliveira. E' uma variante da tése do senhor João Bonança: — o exclusivismo monogénico transplantado para as orlas do rio Oceano. Tão sorridente que a teoria se me afigure, eu limito-me a considera-la unicamente como um excesso de simplificação scientífica. Assim, recebo apenas por exacta a versão que nos reconstitue com materiaes positivos o homem arcaico de Mugem durante o interregno mosolítico.

Sustentava-se o bom antepassado da pesca e da caça, sem jamais se desviar do seu lugar de assistencia. Com a simpatia sedentaria, a inhumação dos mortos mostra-se um dos traços mais definidos da sua maneira de ser. Não os consumia na chama, como ao depois com a vinda dos ritos incineratorios; nem os abandonava á devastação das aves de rapina, como o Ibero vizinho. Enterrava-os sómente, dando largos a um profundo instinto de adoração naturalista. Suscitado por um tão forte motivo de arreigamento, não é para admirar que por sobre as sepulturas ancestraes firmasse o fundo da cabana e acendesse a fornalha vigilante. O «*fogo*», como centro da existencia em comum, ateava-se em cima do «*logo*», onde os defuntos repousavam. O sangue manifestava-se, a lento e lento se descobria. As virtudes de apêgo que enlaçavam o pequeno dolicoide á courela natal desenvolviam-se em principio fecundo de sociabilidade por meio do costume funerario.

Como nas horas mais cheias da historia, a solidariedade entre vivos e mortos presidia á formação dos alicerces da Patria. E' que a necrolatria, esta-

(1) *L'Europe Préhistorique*. Paris, Lamarre. Tradução de Emmanuel Phillipot.

tuindo-se em aperta da norma religiosa, ganhava para o grupo, debil ainda, uma robusta regra colectiva que, hierarquisada sob a chefia espiritual dos anciãos, reunia a todos e a tudo nos laços afectivos da mesma origem.

O conhecimento da agricultura acabou de organizar as preferencias localistas da gente do Mugem. O solo, que a prendia a si com poderes hereditarios, lhe dava agora uma rasão maior e mais concreta de comunidade. Intensificados os vinculos desabrochantes do *parentesco*, uma outra ordem de relações se gerava. Gerava se a *vizinhança* com um pacto minucioso de confraternisação que na «*djemâa*» (1) berbere encontra a sobrevivencia aproximada. E' dessa minuscula célula, engrossando devagar e procurando levar ao máximo os recursos contidos no germe, que o Concelho ha-de surgir mais tarde e com ele os fundamentos inalienaveis de Portugal.

Emmoldura-se antropologicamente o nosso autóctone no ramo étnico designado por *mediterranense* ou *arábico*. Confunde-se no deslindar das suas atravessadas linhagens com o vasto formigueiro humano que enconchava o Mediterraneo num apanhado que ia da costa europêa á costa africana. Trata-se do *substractum* libio-ligúrico (2) que floresceu nas maravilhas da arte egenética e o qual, identificado com os pelasgos das reminiscencias clássicas, por toda a banda se evidencía como um povo construtor, de índole pachorrenta e comunitaria. Quando o Aria avança, — o Aria que, devolvido da Asia, corria a lançar na estupefacção e no saque o brilhantismo da velha cultura ocidental, é uma poeirada de morte que cái em plena actividade do homem meão, —eixo da grande raça sociológica de que nos fala Hesiodo, segundo os fragmentos de Ephoro. (3)

(1) Antonio de Matos Cid :—*A gente portugueza*, pag. 30. Coimbra, 1904.

(2) A. J. Reinach, nota ao estudo *La question d'Homère*, de A. Van Gennep. Paris, Mercure de France, 1909.

(3) Teófilo Braga : —*Historia da Litteratura Portugueza. I Idade—Media*, pag. 14. Porto, 1909.

Conforme essa antiga fonte etnográfica, a Europa estava distribuida pelos Hiperboreos ao setentrião, pelos Lígures ao poente e ao sul pelos Etíopes. Os Hiperboreos são os Scitas, envoltos no lençol dos nevões eternos e batendo-se com grifos temiveis durante noites que duram como mêses. Os Lígures acham-se em Diodoro Sículo denominados por Atlantes e ocupavam a extensa facha que se desenrola ao longo do Oceano desde as praias do Mar do Norte até as raizes do Atlas. (1) Os Etíopes, adeantando-se para o meio-dia, propagariam ao Egito e á Caldéa a melhor parte da sua civilisação, enquanto se metiam pela Libia adentro em núcleos aguerridos e numerosos. Tal era o ensombrado mundo libio-ligúrico que se elevou com o periodo bronzífero á posse duma alta civilisação unitaria.

Obreiro de canaes e alevantador de cidades, praticava tambem a navegação. E cingido em povoados defensivos, as citanias e as antas, que corôam muitos cabeços do país, são entre nós a amostra de quanto o pequeno dolicoide valeu como portador dum grau sensivel de cultura. O comercio do estranho e do ambar, rasgando-lhe esteiras tanto terrestres como marítimas, o enlaçou numa estreita federação de interesses com os outros povos atlânticos, seus afins. E' dele, como vimos, a instituição espontanea das mancomunidades agrarias. Pelo sentimento naturalista que o fixava a terra depressa ascende ás crepitações inspiradoras do animismo. E' quasi seguro que seria o inventor da palavra escrita. A mulher de Elche proclama a forma expressiva do Ocidente naqueles tempos que crescem para além do mais puro arcaismo clássico. (2) A idade do ferro com os homens loiros de Hallstatt, de porte desempenado e coma flutuante, esmagaria esse admiravel florescimento do dolicocéfalo mé-

(1) Diodoro da Sicilia, *Bibliothéque historique*. Edição Ferd. Hoefer. Tomo I, pag. 242 e seguintes. Paris, Hachette, 1912.— Martins Sarmento, «*Os Atlantes de Diodoro Siculo*» in volume 1.º da *Revista de sciencias naturaes e sociaes*. Porto, 1890.

(2) Pierre Paris: — *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. Paris, Leroux, 1904.

dio, tão bom trabalhador dos campos como lavrador intrépido das aguas.

Não escapara aos antigos a identidade de certas manifestações sociaes dos Lusitanos com a dos Gregos da época helénica. Strabão regista o *moregreco* que na Lusitania se observava, e afirma paralelamente que se conservavam por cá recordações muito vivas das expedições do ciclo homérico (1). Por outro lado, os cortes de Schliemann na Tróada salientaram as palpitantes anologias da cerâmica que lá se desenterrou com os despojos retirados das jazidas pre-históricas do oéste—europeu. Os tipos industriaes irmanam-se numa e noutra zona, desde a configuração dos vasos aos ornatos preferidos. Tambem as nossas grutas artificiaes de Palmela repetem a linha arquitetónica das de Chipre e Creta, reproduzida em Pianosa e na Sicília. Os processos de construção equiparam-se. A abóboda de silhares divergentes da necrópole algarvia de Algalar é uma lembrança perfeita das abóbodas empregadas nas Cícladas e até em Babilonia. Briteiros e Sabroso revelaram-nos por seu turno fragmentos decorativos que são outros tantos trechos como os descobertos em Mycenas e Tirinto. E não falamos do mobiliario avulso, principalmente nos simulacros frequentissimos do ídolo neolítico, conhecido por *Deusa dos tumulos*, que è um traço importante do parentesco que ligava de perto a nossa civilisação autóctone á civilisação esplendorosa do Mediterraneo levantino (2).

Já Timeu se impressionara com a toponímia ocidental, e, encostado a ela, sustentaria como verdadeiro o vago rumor que atribuira desde sempre a escápula dos Argonautas a uma aberta achada no Ponto Euxino para o Mar do Norte, donde os flibusteiros regressariam enfiando o Mediterra-

---

(1) *Geographie de Strabon*. Tradução de Amadée Tardieu. Volume 1.º, livro III. Paris, Hachette, 1909.

(2) Antonio dos Santos Rocha, *Materiaes para o estudo de idade do cobre em Portugal*, pag. 11 e seguintes. Figueira da Foz, 1911.

neo pelas Colunas de Hercules. Nas colonias espalhadas ao longo da costa oceânica estava para Timeu a chave do enigma. Tácito, Plutarco, e Amiano Marcelino preocupam-se igualmente com esses gregos,—*prisci*, do oéste-europeu. No testemunho de Justino, os galaicos presumiam duma pomposa ascendencia helénica. Não esqueçamos de que Strabão, jornadeando entre os Lusitanos, lhes definira os usos civis e domésticos pelo *more-greco*. A semelhança étnica e social manifestava-se de tal maneira que Plinio não hesita em considerar as populações peninsulares como *grecorum seboles omnium*.

Os Venetos da Armórica tinham-se para com os do Adriático como provindos do mesmo tronco. Muitos dos viajantes romanos referem se á existencia de inscrições com caracteres gregos na Ligúria do Báltico. Tanto na Inglaterra,—*ubi stannii origo*, como na Hibernia fronteira, diziam esses testemunhos que havia Gregos barbarizados.

«*Barbarizados*,»—segundo os autores clássicos, cheios do conceito político de Cidade e dominados pela idéa de que os povos ocidentaes descendiam de êxodos destacados da Grecia-Mãe. Fazia-o supôr a similitude dos costumes e das instituições. E com a demanda mítica do Velo de Oiro se explicava a dispersão, conduzindo a distancia, em que se encontravam para com a metrópole os habitantes das ribeiras do Atlântico, ao estado de obscurecimento e de ruina que a miragem erudita classificava de barbaria.

E' conveniente já acentuar que as empresas náuticas do jonios são mais que posteriores aos episodios marítimos de que a *Odyssea* se compõe. A *Odyssea* não é por isso senão uma adaptação genial de quantas lendas corriam nos tesoiros poéticos do Ocidente, em memoria das navegações arrojadas do pequeno dolicoide. A prova é que Strabão surpreendêra em muitas tradições oraes dos italiotas e turdetanos uma concordancia extraordinaria com certos passos homéricos. Ainda agora no nosso romanceiro se averigúam vestigios

bem individualizados do ciclo que gerou a imortal rapsodia. Ele é a *Bela Infanta*, com o marido de volta depois de riscos impossiveis de acreditar, e com a fidelidade da esposa posta em prova dificil. Ele é a *Nau-Catrineta*, com os mil horrores de uma tragedia sem nome, em que a antropofagia figura no cortejo sinistro da fome. No romance da *Donzela na fonte* subsiste nos tópicos fundamentaes o quadro amoravel de Nausica. A *Gayarda* transmontana lembra-nos a feiticeria perversa de Circe; e o *D. Marcos*, do meu Alentejo, o encontro com o leal Eumeu (1). Em Trás-os-Montes a *Bela Infanta* entôa-se como se fôra a continuação da *Nau Catrineta* (2). E na lenda bretã do *Purgatorio de S. Patricio* guardou-se o éco duradoiro da subida de Ulysses ao Orco terrivel para que os manes da mãe lhe ditassem o rumo a seguir.

Ha assim uma conformidade de sentimentos e temas líricos que da lareira da nossa infancia ás lareiras da Grecia contemporanea nos demonstra como é identico o *substractum* étnico sobre o qual o Ocidente se repouza.

Já na antiguidade gosavam fama os pios Hiperboros por enviarem de longe, das vizinhanças da Ursa gelada, as suas ofertas aos santuarios famosos da Helada. Os mitos astraes, com origem na trucidação de Helius e no suicidio de Selene, tiveram o berço na foz do Eridano, que tanto pode ser o Pó como o Rheno.

Era para o Poente que demorava o imperio misterioso de Uranus. Bom será recordar a este respeito o que se contava nas extintas cosmogonias. A Uranus sucedera Hyperion, de quem nasceram Apolo e Phebe (Helius e Selene). Despedaçado um, morta de desespero a outra, os Titans, filhos do casamento de Uranus com Titéa, apossaram-se-lhes da herança. Por partilha, Saturno e Atlas ficaram governando o Ocidente. Nas orlas de Espa-

(1) Teófilo Braga, *Romanceiro geral portuguez*. Volume III, notas. Lisboa, 1909.

(2) D. Carolina Michaëlis, in *Revista Lusitana*, ano II, pag. 237.

nha, entre os Cynetos e os Cempses, adorava-se a Saturno. O *Cromm-Cuach* das superstições cámbricas indica-nos a persistencia cultual do velho deus. Na Irlanda representavam-no num grande monolito, ao qual se usava consagrar creanças em sacrificio, como vítimas mais apreciadas. Num bosque proximo a Tartessus é que os Titans se teriam batido com os deuses, sucessores de Saturno. Os *Graïci* e os *Seloï*, que constituíam o nebuloso fundo arcaico das gentes ocidentaes, praticavam a religião melancólica do marido de Cybele. Num recanto interdito do Mar do Norte se refugiou o deus destronado mais os cortesãos que o acompanharam na desgraça. Donde o chamar-se ao Mar do Norte, Mar Cronio. Tambem se apontavam as Canarias como o logar da reclusão de Saturno. E' a fábula deslocando-se ao longo da costa, sempre poisada no mar, mas pretendendo ageitar-se á posição geográfica das diferentes estações humanas estabelecidas por aí abaixo.

Quando nos textos greco-romanos se alude ao *povo de Saturno*, compreende-se já porque se alude á imensa familia apartada para as margens do rio Oceano que, sem principio nem fim, abraçava contra si a Terra inteira. Toda essa participação do pequeno dolicoide nas mesmas crenças e no mesmo sentido de existencia, certifica-nos bem da unidade de raça e alma em que o Ocidente se andava preparando para as conquistas maiores da Historia.

«Ainda que os filólogos entendam que o idioma céltico se prende mais com o latim do que com o grego, escreve Mac Neill, as antigas tradições irlandêsas fazem-nos contemplar uma linhagem de deuses que, pelo número, pela variedade, pelo realismo dos seus atributos, pela abundancia das lendas e da poesia que os celebram, se parece muito mais com os habitantes do Olympo helénico de que com as divindades incolores, e quase despidas de vida, do culto formalista dos romanos» (1). Já Cesar

(1) *La religion des Celtes*, capitulo do livro *Christus*, de Joseph Huby. Paris, 1913 pag. 412.

chamara *Dis-Pater* á potestade suprema que os druídas invocavam como fonte de todos os seres.

Dis-Pater recorda a etimologia sânscrita de Júpiter, *Dyaus-pitar*, em germânico:—*Ziu*. Confirma-se assim a teogonia que Diódoro Sículo desenvolve quando se ocupa dos Atlantes. O panteon grego repete a dramatisação mitológica que o historiador nos transmitiu, desde a morte cruenta de Helius á dôr de Selene, precipitando-se duma torre. Conquanto o *Dyaus-pitar* dos Arias queira significar nas raizes eúro-índicas a *claridade*, o *dia*, o *Dis-Pater* do druidismo representa o movimento cronológico da noite, — é o Uranus que no ceu védico equivale a Varuna, o deus sombrio. No cabo, a antítese é apenas aparente, pois se resolve por uma diferença de contagem na marcha do tempo, subsistindo, invariavel, o mesmo tema de adoração. Júpiter, trazido do Oriente pelas avançadas do homem loiro, substitue como protector das hordas invasoras a divindade reinante entre a raça avassalada.

Uns, saídos do Nascente, ao sol-nascente veneravam como principio universal de criação. Morando os outros a Poente, era o sol caindo no misterio da noite que se impunha aos arrebatamentos religiosos do profundo genio naturalista que sempre distinguiu o dolicoide meão. Mas, divergentes os valores rituaes, os atributos sagrados permanecem, todavia, intrinsecamente intactos. E' uma simples subrogação deles o que se opera com o triunfo do dolicocéfalo de alto porte. De resto, no mito de Saturno fugindo à revolta dos filhos, palpita bem a alegoria dessa ondulação de povos inimigos, sobrepondo-se em tribus guerreiras e erráticas ao pelasgo pacífico e sedentario.

O folc-lore reconstitue-nos poderosamente a afinidade mental e psíquica do grande viveiro que se insulava para as extremidades do Mar e da Terra, — no belo dizer dos poemas de Homero. Obcecada com os planaltos esfíngicos do Iran, a miragem sabia só agora nos consente que o tomemos em conta e se procure por aí a incógnita de tão contravertido problema. Não cabe nos meus limites o exame

comparativo do adagiario e dos motivos poéticos que todos os anos resuscitam na lembrança das festas solsticiaes, no desvario fálico de *Maio-Moço*, nas cantigas friorentas das *Janeiras*. Belophronte e a Quimera, Hercules e a Hidra, revivem com modalidades interessantes de particularismo regional na historia da nossa honradíssima *porca de Murça*, no combate de Cuchulain com uma fera marinha, no urso de Berne, morto pelo duque de Zaehriengen. O imposto exigido pelo Minotauro aos atenienses perpetua-se no cavalheirismo de Tristão desembaraçando Cornualhes do Morhut de Irlanda que viera pelo pagamento do fôro anual em rapazes e raparigas, Na *Canção do Figueiral* Goesto Ansures reincarna Theseu. E com o conto peninsular do *Tributo das cem donzelas* é o mesmo elemento èpico a perdurar na elaboração da sociedade néogótica. São traços que mais uma vez indicam a identidade da raça de que Ephoro nos dá noticia, socorrendo-se de Hesíodo. Para que insistir, portanto, no rosario infindavel de depoimentos que crescem de hora para hora com os vagares enlevados do eruditismo?

Deixou-se dito que as influencias irradiadas da Grecia não são bastantes para nos entregarem o caminho duma solução. Se alguem pretende manobrar com elas, é ainda a utopia culta que os humanistas beberam na convivencia das letras antigas, mas que hoje não tem por si nem as luzes da tradição, nem as rectificações da arqueologia. Os gregos só aportaram definitivamente á Península como a erecção de Ampurias no seculo XI (a. C.), e a primeira colonia que assentaram na Italia não sobe para além das vésperas da idade do Ferro. Abandonando-se á sua sorte, um comerciante do Arquipélago arribou a Tartessus na foz do Betis (Guadalquivir). No regresso levaria aos compatriotas a nova das terras descobertas. E', pelo menos, a lição de Herodoto quando narra o naufragio

de Colæus de Samos (1). Depois, seguir-se-iam os Phoceos de «*Massília*» (Marselha) que, abordando a Tartessus, tornaram aos lares, não obstante as palavras e os presentes de Argantonius, maioral da cidade, que os convidou a ficar.

Bem sei que Strabão e Pompeu entroncam as populações ocidentaes na dispersão dos guerreiros, após a empresa de Troia. Ulysses fundaria Lisboa, avançando para as costas da Galia a propiciar os Manes numa caverna do litoral. Apontava-se até nas Espanhas uma povoação com o nome de Odyssea. Mas aqui é já o dominio da ficção, subordinada ao preconceito homérico. Com o andamento do estudo e das investigações, hoje nem a epopeia do divino aéde se localiza debaixo do ceu luminoso da Hélada.

Com a prioridade sustentada da *Argonautica* a análise das fontes de Homero mostra-nos uma inspiração frequente desse outro ciclo nos errores penados pelo mais subtil dos gregos sobre as ondas do mar salgado. A Anaphe da demanda do *Velo de Oiro* coincide á maravilha na redacção de Apolonio com a Ogygia acolhedora, em que Calypso oferece ao heroi o licor interdito da Perfeição. Simultaneamente, a geografia do Mediterraneo quasi que se ignora durante todo o emocionante drama marítimo. Nem o Egito nem a costa da Libia se entrevistam lá, muito embora numa referencia vaga, numa alusão desmaiada. E' sempre o Oceano sem fim, com Poseidon enfurecido, agitando o tridente. São sempre as plagas adversas, com a nave correndo desarvorada por entre perigos de morte, sem mais recebimento que o dos Listrigões e dos Ciclopes, semi-homens da fábula com falas duras como latridos.

Ora se a *Odyssea* se ressente da texto primitivo da *Argonautica*, esta é, pelos trabalhos memoraveis de Martins Sarmento, nada mais que a adaptação duma lenda atlântica, reproduzida em périplos

(1) *Histoires d'Hérodoto* Tradução de P. Giguet, livro IV, nº 152. Paris, Hachette, 1913.

fenícios, aos horizontes contraditorios do Levante mediterrânico. De modo que, desbaratada por métodos positivistas a miragem helénica, é para um período anterior, mais embrulhado na espessura dos séculos, que no presente as atenções se dirigem, na ânsia de lhe arrancarem o segredo do continente enigmático para onde a Virgem de Thebas abalou, cavalgando através das aguas o toiro enamorado. Assim, ao preconceito grego, sucede o preconceito semita. Os mercadores de Tiro passam a conduzir por largas décadas o facho resgatador da civilisação. Como corifeu dessa atitude scientífica, destaca-se Victor Bérard, para quem a *Odyssea* se reputa como um roteiro fenício, emmolduradó á viva força numa topografia falsíssima. E' ainda o defeito intelectualista que interceptou a visão aproximada que o ilustre Martins Sarmento se construira do incompreendido mundo ocidental. Mas a ilusão desfaz-se de pronto, desde que se fixa o seculo XII antes da nossa era como a data do aparecimento das embarcações fenícias nas Cassitérides. Então já a Inglaterra atingira a plenitude da industria bronzífera, com notaveis centros mineiros, remetendo os seus produtos para o interior da Europa pelas vias fluviaes do Rheno, Rhodano e Danubio; e para o sudoeste da Espanha pela travessia continuada dos mares.

Da chegada dos tirios á região insular do estanho encontram-se personificações míticas nas lutas de Albion e Darcynus contra Melkart, — o ardiloso hercules cananeu. Dum episodio secundario da *Argonautica* deduz-se bem a anterioridade da nossa civilisação do bronze. E' naquela passagem em que Phineu diz aos navegadores que não lhes hão de faltar nem guias nem informações na sua rota para Éa. A ligação da dinastia de Aétes, — conforme Apolonio —, com Phryxo, exilado de Orchomenos, consolida-nos a hipótese duma apertada convivencia entre os povos da concha mediterranica e os seus parentes da entrada do Mar Cronio.

A escápula dos Argonautas pelos rios da Europa Central, a indicação do neto do rei Aétes, segundo

a restituição magnífica de Martins Sarmento, acaba de nos convencer do amplissimo trato geográfico preenchido pelo pequeno dolicoide do oéste-europeu. A narrativa simbólica justifica a distribuição étnica das tabuas de Ephoro, ao mesmo tempo que nos revela para lá do ciclo presidido pelo génio fenício um outro ciclo mais recuado e mais espontaneo, que não é senão o período bronzífero, de natureza exclusivamente autóctone. Achamo-nos face a face com a actividade extraordinaria do pequeno dolicoide, o qual, abrangendo na sua expansão o Mediterraneo, cada vez se reverencia mais como portador duma floração artística que em Mycenas tem o crepúsculo doirado. E' a raça neolítica a que o eminente Sergi atribue uma proveniencia africana, dividindo a em quatro ramificações : — os iberos na Península, os lígures em França e na Italia, os pelasgos na Grecia e na AsiaMenor, finalmente, os líbios na Berbéria e no vale do Nilo.

Não se confunda a dolicocefalia do *H.-Mediterranensis* com a do *H.-Europæus*, de quem pode muito bem ser primo direito, não lhe devendo, no entanto, senão assolações e hecatombes. Valores rácicos inassimilaveis, — um, individualista e truculento, apaixonando-se todo pelo comando e pela presa, o outro, comunitario e produtivo, sempre agarrado á terra e ao grupo, é entre ambos que os dramas mais intensos da Historia se teem desenrolado tanto ontem como na hora actual. O *H.-Europæus*, ao deixar as regiões nataes, encaminhara-se para a Asia pelas portadas faceis do Caspio. São êxodos que se sepultam na escuridão por enquanto. O Aria histório manifesta-se no Ocidente a partir do seculo XII (a. C.) com os Acheus que tombam de chofre sobre a sociedade egeana. Um segundo galão se lhes seguiria com os Dorios do seculo XI, sobrepondo-se aos Acheus e acabando de destruir a cultura brilhante de Mycenas. Da reelaboração dos elementos subvertidos resultaria mais tarde a Hélada clássica no esplendor dos seus traços imortaes.

Mas o compatriota de Minos, vencido numa ca-

tàstrofe tremenda, em que tudo, — raça e civilisação, se perdeu, a que antiguidade recuada remontaria? Navegador e industrial tão depressa se declara a idade de bronze, iniciada por ele, é inutil repetir que em nada se mostra tributario do homem loiro, dimanando da Asia em tumultos de conquista. Possuia uma lingua sua, como se deduz das inscrições de Praesos (1), que não se resolvem por intermedio dos dialectos qualificados de euro-indicos, e ás quaes parece corresponder um idioma proprio, donde se comunicariam ao grego e ao latim certos vocábulos em que não transparece uma sombra que seja de derivação oriental. São sobretudo nomes de metaes e de plantas, cuja existencia se verifica unicamente entre os povos do Mediterraneo. E' o que acontece, por exemplo, com a palavra «*vinho*», que presupõe um prototipo egeano, acionando diversamente nas gentes exóticas advindas de longe, ou com o contagio lento do semita, ou com o avanço belicoso do *H.-Europæus*. Tambem sucede que o Aria não conhecia o vinho antes de se aproximar do Mediterraneo. A sua bebida usual era o hidromel, que se designava pelo mesmo termo com que se exprimia o mel, Depois, com o altear do grego, é que se transferiu para o vinho o vocábulo que primitivamente se aplicava ao mel (2).

Aos depoimentos da filologia ajuntam-se com vigor as afirmações dos antropólogos no sentido de nos apontar entre o habitante do Egeu um fundo autóctone dolicoide e de porte médio. A braquicefalia, que porventura lá se observa, começou a traduzir-se numa época mais baixa que a arcaica, e sempre na proporção das misturas étnicas, atraídas de largo pelo viço dnma civilisação tão cheia de recursos e de apetites como era essa de Creta. (3) E quando a sciencia nos enumera os caracteres so-

(1) René Dussaud, *Les civilisations préhelleniques dans le bassin de la Mer E'gée*, pag. 437. Paris, Paul Geuthner, 1914. *Deuxième édition.*

(2) René Dussaud, *obr. cit.*, pag. 439.

(3) René Dussaud, *obr. cit.*, pag. 447.

máticos do contemporaneo de Minos, é bem o nosso aborígene que nós achamos diante. Pele trigueira, cabelos negros e corredios, talhe regular, — eis como os depósitos osteológicos e os despojos picturaes nos reconstituem o natural do Arquipélago, confinado, sem mescla ainda, na integridade do seu meio social e físico. E, pois, o *H.-Mediterranensis* em plena autonomia e no desenvolvimento das suas melhores aptidões. Pregunta-se agora se seria ele indigena, como o irmão da vertente atlântica da Peninsula, ou se partiria destas bandas, com o alastramento progressivo da raça.

Historiemos. O neolítico, tão individualizado pelo idolo feminino, peculiar ao Ocidente, viu a entrada em Creta dos ascendentes mais garantidos da genealogia egenética, talvez oriundos do litoral da Libia, ou quem sabe se descidos da Tessalia e da Tracia com os pelasgos nevoentos da tradição. Não olvidemos a tése em que Salomon Reinach estabelece como eixo das primeiras civilisações continentaes um ponto indeterminado no centro da Europa, donde o impulso se irradiou para a periferia, tomando a forma dum leque que se abre. Sendo assim, não nos repugna que os núcleos destacados da Libia para as ilhas do Arquipélago se aliassem aí com outros bandos afins, brotados da intimidade dos Balkans em procura de climas mais favoraveis. Quando a idade do cobre se evidencía, a a unidade está consumada, não só pelo invariavel *substractum* dolicocéfalo, mas conjuntamente pela convergencia de todas as virtudes colectivas para uma cultura uniforme e robustissima. São as alvas do legendario governo de Minos, — o rei justiceiro, que resume em si o apogeu do período cretense, formidavel na terra e senhor de tudo no mar.

Com a supremacia de Creta intrelaça se o problema dificil do alfabeto, reputado pelos lugares comuns da sciencia como invenção dos fenícios. E' uma questão obscura sobre a qual se não emitem juizos concludentes. Todavia, sem um alfabeto mais velho, pae dos diferentes silabarios conhecidos na

Antiguidade, não se interpretam nem se explicam os numerosissimos letreiros votivos com que a Peninsula tem enriquecido a epiprafia pre-histórica. Recorde-se a obra de Estacio da Veiga. No iluminismo com que o malogrado arqueólogo algarvio se abandona ás mais tentadoras soluções, ha hoje que respeitar verdadeiros estados-de-graça. Com base em documentos desenterrados na sua provincia, Estacio da Veiga entendia que todos os sistemas gráficos existentes precediam dum único sistema gráfico peninsular, já constituido na última fase da idade da pedra. E' cedo de mais para se ir dar aonde Estacio da Veiga deu consigo. Mas isso não invalída o penetrante espirito de previsão que, ao longo de compactas monografias, faz de Estacio da Veiga um insurecionado fogoso contra os abusos racionalistas do seu tempo e o sagra como um precursor dos mais altos.

Em abono das generalisações entusiásticas de Estacio da Veiga, ninguem ignora que o Ocidente neolitico atingiu por vezes notabilissimos momentos criadores. Atestam-no os petroglifos do Alvão, tão profundamente comentados por Ricardo Severo. (1) Ainda que nos fins da idade da pedra não estivesse ordenado nenhum alfabeto, não nos restam dúvidas ácerca do conhecimento e do emprego de sinaes alfabetiformes que já então andavam preparando o amanhecer do verbo escrito. Os materiaes obtidos naquela necrópole trasmontana habilitam-nos a colocar a questão em condições de justo equilibrio. Os neolíticos praticavam a epigrafia com emblemas variaveis, umas vezes ideográficos, outras vezes já fonéticos, deixando-nos adivinhar as fórmas alfabéticas do ciclo egeano. De sorte que o alfabeto, que foi pae de todos os mais alfabetos, pode considerar-se como expresso no silabario dito cretense, que seria um apuro dessas rudimentares e parciaes tentativas, mais simbólicas que paleográficas.

---

(1) «*Commentario ao espolio dos dolmens do concelho de Villa Pouca d'Aguiar*». Vol. I da *Portugalia*.

E' mais um reforço de alcance incalculavel para a crescente síntese ocidentalista. A formação do alfabeto neste trecho escurecido da esfera denota a homogeneidade de raça e de civilisação que tanto distinguiria o florescimento ao *H.-Mediterranensis*. O seu feitio sedentario é um indicio psicológico de que só ele reunia as circunstancias necessarias para se criar um agente tão poderoso de sociabilidade. Nunca o Aria, *raptor orbis*, o engendraria, preocupando-se mais em espoliar e escravisar do que em arranjar raizes e construir povoados. Detentor da produção do estanho, sem o qual não se fabricava o bronze, o mundo oéste-europeu, significado pelo pequeno dolicoide, espraiava-se desde as orlas do Mediterraneo ás ribas húmidas do Mar do Norte, contornando a Península pelos litoraes do Atlântico acima. Ora toda essa extensão geográfica principia a ser farta em achados epigráficos de alta valia. Dos caracteres rúnicos aos gravados rupestres das Canarias um mesmo facto se desprende e verifica. E' a unidade étnica e social do primitivo «*povo de Saturno*».

Já viramos como a deslocação sucessiva do logar oculto em que o deus se refugiara, importava ao largo da linha oceânica, correndo do Báltico ás Afortunadas, uma referencia insofismavel ás diversas latitudes em que o dolicoide meão estacionava, sempre perto do mar, olhando sempre o poente. Não é outra a direção que leva a facha europeia assinalada pela presença dos dolmenes. Desce ela das paragens setentrionaes, com começo nas embocaduras do Baltico, e vai até ás cabeceiras da Africa, para onde avança no rumo do Mediterraneo, como que a indicar o roteiro seguido pelas vanguardas do nosso dolicocéfalo quando transpuzera as ondas para ganhar as ilhas levantinas. Encontramo-nos, — mais uma vez se prova —, em frente duma civilisação pre-árica, para a qual se não consegue sentido, se nos ativermos aos criterios exclusivistas da sabedoria oficial, servida muito embora por capacidades como Maspero e Lenormant. Tardias fôram, com efeito, as aquisições re-

cebidas da Asia, e se algum beneficio a cultura oéste-europêa lhes deve é o inter-cambio de sensações e idéas que Creta representa, elevando as possibilidades nativas do *H. Mediterranensis* á plenitude maxima pelo contacto diario com civilisações rivaes e tambem brilhantes, como a egipcia e a assirio-babilónica. Em pouco se computa, porêm, o alcance das sugestões alheias, quando se ponderam as influencias idas da Europa com os deuses e os ritos, com o alfabeto e os metaes. De tutelados volvêmo-nos em preceptores. E se rememorarmos o testemunho de Strabão ao falar das reminiscencias que se recolhiam na Bética sobre a civilisação turdetana, velha de mais de seis mil anos, com leis escritas e uma literatura copiosa, reconstitue se com a ajuda do viajante clássico todo o vigor e toda a laboração dessa numerosa colmeia de povos transitados para a posterioridade nos pelasgos míticos que trabalhavam o solo e eregiam as cidades. Ao mesmo tempo levanta-se uma ponta do misterio com o desbarato da celtomania scientista. O druidismo passa a filiar-se no fundo autóctone do oéste-europeu, não tendo o homem loiro, de grande espada de ferro, feito outra coisa senão assimila-lo das populações aborigenes.

Aos Pictos da Irlanda se atribue com uma profunda comoção bucólica a posse dos íntimos segredos religiosos, por cuja virtude os padres gaulêses prepararam na Antiguidade o desenvolvimento dos seus altos ditames moraes. (1) E' a extraordinaria crepitação animista que cedo ensinou o Ocidental a enterrar os mortos, como que no vislumbre duma ressureição futura. Por cima da fossa familiar com mais segurança se acendia depois a fogueira dos vivos. Através desse acto de fé na força invisivel do Sangue, realizava-se a solidariedade do individuo com as gerações, — conforme os bons mandamentos de Auguste Comte. Ao limiar das idades, o intuitivismo assombroso duma raça na infancia

(1) Joseph Huby, *Christus, manuel d'histoire des religions*, pag. 436. Paris, Beauchesne, 1913.

encontrava assim para bordão das suas caminhadas a prática inconsciente do conselho que, míriades de anos volvidos, o patriarca do Positivismo atiraria como regra aos tumultos gregarios desta época histórica no eclipse.

Laboratorio incansavel de energias, a índole pachorrenta do pequeno dolicoide deixou aos vindoiros a meditação duma experiencia tão abonada como é a sua. Dotado de raras qualidades de apêgo, o Ocidental teve o condão dos enternecimentos poéticos. A natureza o fadou com a brandura resistente dos povos agrícolas. Não exercia a guerra como sedentario que era. Brotara do chão como um produto nato, como um produto nato ao chão se afivelara, sem nunca desenlaçar o cordão umbilical. E' representativo o caso do nosso indígena, descobrindo-se em Mugem pescador e caçador, mas já com habitos fixos, quando o ciclo cerealifero vinha distante ainda. Tome-se a revelação do vale do Tejo como tipo geral do nosso homem arcaico. A necrolatria, professada por ele, ascende-o depressa a uma concepção espiritual superior. «*Sidhi*» ou «*Aes Sidhe*», — «os habitantes da colina», é como em velho irlandês se chamam os deuses. (1) Muitos autores supuzeram que os galaicos não reconheciam o principio divino porque não possuiam nem templos nem imagens. Entretanto, rodeavam um determinado monte de apertadas interdições religiosas, temendo-o como a um deus. E' a lembrança dos «*Aes Sidhe*» da tradição câmbrica. Tambem na Lusitania havia mais dum *mons-sacer*, cuja memoria subsistiu na toponímia corrente de Monsanto. (2) O culto das fragas e dos cumes, tão definido na Biblia, é sempre o prenuncio dum monoteismo em embrião. Não seria um monoteismo em nascimento aquele alvoroço contemplativo que em noites de luar atraía os cantabros para fora de casa e os punha a dançar em honra dum deus desconhecido ?

(1) Joseph Huby, *obr. cit.*, pags. 415.
(2) Leite Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. II, pag. 103.

Tal era a concepção espiritual que o aferro instintivo ao solo conferia ao pequeno dolicoide. Raça agricultora, pelo culto dos astros noturnos, elevou de bem nova os olhos ao infinito, sentindo o estremecimento do maravilhoso roçar-lhe a alma cândida de gente primitiva. Impressiona-nos o religiosismo com que o homem meão saudava as potencias ocultas da Natureza, não as receando nunca como potestades custosas de aplacar, mas tendo-as antes como genios tutelares, companheiros de todas as horas da vida.

As nascentes, as montanhas, as ribeiras, mereceram-lhe o enlevo das creaturas simples, piedosas e bem famigeradas, como na Antiguidade fôram os Atlantes. «*Serra da Estrella,*» «*Serra da Lua,*» são ecos aflorando ao de cima dos séculos. Na Armórica Bromo presidia ás aguas termaes. E' o Bermânico, de «*burbulhar*», que se reverencia nas lápides votivas de Vizella, postas a salvo, felizmente. Recordemo-nos da adjuração de Don Diogo Ordoñez diante dos Muros de Zamóra num dos poemas do ciclo do Cid. «*Eu desafio os de Zamóra, tanto os grandes como os pequenos. Eu desafio tanto o vivo como o morto, tanto o que nasceu como o que está para nascer, Eu desafio a agua que os da Zamora bebem, a lã que eles vestem... Eu desafio tudo e todos, desde as arvores da floresta até aos seixos do rio!*» E' um episódio da epopeia castelhana que contrasta com a sanganeira que a inflama de raivas vermelhas e que não se combina nada com a truculencia ingénita do elemento ibérico.

O ibero expunha os seus mortos á devastação das aves de rapina. O dolicoide da facha oceânica da Peninsula depositava-os no seio da terra. Eis uma diferença que distingue de sempre, e para sempre, o génio dos dois povos e que é bem a rasão da *eterna divortia* em que ambos se perfilam irredutivelmente em face um do outro. A epopeia castelhana, cortada da mesma ferocidade grandiosa que entregava os defuntos ao bico dos abutres, é a prova do conflito de moral e sentimentos que nos separa dos nossos vizinhos. Por isso o desafio de

Don Diogo Ordoñez, acusando o misticismo lírico do Ocidental, deve tomar-se ali como a manifestação duma psicologia estranha á medula do poema e á violencia que o sacode. O *ethos* castelhanista, alimentando-se do temperamento errático do ibero, tão parente do celta que acabou por se fundir com ele, só reconheceria as divindades da carnagem, em cuja invocação ha sempre uma vítima a saciar lhes a furia nunca farta.

O individualismo cioso das castas predomina nas composições aristócraticas de que Castela é o paradigma vivo. A idéa de comunidade afectiva que resalta na provocação de Zamóra é-lhe alheia por estrutura e condições de meio. Só haveria aí de exacto a posição de Don Diogo Ordoñez, isolado em frente de todas as forças visiveis e invisiveis que ele enumera e desafia. E' o traço proprio do iberismo épico. O resto não é mais de que uma influencia poética e social do espírito do Ocidente a prevalecer nesse trecho soberano das crestomatias espanholas. Só o Ocidente se colocava assim a meio da natureza e se fazia um todo uno com ela. E' mais ou menos a lenda do Leinster que se repete, com o Sol e o Vento convocados a testemunho. (1)

Um dos aspectos mais característicos dessa vasta sociedade pre-árica que no Ocidente se expandira, é com a compreensão sentimental da natureza, como fica dito, o lirismo exaltado da Esperança.

O segredo das Estações iniciou o pequeno dolicoide no renovo da terra e na volta das quadras bonançosas. Não se tratava duma grei dispersa em tomadias bélicas, com os descampados sem limite por terreno de carreira. Familia comunitaria, o gosto do enraizamento transmitia-se sucessorialmente através das gerações, como o patrimonio mais querido do grupo. Sem inclinação para a terra, jámais a sabedoria druídica se concebera com o

(1) Joseph Huby, *obr. çit.*, pag. 416.

seu convivio das plantas e das estrelas. E' no alargamento dos costumes agrarios que reside o germe primario da Esperança. A semente que se deitava ao chão renasceria mais tarde, com o regresso dos dias maiores, na festa da colheita que se partilhava em comum. Quem aprendia a guardar a maré propicia dos trigos, aprendia em ocasião de mortes e invasões a confiar no instante futuro em que o desfogo perdido havia de tornar.

Não é um torvelinno de nómadas, marchando ao acaso, que póde experimentar o estado psíquico de que a Esperança se sustenta. Com a Esperança é que o homem meão se defende quando o guerreiro de coma loira desponta, levando tudo a ferro e a fogo, como para facilitar o triunfo da civilisação de Halstatt que chega com ele. Como em seguida ás chuvas e ás geadas, vinha inalteravelmente o desabrocho macio da relva e as aves protectoras, desaparecidas, assomavam de novo ao horisonte, oh, decerto que o turbilhão devastador se sumiria numa aberta mais feliz e as populações, tratadas em rebanho, voltariam a ser as senhoras de sua casa e dos seus destinos! O autóctone recobraria a dignidade perdida. As aras e as lareiras não sofreriam mais o respiro oprimido do escravo, regando com suor de sangue, para beneficio dos outros, o torrão da courela natal. E' que por mais que a noite dure, o dia avança-lhe sempre no encalço. Atrás do temporal que se esfrangalha por cima das nossas cabeças, a serenidade idílica perturbada, cedo ou tarde, estará de regresso, como a primavera que se adianta com passo firme no caminho rasgado pelo vigor do inverno.

Tal é a dinâmica da Esperança que, nascida e criada entre raças propensas á agricultura, traduz um acto de confiança no futuro, só admissivel quando o homem se submete ao eterno preceito da hereditariedade. Nós não valemos por nós, — conforme a nefanda mentira igualitaria. Nós valemos apenas como elo de passagem duma cadeia interminavel que, se se desatar, nos deixa ao acaso como um valor avulso, a que o préstimo faltasse de súbito.

Enterrando os seus mortos, não os abandonando nem ao pasto das féras, nem á lingua épica da chama, o Ocidental realizou essa solidariedade, preconizada por Comte, em que defuntos e vivos se conjugam e identificam como um corpo único que a mesma alma inspira.

Não é a insurreição do individuo contra a Espécie, — na sentença memoravel do filósofo, com o capricho pessoal governando em mestre absoluto. O frenesim de casa-de-orates que se indumenta com as anacrónicas místicas revolucionárias não passa duma recorrencia mórbida dos países de entramada estrutura tradicionalista, referente a um estádio anterior de formação que o Ocidente só passageiramente conheceu. Pois é agora a fonte de toda a indisciplina de morte qne lhe solavanca os alicerces e lhe rasga bocas enormes no rijo arcaboiço secular. A cura resolve-se no respeito da ordem antiga, cujas rasões de vida se confundem com as rasões da nossa propria personalidade. Atravessa-se uma crise de consciencia social em que a consulta ao reservatorio dormente das nossas energias só se alcançará por meio duma observancia miuda de quanto se encerra no determinismo orgânico de cada povo.

Não é já o figurino da Nação — Humanidade, agitando palmas e entoando hosanas deante dos muros da Jerusalem vindoira, a finalidade que atrái o apuro melhor das gerações que sobem. Morre num *in-pace* de ignomínia a tola utopia internacionalista, com pontífices de avental e trolha oficiando em grande rito. A regra mental que predispõe na actualidade as inteligencias não se soccorre dos Imortaes-Principios, nem das sociologias contemplativas de Jean-Jacques. A demopsicologia tomou á sua conta os *Direitos-do-Homem*. E se os desnudasse como um embuste poupar-nos-ia ao menos a vergonha de se ter acreditado numa peça retórica em que predomina mais o ilogismo dum doente com febre de que os intuitos generosos duma experiencia política. São as entradas duma era nova. A corrente pragmatista subor-

dina os cérebros, aproando-os a uma síntese reconciliadora. Desfaz-se em retalhos a farraparia ideológica do racionalismo ôco e trascendente, em que o claro pensamento ocidental se abastardou, tão depressa se viu contaminado pela avariose do «*livre-exame*». Nós, os das margens do Atlântico, somos as vítimas do espirito-de-análise e da cantiga mágica da Liberdade,—de quanta abstrusão metafísica nos veiu lá dos recantos tristonhos da Germania!

Dada a ferrenha índole de casta pela qual o homem loiro, de alta estatura, se mantivera sempre em «*banda*» dominadora, o individualismo nunca seria para ele senão um motivo de reforço, — um convite á sua maior expansão, ao exercício aristocrático da vontade. Supondo-se duma carne previlegiada, o homem loiro, no entanto, não excedia as barreiras da existencia. Como todo o guerreiro, era eminentemente religioso. Aceitava a camaradagem dos perigos e da conquista, entrelaçando vínculos com os companheiros de armas e de arremesso,—seus pares e seus irmãos. De maneira que no cultivo constante dos apetites de presa e de comando é que o individualismo histórico se baseia, tão diferente do individualismo filantrópico da Revolução, como é diferente a literatura máscula dum conde de Gobineau ou dum H. S. Chamberlain das apóstrofes redentoristas de qualquer profissional da Salvação-Publica ou dos Estados-Unidos do Universo.

Caíndo em cheio na feição particularista e comunitária do Ocidente, o individualismo do *H. — Europæus* foi aqui, aonde não havia nem raças vencidas nem raças vencedoras, mas uma forte unidade tecida sobre o laço do parentesco e não no da força, um apelo dirigido a quantos defeitos atávicos jaziam em somnolencia, graças ao vigor das nossas disciplinas tradicionaes. O duelo tremendo que nesta hora de interrogações dizima a Europa não é mais que o embate decisivo do mesmo individualismo, incarnando o seu aspecto genuino a Allemanha imperialista, enquanto a França lhe

padece as consequencias de uma assimilação negativa. Não se substitue ao passado de uma raça o passado de outra raça. Tão bastas que sejam as pilhas de cadaveres, expiando de pupila parada para os astros um desvario de mais de cem anos, por muitos horrores que desabem ainda por cima de nós, já se não duvida que, sendo etnias, e não políticas, em confronto, é o dia de juizo que sôa para a quimera de azas de morcego, mas de sorrisos amaviosos de fada, a cuja voz de promessa se abandonaram os países de estreita composição afectiva, em que a hierarquia repouzava apenas num frágil suporte de natureza espiritual.

Logo que a análise desmedida aluiu sem remedio essas rasões inatas de crer e de agir, foi-se de pronto a garaatia da alma colectiva. Cada cabeça, cada destino. A divergencia, como um termite, ficou-se a roer as seguranças ancestraes da sociedade. Obliteraram-se com as paixões de momento as directrises elaboradoras do génio e da civilisação. A historia, tão rica de sentido pela certeza dum fim, mudou-se depressa, nos torcicolos em que a arrastaram pela poeira das veredas escuras, numa historia de ocasiões perdidas. Manda o acaso que é quem póde. O burro de Platão avança do fundo das idades para se instalar como nosso senhor e dono, em nome da Soberania do Povo. Acena-se ao gregarismo desvairado com a visão duma ordem por vir, em que não ha de haver nem deuses nem chefes. E' com as roupagens fantasmagóricas da superstição do Progresso que se opera o mais nefasto recuo que se conhece nas marchas crescentes da Besta para as altas cumiadas do Espírito. Prevalecem assim os demónios encerrados na cripta da nossa noite inferior. Com a demencia que empola as massas e lhes confere o voto de primazia, — só se declamam direitos, quando o que só existe são deveres. E' a terrível lei psicológica do esforço-mínimo que nos segreda o ópio das suas tentações. E' toda a podridão sem nome de um baixo ideal optimista a derribar, a

um por um, os socalcos necessarios ás gradações da Espécie na subida vagarosa para a seleção e para o entendimento.

Calcule-se, porêm, a distância que vai do germano utilizando o individualismo como um revigorisador de energias de classe e de patria, ao ocidental, mordido da epilepsia jacobina, precipitando-se no desmentido de si proprio, tal como aqueles pensadores que acabam por se suicidar, depois de terem reduzido a menos que pó, no furor da análise, os sentimentos e as idéas, a intuição e a inteligencia. A guerra presente é a prova infalível. O germano intensifica a sua tradição, invoca-a como um incentivo á plenitude maxima do heroi, reclama-se de Deus e únge-se com um primado teológico assombroso sobre os demais povos da terra. E' a autoridade, brotando do temperamento educado numa aprendizagem tenaz. E' o Número e a Medida. E' a Proporção e o Peso que, nascidos com o claro instinto do Ocidente, se transferiram, todavia, pelo valor dum conceito pessimista da Vida, para etnias nebulosas que se fizeram superiores, porque nunca viam o sol e o terreno lhes fugia continuamente debaixo dos pés.

O individualismo importa, por isso, para o alemão, numa confinação exclusivista de grupo, o habito hereditario de quem, em luta com tudo e com todos, se acostumou de ha muito a contar apenas consigo. Impelido da região de origem por espantoso acidentes geognósticos, eis como homem loiro, á busca de espaço vago por ceus inclementes e territorios inhóspitos, se ganhou para o egoismo soberano de patria, vindo a alcança-la, afinal, quasi no ponto remoto da partida. A peregrinação milenaria pelas longadas da esfera deu-lhe ousadia, pulso seguro, ímpeto avassalador. Já não acontece o mesmo ao dolicoide meão que, apossando-se da qualidade madre do homem loiro, a manejou como um instrumento de derrocada.

O individualismo entre o germano vale no seu significado social como a individualidade duma raça

e duma patria que apertadamente se unem, para apertadamente se consolidarem. Guilherme sauda-se como herdeiro do Aria, *raptor orbis*. E é convencido da vocação sobrenatural do homem loiro para o comando do Mundo que ele põe em armas a nação alemã, a qual lhe responde ao apelo como um eco unísono. Nós, os ocidentaes, representantes duma cultura cem vezes mais brilhante, senhores duma mais larga e desbravadora missão histórica, regeitamos, pelo contrario, o patrimonio de ideal e de disciplina com que os povos se virilisam e conseguem sustentar-se no maior grau de elevação. E' pela estafada excelencia dos principios, é pelo sediço gagaismo lírico da Revolução, que nos alinhamos agora em combate, deglutindo mal e apressadamente a prosa pacifista que o agitador ainda na véspera nos transmitira em fartas explosões de saliva.

Eu não me entremeto a examinar esse poderoso factor energético que é a guerra em si. Limito-me tão somente ao registo dum estado mórbido da nossa idiosincracia de latinos, — passe a designação menos propria. Toda a doença deriva de ter o ocidental visto apenas o Homem com maiúscula alegórica, — o homem abstracto, ou *an-histórico* de Sorel —, aonde o germano vira o homem, sim, mas o homem loiro, o celta truculento, o individuo típico da sua grei. E' uma diferença tão pequena que leva dum lado á paranoia cosmopolita do mito libertário, e do outro, ao método de ginástica etnica e social, que é o pangermanismo das paginas frementes de Chamberlain e de Ludwig Woltmann.

Assim, enquanto uns, vendo-se a si, era para os tesoiros inexgotaveis do passado que eles recorriam, servindo-se da infinidade de forças que moram no sub-consciente duma colectividade, nós outros corríamos como doidos para o fim dos fins, na mais covarde das abdicações. A grande palavra soltou-a Comte, quando capitulou de rebeldia do Ser contrá a Especie essa nevrose de perdição. De-

frontando-se na hora actual, os dois individualismos no íntimo são uma e a mesma cousa. As consequencias é que são diversas.

Para bem do Ocidente o germano será vencido pelo vizinho da stepe, com relâmpagos devastadores no olhar coalhado como leite. Como ao declinar da idade antiga, o bárbaro vence os inimigos de Roma debaixo da sedução que irradia da metrópole. Mas das gentes e gentes que o Imperio enquadrava em legião um rumor sinistro se desprendia e tomava corpo, entretanto. Roma, descuidada, gozava os festins de Trimalcion. Ele eram vinhos espumando em cráteras preciosas. Ele eram molhos de requinte com pérolas dissolvidas. Aos ouvidos do soldado obediente á insígnia lupercal chegavam os rumores do banquete. A ânsia das mesmas coisas saborosas e a fome das mesmas carnações de preço entraram a trabalhar-lhe o apetite de animal refreado. Deu atenção á voz que o desafiava. E quando os diques do Rheno se romperam, a púrpura de César cedeu á Corôa de Ferro, com gaulêses e galatas capitulando diante do irmão de coma doirada, flutuando ao vento das batalhas. Ora não vá repetir-se a historia, com Paris atraíndo as cubiças do slavo aliado, que de instante para instante, se a sorte o bafeja de mais, se pode tornar num braço potente, pesando na balança como a espada de Breno!

Tão escusada que pareça a diversão, cabia ela, contudo, neste estudo em que se procura reconstituir o significado do que seja, em verdade, a raça portuguêsa, — se a raça portuguêsa existe, em desmentido vigoroso as negativismo de Oliveira Martins. Existe, — é uma certeza que se coloca como um dogma. O que interessa agora é surpreender-lhe a capacidade criadora e as mais virtudes que nos caracterisam como povo livre por obra da Etnia e do Meio, nunca pelo acaso das circunstâncias políticas e sociaes.

Entronca o nosso auctótone no recuado fundo libio — ligúrico, em que o *H.-Mediterranensis* figura

como padrão antropológico. O Lusitano, longe de ser uma pretensão heráldica dos humanistas de Quinhentos, como Alexandre Herculano quizera num dia de mau humor, é antes um dos ramos mais dotados da velha família de Saturno. Como todo o Ocidental, a sua índole comunitaria, elevando-o pelas mancomunidades agrícolas á fórma jurídica do Municipio, concluiu por achar na Patria a completa expressão colectiva, tão cedo o Rei lhe aparece, operando o equilibrio das behetrias do Norte com os ópidos do Sul.

Trazia consigo, no seu determinismo, esse tácito consenso do todo com as partes que gera as nacionalidades e que é para os períodos agudos que hajam de entrecorta-las a garantia indefectivel da continuidade e da duração. Como elementos státicos, possuia os vínculos de parentesco e vizinhança que lhe tinham vindo da propensão ináta do indígena de Mugem para se soldar á terra e estabelecer a fornalha dos vivos em cima da sepultura dos mortos. Como elementos dinâmicos, concedia-lhe faculdades de resistencia afectiva, que é a mais forte de todas, o naturalismo proprio do Ocidente, que na Esperança ganhava um factor dionisíaco, tão amplo como o arrebatamento que alevantou a Catedral, tão invencivel como o sonho activo que conduziu as Descobertas.

A Esperança é ainda o mesmo sonho activo extraíndo da derrota a afirmação duma vida que não se rende, o grito duma força que persiste e confia na hora que lhe ha-de chegar. Não é um musulmanismo em delirios de febre, nem uma sensibilidade histérica, perdendo-se em fantasias de impossivel. O mito, ensina Georges Sorel, é uma criação da vontade colectiva, em que se condensam as tendencias mais fortes duma época ou dum povo. Não se irmane com a utopia, que não passa dum excesso de imaginação perdendo-se no vago do capricho pessoal. Pois a Esperança guarda dentro dela o profundo génio que concebe os mitos. Sentimento que envolve a colaboração do Tempo e do Espaço, não surgiria senão entre as raças que, enraízadas

com apêgo rijo, se projectavam para além dos horizontes individuaes, afim de se reconhecerem numa forma mais prolongada de existencia.

Curioso é notar que a Esperança se materializa sempre em promessas de libertação lá onde se evidencía um movimento de acentuado espírito comunalista. Eu já não falo do nosso Desejado, entrevisto por vilas e aldeias na vigilia admiravel que prepara a resurreição dos Concelhos durante a epopeia da Aclamação. Só recordo o Encoberto que se manifesta em Castela com as *hermandades* ou *germanias* do seculo XVI. Anteriormente, no seculo XII, já na Valonia, com o celebre arquidiácono de Liège, se revelara um «Homem-Predestinado.» São factos que nos demonstram como a Esperança, elemento dinâmico da grande alma lírica do Ocidente, corresponde a um dada modalidade social e histórica, que é a Comuna, ou o Municipio.

A Comuna, ou o Municipio, derivam da tendencia agraria das antigas populações, organizando a partilha do sólo e a distribuição da colheita em sistema institucional. Por sua vez a Esperança confirma o genio sedentario e agrícola que, em relação a um logar, descobriu com a periodicidade dos fenómenos astraes a volta das estações e o segredo das sementes. Identifica-se a proveniencia de ambos os elementos. E assim como um, transposta a fase do particularismo vicinal, se achou num acordo perpetuo de interesses que, pelo regime federativo, o conduziria á noção de Patria, tambem o outro, excedendo os limites estreitos duma emoção bucólica, se tornou perante a lição pessimista das coisas num como que dom de harmonia, tão regular e tão reparador, como o sol subindo e descendo na fita larga dos signos.

Este sentimento unânime da Esperança é mais um traço inolvidavel do Ocidente. Da Esperança se nutre a Hibernia dolorida. Por Artur adormecido aguardam os giestais armoricanos, enfestoando-se todas as primaveras. E já em horas idas uma sibila cantábrica prometera á sua raça em op-

pressão um salvador no futuro. (1) E' bem a claro o temperamento idealista do pequeno dolicoide que abrangia, — não se esqueça nunca — , todo o trato geográfico do litoral atlântico, desde as bocadas do Mar do Norte ás faldas em regaço do Atlas. Não é outra a direcção que a linha dos dolmenes pontua, sugerindo a marcha dum povo que avançasse em rumo descendente, como a arqueologia já pretendeu sustentar. Portador duma cultura pre-árica, não são nunca demais os subsidios que deponham acerca da homogeneidade dessa cultura, quando ainda se não esfarraparam por completo as variadas concepções que a miragem asiática suscitou, nem vão desfeitos os enunciados do arianismo dogmático de Gobineau e Lapouge.

Admitiu-se aqui a hipótese aristocrática do *H.-Europæus* unicamente para o efeito de se estudarem as condições do nascimento duma primeira civilisação. São motivos teóricos que subsistem para como o *H.-Mediterranensis* que, embora não tenha costela doirada nas linhagens da antropo-sociologia, é, sem dúvida, o valor étnico a que se deve a mais recuada impulsão civilisadora. O homem loiro andava na vagabundagem dos caminhos sem fim, mal assomara então ás gargantas do Hindu-Kuch, — e já o dolicoide meão do neolítico, construtor e sociavel, se dotava com uma escrita em ideogramas, que bem depressa, pelo desenrolar das necessidades, se resumiria em inquestionaveis sinaes alfabetiformes. A arte da pedra polida é no oeste-europeu assombrosa de graça e de intenção, como, de pronto, para se citar um exemplo, se prova com as pinturas murais de Altamira. Os depósitos recolhidos na necrópole transmontana do Alvão denunciam com o admiravel sentido naturalista do nosso autóctone a riqueza de conhecimentos que ele já utilizava num recesso ínvio da montanha. Pelas declarações da etnogenia, de mãos trocadas com o positivismo arqueológico, não é ao

(1) Suetonio, *Oeuvres*, tradução de la Harpe. Paris, Garnier, 1893. *Galba*, *IX*.

Aria, cuja encarnação aproximada, em realidade, se verifica no *H.-Europæus*, que nós podemos atribuir a autoria duma cultura tão cheia de independencia e cunho fisionómico. Conhecido que o pequeno dolicoide é que a transmite por toda a parte, lá desde as praias da Irlanda ás paragens doces de Creta, não se me afigura tambem com entrada a debatidissima solução turaniana.

Os Arias já nós vimos que, transitados dum ponto setentrional do nosso continente para as misteriosas vastidões da Asia, só a partir do seculo XIII (a. C.) é que se adiantam com as primeiras migrações. Sabe-se igualmente que até ao período da Téne toda a civilisação manifestada na Europa é rigorosamente aborígene. Invalidam-se por si mesmas as impertinencias intelectuaes que porventura pretendam endireitar ainda a miragem orientalista no seu desabamento final.

O Aria toca a cultura do pequeno dolicoide quando se avizinha do Egeu. As máscaras de oiro de Mycenas revelam o conquistador, mas a arte é toda ela indígena. Se nesse interposto do Levante, assim facilitado ás influencias asiáticas, o homem-loiro se não acusa mais cedo em contacto com a cultura do Ocidente, como é que ele alcançaria as distantes ribas do Atlântico, onde de antemão com o periodo bronzífero e os Albiões mercadejando o estanho nas Cassitérides, a metalurgia atingira um desenvolvimento notabilíssimo? A opinião de Salomon Reinach, fixando no centro da Europa um fóco do qual a civilisação ocidental irradiaria como um leque abrindo-se, eu bem sei que nos implica uma resposta imediata. Duas correntes análogas iriam divergindo do eixo para as extremidades. E enquanto uma se comunica aos imensos relevos que correm direitos ao planalto do Iran, a outra, caminho do Oceano, pousaria pela linha da costa abaixo até investir o Estreito. As relatividades de ambiente haviam de cavar ao depois distinções irreductiveis. E quando mais tarde os dois ramos se perfilassem em frente um do outro, com a ação do Tempo e a

química do Meio, eles não seriam senão estrangeiros em face de estrangeiros.

Desta sorte, a cultura dita oéste-européa penetraria entre nós pelo norte da Península, na descida dos povos para zonas mais amoraveis. Tal é o juizo em que o insigne Martins Sarmento assenta o seu ligurismo, que se abastece doutrinariamente duma imaginaria proveniencia ariana. A Martins Sarmento nós temos obrigação de venera-lo como um espírito eleito que adivinhou toda a revolução scientífica que anda deslocando para o nosso Ocidente, onde ficava a maravilhosa Tharsis da passagem de Ezequias, o berço de milagre que a fantasia dos sabios teimou em instalar nas dobras enigmáticas do Pamir. Todavia, por muito que o trabalhador formidavel da Citânia se adiantasse na reconstituição dos textos primitivos da *Ora Marítima* e da *Argonautica*, pela posição da época e das teorias preponderantes, Martins Sarmento não se poude eximir a certas idéas feitas.

A uma linha da verdade, houve ficções eruditas que lhe interceptaram a plenitude da visão. Creta não se desentranhara ainda na opulencia sem conto das suas riquezas. Apenas Mycenas se conhecia. E bem sensacional é aquele estudo no primeiro fasciculo da *Portugalia* em que Martins Sarmento compara com os achados de Schliemann no Levante alguns fragmentos arquitetónicos de Briteiros e Sabroso. A afinidade, porêm, é para ele mais um indício do Aria iniciador, derramando pelas cercanias da Asia-Menor os profundos dons do seu genio e dirigindo-se de seguida ao seio dos Hiperboreos e dos Cimerios na árdua faina de missionario dos povos. O avanço, — como se supuzera —, não se teria produzido pelo Mediterrâneo, sempre á vista de terra, com ilhas de permeio promovendo a facilidade da rota. Parando um momento na facha convidativa do extremo oriente europeu, o Aria enfiaria antes pelo Danubio numa lenta ascenção; e, aproveitando-se do Rheno, iria pela acessivel navegação fluvial dar consigo no Mar do Norte.

Eis como se prepara a floracão abundante do periodo bronzífero, segundo Martins Sarmento, que assinala á chegada dos Arias os últimos arrancos da pedra polida.

Nem Martins Sarmento dispunha dos materiaes fornecidos pela filologia comparada, quanto á naturalidade européa do homem loiro, nem quanto á data recentíssima dos hinos védicos. Insulado no outeiro da Citânia, ele resulta por isso bem mais admiravel quando pela simples interpretação dos textos clássicos se apercebe desse caminho interior que as migrações tomariam. O erro esteve apenas na inversão dos dados do problema. Uma grei atlântica é que desceria para o oriente mediterrânico pelas estradas fluviaes do Rheno e do Danúbio. Nunca um povo asiático rompêra por elas acima.

Mais uma vez se insiste em que os árias históricos apontam nas orlas da Grecia com os Acheus que no seculo XIII (a. C.) tinham submetido por completo o mundo egeano. O segundo arremesso pularia no seculo XI com os Dorios, sobrepondo-se aos Acheus que haviam assimilado os beneficios da cultura encontrada, como se observou na necrópole de Mycenas, em que a arte é indígena, mas os corpos reaes de evidente origem estrangeira. Os Acheus, provindo dos Balkans para o Peloponeso, engolfaram-se na guerra de Troia e são os obreiros arrojados do ciclo cantado por Homero. Sucedem-lhes os Dorios, que os dizimam, em cumprimento da sina que leva o *H.-Europæus* a exterminar-se sempre em brigas fratricidas. O bronze definha-se. E' o Dipylon que surge com as armas de ferro. Ora a mais antiga estação do ferro hoje exumada, — a que se reconstitue como tipo, é a de Hallstatt, na Alta-Austria, que os arqueólogos classificam como do seculo VIII (a. A). E' a primeira civilisação do do ferro com o celta amanhecendo para os destinos da Europa. A civilisação da Téne é já de outra fase mais próxima com que se prelimina o aparecimento dos gaulêses e o cerco de Roma por Breno.

Anteriormente ás datas estabelecidas, não se co-

nhece manifestação nenhuma do dolicocéfalo linfático e de talhe elevado adentro do continente europeu. Pairaria então pelas alturas do Iran (*Airyânam* em avéstico), donde tiraria o nome. Só numa época mais baixa que a época do bronze se afirma como conquistador, subordinando o dolicoide de Minos e reduzindo á escravidão o pelasgo diligente. E' provavelmente pela Tessália que penetra na Grecia. E, concentrado aí, distribue-se em seguida para a pilhagem das industrias florescentes do homem meão, assomando logo para a historia os bandos que desabam sobre a cultura faustosa do Mediterraneo. Os ramos que se dirigem para o lado oposto só tarde é que se entremostram em Hallstatt, sumidos como andaram durante bastas centenas de anos por pântanos e desfiladeiros, em que o sol tardava e as montanhas faziam mais sombra que a noite. (1)

Aonde é que fica, pois, o extremo imperio de Saturno, — que consaguinidade prende, por ventura, as gentes trabalhadores do Ocidente ao truculento invasor indo-europeu que, se marca uma nova idade nas indústrias em adolescencia, é para utilizar logo o ferro como agente mais rápido de exterminio? As fábricas Krupp e a catedral de Reims não são de agora, — creia-se. Estavam pressentidas na catástrofe que submergiu a cultura egeana ao peso duma massa empenachada, de feras qualidades aristocráticas, sim, mas que não via mais que o seu apetite de presa e de comando, guardando se já do contagio dos povos melhores dotados pelo exclusivismo áspero de casta. Como é que nós, oci-

(1) Claro que eu considero apenas a linha teórica das migrações do homem loiro. Nem todos os desse ramo antropológico se passaram á Asia. Inúmeros bandos ficariam em vagabundagem pelo norte europeu. Eis porque a tradição faz descer os Celtas do país dos Hiperboreos. Segundo Amiano Marcelino, (XI 9) teriam vindo «*ab insulis extremis et tractibus transrhenanis*. Já Jornandes chamava á Terra dos Godos, no sul da Scandinavia, *vagina nationum, officina gentium*. Dos núcleos que permaneceram na Europa tiraram reforço ao depois as assolações arianas, vindas do Oriente.

dentaes, nos admiramos da brutalidade que incendeia Louvain, se em Guilherme, quando se unge com as predileções do Ceu e avoca a si a herança universal do Aria, resurge toda a violencia do individuo loiro ao chocar-se como o meão de cabelos escuros, a quem ainda por cima manda chamar besta de carga pelos fariseus da antropo-sociologia?! Oh, acreditem que a historia é periódica, que ela se repete nos seus episodios mais miudos!

No drama que hoje se desenrola sobre a terra fremente da França é o eterno duelo étnico do *H.-Europæus* com o *H.-Mediterranensis* que palpita fundamentalmente. E' a lâmina abrutada de Breno. E' a rebeldia sacrílega de Lutero. E' o cerco de Paris em 71, artilhando as estufas do Muséum e pondo em risco as coleções do Louvre. E', enfim, a raiva surda duma raça que nunca soube o que era pensar com claridade nem sentir com transparencia! E' o cangirão de cerveja ao lado do sorriso da Gioconda. Pregunto eu, por isso, que solidariedade de passado, ou de destino, nos ha-de acamaradar, como se fôssemos irmãos com irmãos, se é a carne da nossa carne que o não deixa, se é a nossa alma em perigo que o não consente?!

Não! E' bem outra, com outro alcance mais nobre, a nossa psicologia. O divorcio irreparavel vem da raiz dos séculos. Já Hercules, ao atravessar o país dos pigmeus, os arrepanhava aos punhados, levando-os consigo dentro do seu manto de pele de leão. E' como se simbolisa na expedição alegórica ao Jardim das Hespérides o embate do Aria com o pequeno dolicoide. *Hesperides*, de *Divaspara*, quer dizer «*extremidade do dia*», ou «*sitio onde o dia acaba*». A alusão não póde ser mais aberta. Nas maravilhas desse horto encantado adivinha-se o esplendor sem par da civilisação do bronze no Ocidente, que é, com efeito, o ponto onde o sol desaparece. O pigmeu identifica-se com o nosso homem meão, enquanto Hercules, personificação da força, é o mito que esconde as arremetidas da *H.-Europæus*.

H.-Europæus, homem por excelencia, o apeli-

dam os teólogos do pangermanismo, bebendo das nobiliarquias rácicas de Gobineau e erguendo a classificação de Linneu em artigo de fé. *H.-Mediterranensis* se etiqueta o habitante da zona atlântica numa condescendencia desdenhosa, em que vai como que um sorriso de patrono para o pobre liberto de ha pouco. Mas, detentor de uma cultura pre-árica, já sabedora do segredo dos metaes e do governo dos astros, que obséquio dos deuses conferiria ao pequeno dolicoide a scentelha do génio, sem que o varão eleito das escrituras antropológicas lhe impuzesse sobre a cabeça o sinal da iniciação?

O ESPÍRITO DA ATLÂNTIDA

Importa, na realidade, desvendar agora as origens do indígena do Ocidente que deu tão grandes provas do seu genio criador. Comece-se por não se aceitar a classificação de *H.-Mediterranensis* por menos exacta. Se não se lhe quizer aplicar a de *H. Europæus*, que em justiça lhe cabe, emende-se aquela que o designa pela de *H.-Atlanticus*. E' certo que foi no mar do Arquipélago que o ramo dito libio-ligúrico atingiu a maior expressão social e artística. Considere-se, porêm, a rasão decisiva do seu *habitat* e das condições especiais do meio que o gerou. Parece-me que è o criterio a ponderar-se. E não se obtempere que o elemento-*Civilisação* caracterisa com mais vigor. Mesmo, perfilhando semelhante criterio, a emenda teria de se manter.

Do Atlântico, ou bordejando para o Estreito e seguindo a costa de Africa, ou entranhando-se pelas vias fluviaes do interior da Europa, — de uma maneira, ou de outra, o impulso inicial irradia dum único fóco oceânico. Não me adianto a emitir a minha opinião. Limito-me por ora a recordar as tendencias que ha para fixar num ciclo marítimo, estranho ao Mediterraneo, tanto a lenda como a poesia dos Errores de Ulvsses. Os gregos do Dipylon, arrebatados pelas situações patéticas da grande guerra a que acabavam de assistir, acomodariam aos horizontes da Hélada os residuos de alguma epopeia oral, recolhida por mareantes em navegação longiqua.

Eu frisei a circunstancia de na *Odyssea* o mar

ser sempre o mar imenso, o mar infinito, quando não é assim o Egeu todo pontuado de ilhas ridentes, com o Egito perto e as ribas doces da Asia de facil abordamento. E' um facto que realça a inspiração atlântica do *Nostos*. Repare-se que, localizado ele no declinar resplendente de Mycenas, as moradas descritas no poema não guardam a sumptuosidade da casa típica dos Atridas. A habitação de Ulysses é mais uma cabana nórdica, tal como no-la sugerem as sagas medievais, de quo o palacio dum rei, como o requinte egeano os sabia erigir. Tambem as sepulturas de Homero não são as sepulturas célebres do Dipylon. No Dipylon, e segundo as exumações de Schliemann, os mortos, incinerados ou não, depositavam-se em vastas câmaras funerarias, as mais das vezes escavadas na rocha. Em Homero é o *tumulus*, ou a nossa vulgaríssima *mamôa*, que se alevante em monumento sobre os restos mortaes de Patroclo e de Elpenor. (1)

Um outro aspecto que convem não olvidar é a fisionomia colectiva da gente da *Odyssea*. Trata-se bem á farta de um povo agrícola, utilizando até já o ferro, enquanto na *Iliada* se revela uma sociedade militar confinada ainda na pura civilisação do bronze. O facto de figurar o ferro na *Odyssea* não invalida em nada a hipótese em exposição. Na arqueologia ha quem se incline a admitir que em dadas regiões o ferro sucedeu imediatamenta á pedra polida, não sendo por isso o celta de Hallstatt nem o guerreiro do Dipylon os propagadores do novo mineral. No Egito, a reconhecerem-se as descobertas de Flinders Petrie, o neolítico concluiria sem saltos bruscos na pura idade do ferro. Sustentam alguns etnógrafos que o trabalho do ferro foi introduzido no Mediterraneo, não pelas mangas irrompentes do Aria, mas pelos proprios negros que o praticavam de longos tempos. Aasim, sem se lhe alterar a côr primitiva, nem destituir de legitimida-

(1) A. Van Gennep. *La question d'Homère*, pags. 27-32. Paris, *Mercure*, 1909.

de a base ocidentalista do *Nostos*, o ferro na *Odysséa*, ou representa um conhecimento posterior dos rapsodos que o aclimataram, tanto mais que só figura ali em motivos de comparação literaria, ou é então mais uma reminiscencia autentica do velho mundo ocidental. (1)

Eu me explico. O pequeno dolicoide individualiza-se, sem dúvida, pelo florescimento das industrias do bronze. Mas desde que recentes descobertas nos indicam o ferro como communicado ás zonas mediterrânicas pelos negros da Africa, não custa a conceber que o habitante da margem atlântica igualmente o conhecesse, visto que, pelas reconstituições topográficas de Martins Sarmento sobre o fundo original da *Argonautica*, a navegação no Ocidente haveria descido até ás alturas do Bojador nessa hora atrazada da historia.

Paralelamente, o cunho primitivo da casa micénica, tal como a representam as urnas funerarias recolhidas em Creta e se reconstitue nas edificações da nossa Citânia, acusa-nos pelo telhado em cone um clima pluvioso, pertencente a outras latitudes que não as do Mar-Egeu. (2)

Coisa interessante é reparar tambem quo os gregos do poema de Homero não são ictiófagos. Pois em Mycenas e em Tyrinto, nas *terramares* da Italia e nos assentos de cozinha do cabeço da Arruda, embora não contemporaneos, mas dependentes da mesma camada étnica, tambem a ictiofagia se não verifica. Um escrúpulo religioso se entremostra aqui, bem natural em populações que praticavam a marinha, e que é mais um reforço para se mostrar a profunda unidade social a que o homem meão ascendera. (3)

Outra prova da expansão fecundissima dessa grande raça, ainda que dominado pelo celtismo arqueológico, já Arbois de Jubainville a enuciara no seu notavel estudo, — *La civilisation des celtes et*

---

(1) A. Van Gennep, *obr. e pag. cit.*

(2) Salomon Reinach, *Le mirage oriental*, pag. 159 na 2.ª série do livro *Chroniques d'Orient.*

(3) Salomon Reinach, *vol. e pag. cit.*

celle de l'epopée homérique. A religião com um deus supremo, acompanhado de antropomorfismo, com o *Orbis alius*, com os números propicios e os numeros fatidicos, etc, etc, é entre os povos da Grecia, segundo Homero, a religião professada cá nesta parte pelos habitantes da Galia. E' identica a composição da familia, com a monogamia, com as concubinas, com o poder paternal, com o poder das mulheres, com o direito do senhor. Identicos são os costumes guerreiros, como identica é a sociedade com os bardos correspondendo aos aédes, com os *veletes* (videntes) lembrando os vates helénicos. (1) Juntem-se os subsidios trazidos pela filologia e logo o quadro de raças traçado por Hesíodo atinge um relevo intenso, com o seu apertado parentesco bem ás claras.

Diefenbach conta que uma dama do país de Gales entendeu em Argel com a ajuda do gaélico o dialecto dum kábila do interior. (2) Salomon Reinach, confirmando a não ictiofagia do pequeno dolicoide, assevera, através da miragem ariana, que, com efeito, nas linguas chamadas indo-europêas, faltam palavras de proveniencia comum para mencionar os peixes comestiveis, enquanto que o vocábulo com que se exprime a ostra tem em todas elas a mesma derivação. E' bom acrescentar que, se os despojos culinários de Mycenas e Tyrinto como os das *terramares* da Italia e dos *kiökkenmöddinger* da Arruda, nos revelam uma interdição alimentar para com o peixe, no entanto, as conchas de molusco são frequentes entre o amontado de restos examinados pela curiosidade sabia.

A linguística está de acordo com os resultados de observação directa. E' de singular valia para a nossa tése a sua afirmação de que as linguas qualificadas arianas não nos podem explicar, nem na forma mais arcaica, a afinidade de certas expres-

---

(1) *Cours de littérature celtique*. Tomo IV. Paris, Fontemoing, 1899.

(2) Episodio referido por Martins Sarmento em mais duma monografia.

sões toponímicas que se constatam aqui e alêm,— na Italia e na Asia Menor. E' aquele reparo de Salomon Reinach ácerca do sufixo românico *itta*, em francêz *ette*. Este sufixo encontra-se nos nomes dalgumas cidades pelásgicas como *Barètta*, *Triglètta*, *Larissa*, (*Laritsa*), *Argissa*, (*Argitsa*), etc, etc, que, debaixo duma pronuncia helenisada, não contam origem que os justifique nos mais velhos documentos linguísticos do mundo aria. (1)

A arquitetura e as artes decorativas corroboram a similitude estatuida pela filologia. Assim os nossos dolmenes e as construcções ciclópicas são sem duvida nenhuma vestigios dum mesmo povo edificador. Os ídolos femininos que se teem desenterrado nos monumentos megaliticos da Bretanha e nas paredes internas das grutas funerarias de Boury e Uzés, nós os reconhecemos na cerâmica primeva de Troia e de Chypre. Tambem um dos elementos primaciaes da ornamentação micénica, —«*les fers à cheval concentriques*», se nos mostraram nos despojos apurados em Gavr'inis, no Morbilhan, e em Newgrange, na Irlanda. E' o sistema ornamental que antecede no Ocidente a invasão do estilo geométrico, caracterisador do Dipylon.

Sem me alargar mais num inventario que nunca acabaria, eu considero o delicocéfalo meão investido na posse duma brilhante cultura, como é a que em resumo fica exposta. Verificada a impossibilidade da sua proveniencia árica, ver-nos-emos nós constrangidos a aceitar a solução turaniana, que se pretende deduzir duma immigração braquicéfala, remontando ao neolítico? E' uma variante, mais recuada e menos sustentavel, do monogenismo asiático. Descai hoje perante os postulados da antropologia e não são as indicações da pre-história que lhe fornecem aprumo dorsal. Começa logo por não ser exacta a extração teórica que se atribue ao braquioide, rotulado no campo scientifico pelo apelativo de *H.* —*Alpinus*. E' o «*parvus, agilis, timidus,*» da classificação de Linneu. Opôem-no ao

(1) Salomon Reinach, *obr. cit.*, pag. 554.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
MONFORTE

homem loiro e de alto talhe. E, conforme Mortillet e Topinard, seria o portador da acha polida e dos animais domésticos, introduzindo ainda entre nós o trigo e as árvores frutíferas. Nada se esborôa, porêm, com mais facilidade, como essa ideação doutrinaria, conferindo ao braquíoide (que é o lígure de Teófilo) (1) o monopolio cerrado das civilisações.

Nem ele é exclusivamente de derivação exótica, pois já na transição do mesolítico os *kiökkenmöddinger* da Arruda e as cavernas de Corbières lhe assinalaram a coexistencia com o nosso dolicocéfalo. Não é por isso o pioneiro da acha polida, nem se lhe deve a iniciaçao do período agrícola, visto que em certas explorações pirenaicas o trigo se mostra cultivado desde o quinto interglaciario, quando ainda não bruxuleavam nem os alvores do neolítico. E' o que acontece com as árvores de fruto, reputadas como advindas da Asia. Quanto aos animaes domésticos, não se ignora já que aqueles que não sêjam indígenas da Europa entroncam em linhas zoológicas africanas, em contacto facil com o nosso continente por meio do istmo que, roto, deu logar ao estreito de Gibraltar. E sobre a acha de pedra, basta dizer-se que na Asia é que ela é precisamente tardia e rara. Vacher de Lapouge aponta-lhe a Africa como berço, alegando que é aonde se lhe segue a evolução com mais nitidez, desde o tipo embrionario do ciclo acheuleneano á peça definitiva que marca a plenitude do neolítico. (2)

E' o *H.-Alpinus* de cabeça globulosa, estatura abaixo da media, moreno e mesorrínico. Exemplifica-se pela qualificação de *raça de Grenelle*. Deniker adjectiva-a de *cevenola*, por quanto na região das Cevennes é que se acantonam os seus representantes mais lídimos. Estabelece-se-lhe uma linhagem mongoloide, com apertadas ligações slavas ou fínicas.

---

(1) *Historia de literatura portugueza* I. Idade-Média. Pag. 14.

(2) *L'cAryen. Son role sociale.* Pag. 21.

Em Portugal preparou o cruzamento mesaticéfalo que se destrinça na nossa composição antropológica. Não é, contudo, como factor étnico, duma influencia tão decisiva, como se depreende do ligurismo sustentado pelo insigne Martins Sarmento e ao depois por toda a obra de Teófilo. Predominou mais na hereditariedade espanhola, misturando-se com a possivel transfusão shumero-acadeana em que se filia, com base ou não, a ascendencia do ibero.

A qualificação de *H.-Alpinus* veiu-lhe do massiço helvético, por lá preponderar, a partir da Idade-Media. Nota-se-lhe uma tendencia inata para habitar as altitudes, quando o *H.-Europœus «dédaigne les régions pauvres et inégales»*,—pontifica o curioso senhor de Lapouge. E' falsa a ligação que o procura aproximar do *H.-Scythicus*, ou tártaro braquicéfalo. O grau de braquicefalia da gente chamada de Grenelle excede os mais pronunciados indices braquioides que entre os mongois se acusam. A sobrevivencia de caracteres porventura comuns explicam-se por dosagens casuaes, nunca por alianças com um êxodo de pura fonte chinêsa, metendo as raizes nas penumbras do tempo. O nosso *H.-Priscus*, esse seria primo carnal do esquimau, que por via da côr se aparenta com algumas bifurcações da familia amarela. No entanto, não generalisemos a semelhança de maneira a ter-se como assente uma identidade de tronco entre o braquicéfalo europeu e o braquicéfalo asiático.

Tappeiner especializou-se no estudo do assunto. Assim, no exame de 929 craneos e de 3200 pessoas vivas, não achou entre a gente das Cevennes um único exemplar que recordasse remanescencias mongoloides. E' ele que sustenta que a raça amarela não é braquicéfala. O verdadeiro *H.-Asiaticus*, de de cabelos e olhos pretos, com uma estatura que não cresce para alêm da media, é invariavelmente dolicoide. De modo que em 700 milhões de amarelos nem num quarto aproximado se denunciara a braquicefalia. Pode mesmo assegurar-se que na Europa a percentagem é incomparavelmente maior,

testemunhando tanto lá como cá uma mistura de elementos intrusos. (1)

A historia, acompanhando as marchas da antropologia, concede ao problema um aspecto terminante, desde que nos declara que o aparecimento do braquicéfalo amarelo nos plainos centraes da Asia não é anterior á nossa era. As investigações realizadas da Russia ao Turkestan, abrangendo a Caucasia e a Siberia ocidental, não produziram um só craneo mongoloide que seja mais velho de que as invasões dos Hunos, Tártaros e Turcos. Os braquicéfalos da Asia-Menor é que são chegados ao nosso, ao que parece. Topinard via neles alpinos demorados na sua migração para oéste. Era a idade feliz da miragem orientalista. E a designação de celto-slavo que se apõe a esta especie antropológica remonta ás horas primeiras da etnogenia. Broca opinava que um povo braquicéfalo saira do cruzamento duma primitiva aluvião dolicocéfala com autóctones braquioides. São as celtas da fabula arqueólogica, interceptando a clarividencia crítica dos eruditos em duelos tão famosos nos anaes do bom saber, como as guerras incarniçadas do Alecrim com a Mangerona.

Claro que modernamente o celta é o homem loiro contemporaneo da espada de ferro, não valendo senão como um sinónimo do aria conquistador, ao contrario do que se supunha nas apostas subjectivistas dos sabios em que ora figurava de lígure, confundido com o *substractum* aborígene, ora o tinham como um povo estranho, instalando-se no Ocidente pela ocupação. Martins Sarmento, para esclarecer as posições do seu ligurismo, alvitrou a diferença entre o celta da historia, que é o *H.-Europæus*, e o celta da arqueologia, incarnado no lígure para o insigne vimaranense, mas que, quanto a mim, é o *H.-Mediterranensis*, ou, mais justamente, *Atlanticus*.

O recuo operado pelos trabalhos de Martins Sarmento nas datas da nossa formação étnica levou Teófilo Braga a perscrutar a admiravel cultura

(1) Vacher de Lapouge, *obr. cit.*, pags. 16-23.

pre-árica, a que o Ocidente ascendera. Atribuíu-a, no entanto, ao alastramento do braquicéfalo com hipotéticas genealogias asiáticas. Dum imaginario confronto do Aria na Bactriana com um povo inimigo, nasceu o nome de turaniano dado a esse povo. Derivara-se do Turan, título de uma grande extensão geográfica, por meio da qual a sabedoria avéstica iniciava a entrada do ano com a subida no Zodíaco da constelação do *Taurus*. E' como considera Teófilo a nossa civilisação arcaica, entroncando-a no patrimonio religioso do Iran. (1)

Já aqui se disse como o Avesta se transportou da alta pristinidade em que o haviam colocado para uma data que pouco mais subida será que o imperio de Alexandre Magno. E' certo que o Touro subsiste entre as práticas rituais do *H.-Atlanticus* como um totem veneradíssimo. Na Peninsula, desde a noite dos séculos, que a sua efigie anda gravada em moedas. Na heráldica portuguêsa as armas de algumas povoações conservam um touro como emblema nobiliárquico, em reminiscencia inconsciente do antigo culto. Ha ainda, coma prova, os «*berrões*» transmontanos. Mas a tradição mais viva é a da festa popular de S. Marcos, celebrada que eu saiba em Alter do Chão e em Santo Antonio das Areias, no distrito de Portalegre.

O animal com que aquele Evangelista se simbolisa é o Leão. A S. Lucas é que o touro cabe. Todavia, S. Marcos tem-se no Alentejo como padroeiro de boiadas e de boieiros, sendo honrado com um novilho no dia da sua festa pela devoção dos mordomos. Conduzido por eles, o novilho entra na egreja, — «*Entra, Marcos! Entra, Marcos!* diz a irmandade e secunda o levita —, e depois de abençoado pelo padre, canta-se-lhe o Evangelho nos cornos. Recordemos que S. Marcos se festeja a 25 de Abril. A 20 marca a astronomia o ingresso do Sol em *Taurus*. Não haverá na insólita atribuição do boi áquele Evangelista um vestigio mítico do

(1) *Historia da Litteratura Portugueza. I. Idade-Média.* Pag. 14.

culto totémico do Touro? Eu penso que sim, acrescendo que, de mais a mais, conforme o *Lunario Perpetuo*, o Touro como signo tem poder sobre Extremoz, Elvas, Vila Viçosa e Portalegre. E', ou não é, um traçado gráfico da zona em que o curioso residuo cultual conseguiu aturar?

Não nos esqueçamos de que o Touro era adorado como totem entre os eginetas. O Minotauro, encerrado no palacio do Labirinto (de *Labrys*, dupla acha), soberanamente o demonstra. O rapto de Europa por Zeus, que se transformara em touro, é outro indicio não menos apreciável. De maneira que, estreitamente ligado á civilisação bronzífera que tem como condutor o dolicoide meão, o signo do *Taurus* não constituiria importação do braquicéfalo reputado como imigrante. Carecemos de deslocar no tempo e no espaço a génese dessa cultura notabilíssima. E não é aos planaltos do Oriente que nós iremos descobrir lhe a natividade. Para mim o *H.-Mediterranensis*, que já agora não designarei senão por *H.-Atlanticus*, não é mais que um sobrevivo da Atlântida submersa.

Não se ignora a memoria guardada em Platão ácerca do legendario continente que o mar teria engulido. Solon a houvera recebido dos padres egípcios que traziam o facto registado nos seus livros herméticos. Segundo a narrativa clássica, um povo dotado de incomensuravel poder marítimo apareceria das bandas do Estreito em avançadas belicosas sobre o Egipto. São as chamadas *nações do Mar* que enchem de referencias misteriosas a historia dos países orientaes. Batalhas porfiadas se travaram. E Atenas susteve com esforço incrivel o espraiar da onda assoladora, crescendo sem cessar. Partia ela duma ilha formidavel qne existia em frente do Estreito e a qual parecia bem maior que a Africa e Asia juntas. Mas uma vez um tremor de terra, acompanhado de furiosas inundações, fez sumir em pouco mais de uma noite a orgulhosa Atlântida que o Oceano encobriu para todo o sempre.

E' ainda Platão no diálogo intitulado *Critias*, quem nos dá a descrição da famosa ilha. Critias

fala. Socrates, Timeu e Hermócrates escutam-no. «Como nos ensina a tradição egipcia, — conta o filósofo —, uma guerra geral se declarou ha nove mil anos entre os povos que estavam para cá das Colunas de Hercules e os que viviam do lado de alêm. Duma parte, Atenas ; da outra, os reis da Atlântida. Já dissémos que esta ilha seria maior de que a Asia e Africa juntas, mas que foi submergida devido a um tremor de terra. No sitio onde ela existia apenas se encontra um lodo que estaca a navegação e torna o mar impraticavel». E Critias continuou desenvolvendo a fábula dos padres egipcios sobre a formação do imperio atlântico. A Atlântida coubera em partilhas a Neptuno, o qual a dividira por dez filhos que tivera duma mortal. A raça atlântica nascera numa planície perto do Oceano, protegida por um círculo de montanhas que a deixava só aberta ao vento amavel do sul. Mais tarde na planicie ergueu-se uma cidade magestosa, com palacios e templos edificados a pedra de três côres, — preta, branca e vermelha, que se extraía do proprio seio da ilha, rica em toda a especie de minerio.

Nem só em Platão ficou memoria desse enigmático continente desaparecido. Amiano Marcelino chama-lhe : — *Insula Europeo Orbe spatiosior*. Tertuliano, Marcelus e Philon perpetuaram a continuidade da tradição. E se por muito tempo ela se considerou apenas como um simples conto de eruditos, a geologia hodierna caminha a passadas largas para nos reconstituir o trato marítimo correspondente á famosa ilha afundida. Já está provada a identidade da estrutura herciniana da Alemanha, compreendida do Danubio ao Rheno e do Eslter ao Mar do Norte, com a estrutura dos montes Alleghanys que são a coluna espinal das costas setentrionaes da América. (1) A semelhança da flora

(1) J. M. Pereira de Lima, *Iberos e Bascos*. Livraria Aillaud. Paris-Lisboa, 1902, pag. 49-75.—Pierre Termier, *L'Atlantide*, *Revue Scientifique*, n.º de 11 de janeiro de 1913.

miocénica da Europa Central com a flora actual da América do Norte, região do Leste, leva os naturalistas a proclamar a existencia do continente atlântico. O zoólogo Hamy observa que ha certos insectos comuns a A'merica-Oriental e à Europa-Ocidental. O facto é confirmado pelo estudo dos fosseis. E por sua banda as cartas batimétricas do Atlântico ajudam-nos a determinar a orla do misterioso continente submerso. A Madeira, os Açôres, as Canarias, o arquipélago de Cabo Verde, as Antilhas e a Terra Nova, sem aludir a ilheus e a baixios, pontuam os seus restos culminantes. E' como que um dorso enormissimo que das Antilhas ao «*plateau télépathique*», marchando na direção leste-oeste, nos não consente hesitações nenhumas ácerca da verdade da Atlântida.

As sondagens marítimas auxiliam a ressurreição. O chamado «*mar do sargaço*» que Cristóvam Colombo e Pedro Alvares Cabral atravessaram, corroborando as narrativas clássicas de Herodoto e de Strabão, é o sinal claríssimo do cataclismo que abismaria a Atlântida, tornando o Oceano dificil aos navegadores antigos. A vegetação espessa que enleava as quilhas, engrossando a agua em termos de ser impossivel de se cortar, denota bem um fundo próximo de terra, com recursos ainda suficientes para alimentar um florescimento de algas tamanhas e tão robustas. Era o lodo da catástrofe elaborado em humus criador.

A configuração da Atlântida seria aproximadamente a da Austria com numerosos arquipélagos fazendo-lhe guarda de honra. Ha tambem quem a represente como um longuíssimo istmo, estendendo-se das vizinhanças do Canadá até quasi á base dos Pirineus. Tocava na Terra Nova e nos Açores. Abrangeria tambem a Flórida e as Afortunadas O golfo de Cadiz incorpora-se numa oval de afundimento que um distinto geólogo português, o capitão de engenharia Pereira de Sousa, designa por *afundimento em oval lusitano-hispano-marroquino*,

supondo que aí mergulhara uma parte da Atlântida (1)

O professor francês Louis Gentil em 1909 notava numa viagem de exploração pela costa de Marrocos que os alicerces terciários do Atlas se embebiam no Atlântico (2) entre o cabo R'ir e a fortaleza de Agadir, para se soerguerem mais adiante nas ilhas Canarias. «*Autrement dit*, escreve ele, *il y a ennoyage des plissements de l'Atlas sous l'Ocean, entre la côte sud-marocaine et l'archipel espagnol.*» O botanico Pitard descobria depois na grande Canaria e na Ilha do Ferro abundantes depósitos cretácicos que testemunhavam, com efeito, o prolongamento do Atlas pelas Afortunados do Mito.

Esse afundamento oceânico cortou bruscamente a Mezeta marroquina e é no sentido em que ela corria que o arquipelago da Madeira se eleva. «Embora não tenham sido ainda encontradas no Arquipelago da Madeira, como o foram no dos Açores, Cabo Verde e Canarias, rochas antigas que indicam o embasamento sobre o qual os vulcões edificaram essas ilhas, é preciso notar que a Ilha do Porto Santo é constituida principalmente por depositos terciarios, como tambem existem sobre a Mezeta marroquina.» Quere K. Mayer que os depositos terciarios verificados na Madeira, á excepção de uma diminuta camada mais recente, se filiem no Helvetico, que é o primeiro andar do Mediterraneo de Suess. E' de 410 metros a altitude que atinge na Madeira. Berkeley Cotter, por varios fosseis de Porto Santo, aceita aquele período geológico, não excluindo, em todo o caso, a possibilidade de que uma maioria sensivel de taes depósitos se classifique pelo Tortoniano, ou seja o andar superior do sistema miocénico. Berkeley Cotter, segundo o senhor Pereira de Sousa, descreve-nos alguns subfosseis marinhos das «praias levantadas» de Porto Santo, reputando-os como quaternarios ou recen-

(1) *Ideia geral dos effeitos do megasismo de 1755 em Portugal.* Lisboa, 1914. Pag. 14.

(2) *Le Maroc physique*, pag. 20.

tes. «Por conseguinte, deduz Pereira de Sousa, a quem na deficiencia de preparação scientifica me vou encostando, embora os Archipelagos das Canarias e da Madeira estejam já na orla com que limito o afundimento em oval lusitano-hispanico marroquino, bem visivel numa carta hypsométrica, podem bem considerar-se os seus vulcões como consequencias d'este afundimento, e os outros terrenos como restos da região que se afundou.»

«Apresentam-se as ilhas Canarias, prosegue o senhor Pereira de Sousa, dispostas aproximadamente em arco concavo para o N. de modo a limitar a oval. Este facto e a disposição tambem em arco concavo das ilhas de Cabo Verde tinha suggerido a Michel Levy, —o sabio que mostrou a importancia dos afundimentos em oval e lhe deu este nome —, a ideia de que estes archipélagos deviam fazer parte de afundimentos d'esta natureza». E acrescenta: — «De facto, não se comprehende, que aparecendo estes afundimentos no Mediterraneo e no Mar das Antilhas, entre estas ilhas e as montanhas da Venezuela, e que mergulhando as cordilheiras do systema alpino da costa occidental da Europa e da Africa no Atlantico, devendo prolongar-se depois submarinamente até ás Antilhas, como teem mostrado os geólogos modernos, que os afundimentos em oval não continuem tambem entre a Europa e a America.» (1)

A Mezeta marroquina com boas rasões se reputa como formada de vestigios do *horst* ou *horstes* que se precipitou no referido afundimento. Os afundimentos em oval «explicam-se como resultantes do afundimento de áreas de sobreelevação, que foram em parte contornadas por desabamentos mais modernos, que se inclinam ás vezes em sentido contrario, formando então no seu conjuncto uma dobra em leque, cuja parte interior, constituindo o fecho d'aboboda, se afundou.»

Foi o fenómeno que sucedera a éste do estreito de Gibraltar. «A Cordilheira Betica e o Rif marro-

(1) *Obr. cit.*, pags. 19-20.

quino moldaram-se em torno d'um macisso antigo que depois, afundando-se, deu origem a esta parte do Mediterraneo occidental, onde se encontram profundidades de 2000 metros e na costa as erupções vulcanicas do Cabo de Gata em Hespanha, e de Tiffarouine e de Dellys na Algeria.» Mais ou menos se desenha o *processus* natural do afundimento em que a Atlântida se sepultaria. A comoção que enguliu consigo o berço provavel do *H.-Atlanticus* deixou, ao que parece, traços bem fortes na nossa serra do Caldeirão. Uma deslocação importante trouxe-lhe a meio do Culm um afloramento notavel de Triásico, E não é só no Mediterraneo que se rasgam fossas profundas. A 200 kilom. OSO do Cabo de S. Vicente existe o banco de Corringe separando duas cavas de 5000 metros de profundidade. Hoje admite-se que o Cabo de S. Vicente se dilataria muitissimo mais no rumo SO. Tambem entre a Madeira e o litoral marroquino se constata outra fossa de 4498 metros. São outros tantos sinaes duma inquestionavel alteração geológica. Preocupam-se os sabios com a idade rigorosa em que ela teria logar. Que fale com a sua competencia o senhor Pereira de Sousa. «Este afundimento formou-se provavelmente por parcelas mais ou menos em relação com as vicissitudes porque passou a communicação entre o Oceano Atlantico e o Mediterraneo. Este problema acha-se evidentemente tambem ligado á determinação da epocha em que teria succedido o retalhamento do continente, a que pertenceram as diferentes ilhas do Atlantico Occidental e cujos phenomenos eruptivos, ainda recentes, testemunham as fracturas que produziram o desapparecimento d'esse vasto continente».

«A presença do Helveciano e Tortoniano no archipelago da Madeira indica-nos que esta parte do afundimento lusitano-hispano-marroquino se deu depois do Vindoboniano, isto é, depois de estar fechado o estreito nord-betico ou andaluz, e de ter começado a funccionar o estreito sud-rifenho. Deu-se talvez este afundimento como consequencia da elevação do estreito nord-betico que desde o fim

do Miocenico inferior deixou de servir de communicação entre o Atlantico e o Mediterraneo». (1) Foi durante o Plaisanciano que se scindiu o estreito de Gibraltar, datando a separação das Canarias do continente africano já do quaternario, segundo o professor Gentil.

Tão acidentadas operações geognósticas denotam bem a instabilidade dos embasamentos sobre os quaes a Atlântida repousaria. Por isso o espantoso cataclismo estava na ordem dos acontecimentos físicos que andaram preparando a face definitiva da Europa histórica. Jogando apenas com as luzes da sua especialidade, ao senhor Pereira de Sousa não repugna a idèa da existencia da Atlântida como continente habitado. «O sr. Berkeley Cotter, como ficou dito, encontrou nas praias levantadas da Ilha do Porto Santo algumas especies marinas que considerou quaternarias, mas não indicou a divisão do Quaternario a que pertencem. Portanto nessa epocha já se tinha formado o archipelago da Madeira; mas é bem provavel que essas praias não datem da aurora do Quaternario e que o homem já tenha assistido ao desapparecimento d'uma das terras mais privilegiadas do mundo, pela amenidade do clima e pela riqueza do seu solo, como a lenda atribue áAtlantida». (2) E na sua monografia, — *Ideia geral dos effeitos do megasismo de 1755 em Portugal*, sustenta a interessantissima tése de que o terremoto que deitou Lisboa abaixo no seculo XVIII «*foi ainda o despertar d'esses movimentos verticaes que originaram o afundimento lusitano-hispano-marroquino e, talvez, os ultimos arrancos d'uma parte da Atlantida já então sepultada nas entranhas do mar*».

As informações da geologia juntam-se aos etnógrafos na sua faina de vasculhação comparativa. São singulares de parentesco as caracteristicas dos indígenas das Canarias com as dos primitivos mexicanos e peruvianos. Lá declarava Montezuma aos

(1) *Obr. cit.*, pag. 29.
(2) *Obr. cit.* pags. 30-31.

espanhoes que os seus antepassados tinham vindo dum país maravilhoso situado ao oriente. Chamava se esse paiz de encanto *Aztlan* e em todas as inscrições era designado pelo hieroglifo com que se representava a agua. De *Aztlan* a Atlântida a fonética dirá a distancia que vai (1). E nem só na tradição hermética dos padres egipcios a recordação do misterioso continente se retivera. As teogonias gangéticas rezam que Atlas, filho de Uranus, inventara a esfera e formulara as primeiras leis astronomicas, reinando entre o povo dos Atlantes. Esta reminiscencia da sabedoria braamânica pode aproximar-se das linhagens míticas conservadas por Diodoro Sículo ácerca dos Atlantes, com Uranus e Titéa por tronco dos seus reis. Martins Sarmento publicou a tal respeito um estudo curioso na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, onde asseverava que «os Atlantes de Diodoro não têm nada a ver com os habitantes da famosa Atlantida, de que nos falam Platão, Theopompo e outros, e que um cataclysmo teria devorado.» Pelo contrario, «eram os povos estabelecidos pelas costas do Atlantico,—esclarece o ilustre arqueólogo—desde o Mar do Norte ao Atlas e que para o nosso historiador tinham uma existencia tão verdadeira, como qualquer povo seu contemporaneo.»

Se Martins Sarmento vivesse, com certeza que emendaria o texto transcrito, passando a encarar nos Atlantes de Diódoro os naufragos salvos da tremenda cátastrofe, de que se guardaram ecos duradoiros na memoria dos índios da América. Efectivamente, o «imperio de Xibalba», dominando por longas terras e duma vez engulido de súbito pelas aguas, era o tema de mais de uma narrativa entre os naturaes da América do Centro quando os espanhoes ali chegaram. Uma prova valiosa se nos depara no livro «*Esperanza de Israel*», do rabino português Menasseh Ben Israel. (2) Foi ele originado pela

(1) Pereira de Lima, *obr. e pag. cit.*

(2) Publicado em Amsterdam em 1680 e reproduzido em 1881 em Madrid por edição limitada de Santiago Perez Junquera.

relação dum outro judeu, Antonio de Montezinos, que, viajando pela América nos principios do seculo XVII, de lá voltou com a nova de haver tribus hebraicas entre os indígenas. Messaneh Ben Israel desenvolve a notícia trazida pelo seu irmão de sangue e com apoio em todos os elementos teológicos e históricos de que a sciencia talmúdica dispunha, sustenta a origem israelita dos americanos. Passando em revista os conhecimentos um tanto fabulosos da geografia antiga, Ben Israel, embora não acredite muito na Atlântida, fornece-nos um aparato de erudição clássica que testemunha bem como a lembrança da navegação do Oceano em outras idades andava ligada á habitabilidade da América com ilhas, grandes como continentes, servindo de ponte através os mares.

Não se referirá á Atlântida legendaria a Ilha de Oiro do nosso ciclo marítimo? Lá é que ficava a nobre cidade de Antília. De lá viria o Encoberto na manhã sagrada das profecias. Não é inutil reparar que se o Encoberto é a figura da Esperança,— factor dinâmico da alma colectiva do Ocidente, a «*ilha-empoada*» é sempre um dos traços fundamentaes da criação messiânica. Não estará aqui mais um sinal identificador do nascimento do *H.-Atlanticus*, apelando para o *Desejado* na hora da fraqueza e vendo o remedio acenar-lhe dum ponto enigmático que flutua á flor das ondas e se some com os cerraceiros? E' a lembrança poética do primitivo berço perdido. Já Artur dormia em Avalon, a ilha florida dos bardos. Numa ilha que é a um tempo purgatorio e paraíso, El-Rey D. Sebastião aguarda que se cumpram o ano e o dia das promessas de Deus. Sabe-se o valor dos Mitos, — como a filosofia hoje os interpreta, vendo neles materialisações da vontade duma raça. Com o «*Tratado das Ilhas Novas*», (1) com o celebre memorial de Frei João da Trindade a D. João IV, Antília, ou a ilha das

(1) De Francisco de Sousa, ano de 1570. Edição limitada, feita em Ponta Delgada no ano de 1884. Prefacio de João Teixeira Soares de Sousa.

Sete-Cidades, é a preocupação activa dum povo de descobridores. Dois religiosos franciscanos, frei Antonio de Jesus e frei Francisco dos Mártires, juraram *in verbo sacerdotis* em como a tinham aportado na furia dum temporal. (1) Corria então 1668. E já dois seculos antes as frotas partiam á cata de Antília, com cartas regias de doação que autorizavam o feliz que topasse a eterna Afortunada, a prover em nome de El-Rey de Portugal os oficiaes da camara daquela mui nobre cidade. Antília mostra-se deste modo o pensamento constante da Era das Navegações, como fôra durante a alta idade-media a ilha de S. Brandão, um dos taumaturgos mais queridos da Irlanda.

E' notavel que aonde a Comuna se manifesta como agente stático das populações, igualmente se manifesta o Encoberto como miragem de reparação final. Constitue a principal linha fisionómica do genio ocidental, ou atlântico. A Ilha-Incógnita é inevitavel na tessitura da lenda messianista, como um logar interdito em que se esconde, contra a sua propria vontade, o salvador que o futuro nos reserva. Ou seja Artur, ou seja Sebastiano, é o mito de Saturno repetido, com o refugio de expiação num recanto oceânico a poente e sempre a certeza do regresso triunfal. «*Rey do Cabo-Poente*», — apelida Bandarra o nosso Desejado. Não será a prevalencia da fábula aprendida nas teogonias de Diódoro, as quaes nos apontam o marido de Cybele acolhido a um exilio no meio das aguas, de que tornará para conduzir a sua grei á vitoria?

Eu julgo que sim. Tanto como julgo que a Ilha-Desconhecida, transmitindo-se aos tesoiros poéticos do Ocidente, é, de Saturno a D. Sebastião, com termos de passagem em S. Brandão, em Merlim e no rei Artur, nada mais que a recordação simbólica da Atlântida original, — fonte de toda a esperança, motivo de todo o pasmo. Essa atra-

(1) Bernardino José de Senna Freitas, *Memoria historica sobre o intentado descobrimento de uma supposta ilha ao norte da Terceira*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1845.

ção sistemática para uma terra a ocidente não me leva a supôr hipótese diversa, muito mais agora que a batimetria nos ajuda com vigor a presumi-lo. Foi impulsionados por um alvo tão problemático que nós alcançamos o Lavrador e os Côrte-Reaes se desgarraram, um atrás dos outros, para a guela nunca farta do Polo. Nos Açôres a «Ilha-Nova», que aparecia e desaparecia, era uma obsessão. Armavam-se, para a surpreenderem, navios sobre navios. Os tempos de Pombal viram a última tentativa com D. Antão de Almada por governador geral do arquipélago.

Da sobrevivencia do facto nas tradições oraes derivou talvez a descoberta da América, conhecida a demora que Cristóvam Colombo teve na Madeira. O que eu contemplo em tudo isto é a perpetuidade duma crença unânime em regiões insulares a oeste. Sobe do fundo da nossa história e possue raizes nas raizes da Raça. Pela religião irridentista do Encoberto a certeza na existencia da «*Ilha de Bruma*» pertence ao patrimonio místico e afectivo do *H.-Atlanticus*. E' mais um índice da vasta conformidade espiritual e idealista que distingue o pequeno dolicoide e tão fortemente o individualiza.

Adaptando-se ás condições da época e do meio, a fé na Antília das crónicas navais de Quatrocentos importa uma consideração de peso a favor da Atlântida. As gerações haviam alegorizado para as gerações o boato que até elas chegara embrulhado nas reticencias do imemorial. Invoque-se o argumento de que a Ilha-Encoberta é em todo o Ocidente um símbolo de viveza palpitante. A unidade étnica revela-se de pronto. E não nos oferece uma elucidação luminosa aqnele passo da lenda que dá Antília como povoada por gente fugida das Espanhas por causa da chegada dos moiros? Uma nau das nossas aproaria de certa vez a essas praias de prodígio. Acudiram logo os da cidade a preguntarem em português antigo se os moiros ainda cá estavam. Se a afinidade se mostra patente na lingua e na origem, — para que insistir no fundo de verdade que a lenda guarda consigo?

Ou subvertida por uma assombrosa erupção vulcânica, derivada duma maior intensidade na atração solar, ou vítima do soerguimento dos Alpes e das cordilheiras americanas, senão da inclinação da eclíptica promovendo o desequilibrio da massa ignea que o globo encerra no ventre, a Atlântida existiu, — e existiu como senhora das aguas e dominadora dos povos (1). Fábulas, arqueologia, pesquisas geológicas, trabalhos comparados de etnografia, — tudo converge para o proclamar soberanamente. E a tão elevado grau de cultura subira o estranho continente afogado que o inglês Newberry conseguiu demonstrar que os Atlantes não só conheciam e praticavam os metaes, mas,—oh, feeria das Mil e uma Noites! —, até se serviam de nafta para se iluminarem, como o indicam os velhos poços escavados nas zonas petrolíferas da América do Norte (2). Não demorará que subsidios categóricos acabem de solucionar as interrogações que por ventura impendam ainda sobre uma questão tão emmaranhada. O que é já absolutamente insofiamavel é a reconstituição da Atlântida, segundo os esclarecimentos batimétricos. Colecionem-se agora os demais depoimentos produzidos. E respondem se não nos achamos em face de uma evidencia bem contornada, toda ela cheia de linhas poderosas?

Impossibilitada a origem ariana da civilisação conduzida pelo pequeno dolicoide, não é a suposta precedencia asiática do braquicéfalo que a viabiliza, como houve ensejo já de se examinar. Qual o berço então duma cultura que se nos apresenta como autóctone rodeada desde o início das idades das circunstancias que só a autonomia do génio confere? Temos que aceitar um ponto incerto ao ocidente, em frente do Estreito, donde burbulhavam as famigeradas «*nações do Mar*» que em séculos atrazados se alçaram contra o Egito. A localização do desterro de Saturno no seio do Oceano é pelo patrocinio que concede aos povos nomeados como

(1) Pereira de Lima, *obr. e pags. cit.*
(2) Pereira de Lima, *obr. e pags .cit.*

súbditos do deus, um outro elemento para se ponderar deveras. E pois que, segundo os textos egípcios, entre os «*invasores do Mar*» figuravam os *Tursha* e os *Shardana*, respectivamente Etruscos e Sardos, não receiemos de caír em erro demasiado quando por semelhante rasto se procure restaurar a esfera de ação de toda a pujantíssima cultura atlântica. (1) E se não vem da Asia como mais que demonstrado se acha, se nem o aria a semeia nem o braquioide a inspira, digam-me os senhores que impulso irradiador lhe atribuir? !

Já se destacou o forte cunho marítimo e agrícola que a caracterisa. Igualmente, pelos depoimentos da arqueologia, se conhece a ascendencia oceânica da civilisação egenética. Então para onde apelar, — que principio de vida teremos nós de lhe estabelecer? Não nos viremos para o Caucaso em recurso último. Os despojos aí desenterrados não são mais que filhos de tipos arcaicos, só até agora descobertos nas bandas ocidentaes da Europa. Nada nas antiguidades do Caucaso dá a impressão de que tivesse sido o ponto de partida dum movimento para oéste,—assevera Salomon Reinach. (2) Bem ao contrario, tudo se combina para identificar a cordilheira sagrada, onde Prometeu eternamente expia o seu sacrilegio, como uma estação terminal de correntes, cujo ponto de partida é na Europa que se deve preguntar.

O *H.-Mediterranensis* volve-se, pois, em *H.-Atlanticus*. As circunstancias da sua natividade, sem me arrogar orgulhos racionalistas de primario, eu as encaro como mais ou menos compreendidas na hipótese já aqui tratada sobre a natureza negativa do Progresso. As considerações formuladas apropósito da antropo-sociologia e do primado de eleição de que ela reveste o *H.-Europæus*, são para mim tão aplicaveis á região de Latham, sepulta pelo Báltico, como á Atlantida devorada pelo nosso

(1) Salomon Reinach, *Chroniques d'Orient*, pag. 554.
(2) Salomon Reinach, *obr. cit.*, pag. 527.

Oceano. O facto subsiste, a teoría é a mesma. A Atlântida, antes dos ares se aclararem, podia muito bem pela permanencia das nevoas e pela amenidade das estações, sem estios exagerados nem invernos rigorosos, comportar em si o meio refreador dos instintos do seu natural. Esse ambiente seria causa dum certo linfatismo, o qual, sem ser excessivo como no grande dolicoide, levasse contudo o indígena a diferir da pigmentação primitiva que se mantem nos peles-vermelhas da América, talvez do outro lado do mar representantes degenerados duma perdida raça iniciadora. Recordemo-nos apenas de que Adão em hebraico significa *vermelho*.

Mas dimanados propriamente da Atlântida, ou gentes de ribas vizinhas que lhe recebessem o contagio lustral, como é que se explicará agora a aparição dos pelasgos na Asia Menor, provindos do interior, se atè hoje as primeiras avançadas do *H.-Mediterranensis* para o Levante se reputam como efectuadas pelos eginetas? Como é que, por outro aspecto, nós, os do Ocidente, possuíramos o monopolio do ambar, se os túmulos da quinta dinastia acusam a presença dessa espécie entre os egípcios? Ha que aceitar, quanto aos pelasgos, um segundo caminho para a expansão do *H.-Mediterranensis* que não é o do Estreito e do norte de Africa. E, pelo que respeita á nossa influencia na cultura do Egito, recuar até muito largo as datas aproximadas que a arqueologia oficial usa de presumir.

Flinders Petrie destrinçou bem o contacto em que o Egito esteve desde remota pristinidade com as populaçõas egeanas, *qui, venues de l'ouest, exerçaient leur domination sur les îles de l'Archipel, ses rives occidentales et orientales, peut-être aussi sur cette partie de l'Afrique do Nord qui est devenue plus tard la* Barbarie», — aclara ainda Salomon Reinach. (1) Por outra banda, como que em contradita, uma colonia de pelasgos se transferira da

(1) Salomon Reinach, *obr. cit.*, pag. 532.

Tróada para a Etrúria, sendo já aqui assinaladas as parecenças flagrantissimas da cerâmica ocidental com os destroços de olaria obtidos naquelas paragens do Levante. (1) Nas tradições câmbricas prevalecem ainda os vestígios duma migração guiada por Hu-Gadarn, oriundo do país de Haf, que é onde agora está Constantinopla, — elucida um velho motivo poético.

De todo este vai-vem de êxodos, deduzidos dum tronco comum, mas marchando desordenadamente a modo que uns contra os outros, não se desprenderá ante o embargo mais cerrado á tentativa de síntese em que eu desejo equacionar os valores genéticos da nossa civilisação autóctone? É como que uma *cloaca-gentium*, desenvolvendo-se para a direita e para a esquerda, para o sul e para o norte, sem que aflore dentre a embrulhada rumorejante dessa feira de tribus a extremidade salvadora do novelo de Ariadne. E não sorriam de bôa citação mitológica! Já que se discorre de Creta e dos povos que conviveram o Minotauro, ela tão da praxe, como Strabão é inevitavel para quem se ocupe da Península!

Será assim, em verdade, uma confusão babilónica, se julgarmos de rápido, só pelas aparencias. Segurem se, porêm, em sólida determinação os factos que se revelam mais antagónicos e acreditem que a incógnita não tarda a resolver-se, cheia de limpidez da agua pura. Ora vejâmos um pouco. Está assente que os pelasgos constituiram a camada arcaica da civilisação proto-histórica na Grecia. Com eles os Frigios, os Leleges e os Carios fecundam com sobreposições de cultura e etnia a Asia-Menor, onde, na frase de Maspero, os povos do mundo antigo se deram todos *rendez-vous*. Adventícios em Canaan, os filisteus entroncam nos egeanos, pertencem ao vasto viveiro ocidental. É a Biblia que os tem como idos das «*Ilhas do Mar*», da terra longinqua de Tharsis. Com Tharsis se identifica

(1) E' a migração personificada na fuga de Enéas.

Tartessus na Península. Mas a expressão carece de se generalizar. Tharsis seria mais que um empório comercial. Era uma larga e misteriosa zona em que os metaes abundavam.

A denominação de «*filisteu*» (*plishti*) achega-se á de pelasgo, — repara o insuspeitíssimo Maspero (1), e denuncia, em referencia a Israel, a promanação estrangeira desse povo. Os proprios textos hebraicos os designam muitas vezes como *Crethi*, traduzindo a persuasão que os olhava como saídos do Egeu com Creta por metrópole. Tambem os fazem vir de Caphtor (*Juizes*, II — IX.), que é uma palavra correspondente a *Kupros*, de Chypre. Correlacionam se, portanto, os filisteus com a irradiação formidavel do pequeno dolicoide no periodo bronzífero, tanto mais que Estevam de Bisancio afirma peremptoriamente que Gaza não passava de uma colonia cretense (2). «Os monumentos egipcios confirmam esta hipótese e são eles que nos apontam a data da emigração, — corrobora Maspero. Os filisteus pertenciam aos povos que assaltaram o Egito durante o governo de Ramsés III. Derrotados pelo rei, submeteram-se ao seu serviço, concedendo-se-lhes a permissão de ocuparem a costa meridional rda Siria». Mas os Frígios, os Carios, os Leleges, — toda a compacta massa humana que se ennovelava ás portas da Asia, quem eram, donde é que vinham, se nenhuma consanguinidade os ligava nem ás genealogias semitas, nem á familia irrompente dos arias?

Os Frígios, ou Brigios, enraizados ao norte da Macedonia, trocariam a bacia do Strymon pelas cercanias da Asia. Na região delimitada pelo Sangarios e pelo Meandro fundaram de seguida sobre os pendentes ocidentaes da planura asiática a nação da Frígia que cedo se notabilizou pela sua índole agraria e trabalhadora. (3) E' o *habitat* que se

(1) *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, pag. 368-76. Paris, Hachette, 1912. *Onzième édition revue*.
(2) *Obr. e pag. cit.*
(3) Maspero, *obr. cit.*, pag. 285 e seguintes.

atribue unanimemente aos pelasgos da Grecia, ramificação da mesma árvore. Possuiam um alfabeto e a lingua que falavam regia-se já pela maioria das leis fonéticas que informaram o grego ao depois. As origens agrícolas de uma tal civilisação manifestam-se na fábula de Gordion, seu primeiro chefe, o qual em principio não se teria visto senão dono de duas juntas de bois. De Gordion e da deusa Cybele nasceu Midas, heroi fundador de mais duma cidade e que é a personificação do genio frígio.

Conta-se que entre os Frígios se punia de morte quem matasse um boi ou quem destruisse um utensilio de lavoira. Aqui nos surge outra vez o boi como divindade totémica. Não é só em Creta, donde os Frígios em nada participariam, afastados do mar por outras tribus, que o boi se venera por conseguinte. Nem tampouco apenas nas desgarradas partes da terra que ficava sobranceira ao Atlântico. Tambem a Frígia adorava o boi, e tão religiosamente, que o nó gordio foi atado numa canga de boi, não sendo inutil para o nosso estudo que se sublinhe a coincidencia de terem os Frígios descido do norte da Macedonia, com a montanha do Taurus por vizinhança eminente. A Frígia se soterrou debaixo das assolações acheanas, prevalecendo, no entanto, o carro triunfal de Midas com o famoso nó gordio a testemunhar a gloria imperecivel duma raça defunta. Alexandre Magno cortou-o com a espada. E tudo mais se desfez em poeira desde então, não se apurando na actualidade lá onde fôra Frígia mais que umas frustes antiguidades da época romana.

Filiam-se hoje em identico fundo pelágico os Hititas (ou *Khati)* que com arte sua e escrita alfabetiforme tantas preocupações despertaram nos âmbitos scientificos. A proveniencia lídia dos Hititas descai á falta de rasões mais persuasivas que os resultados extraídos dos recentes córtes arqueológicos. Os Hititas são os Hicsos da dominação do Egito. Escorreriam como os frígios dos Balkans, precisamente pela ponta em que a Europa se toca com a Asia. Um dos motivos identificadores da de-

rivação europêa dos Hititas é a fíbula que aparece num baixo relevo de Ibriz, quando nem o Egito,— nem a Assíria, nem a Fenícia conheceram a fíbula antes da idade helénica. Ora a fíbula era natural do vale do Danúbio e cá estamos nós, com tão valioso indício, de novo em frente dos Balkans como ventre fecundo de quantos povos jorraram ás entradas da Historia sobre o apetitoso levante mediterrânico. Oiçamos Salomon Reinach a semelhante respeito. «*En l'état actuel de nos connaissances on ne peut même pas affirmer que la fibule soit une invention des tribus grecques pendant leur séjour, au nord de la presqu'île des Balkans; peut-être faudrait-il en chercha l'origine plus loin vers l'ouest. La fibule se trouve, en effet, bien que rarement, dans les couches supérieures des terramares et dans les stations lacustre des l'âge du bronze*». (1) Eis o que sustenta o conservador do museu de Saint-Germain, autoridade tanto para merecer em assuntos de arqueologia, como para a repelirmos quando o seu costado judengo se põe a pontificar do Catolicismo em ar de *sous-Renan*.

Ao lado da fíbula que no Oriente pela primeira vez se revela em Ibriz, no interior da Asia Menor, pela primeira vez se revela tambem a cruz em gama ou tetracelo. «*Or, de la croix gammée, comme de la fibule, inconnues également à la Babylonie et à l'Egypte*, conclue Salomon Reinach, *c'est en Europe seulement que l'origine peut être cherchée.*» (2)

Recapitulemos nesta altura as bases do ocidentalismo de Martins-Sarmento. Para o nosso ilustre arqueólogo, localizadas as Cassitérides na Gran-Bretanha, antes de elas serem alcançados pelas naves fenícias, já o tráfico do estanho de lá se operava para o âmago da Europa pelas vias fluviaes do Rheno e do Danúbio. Martins Sarmento julgava que esse caminho fôra descoberto por uma imigração proto-árica subindo por ali acima até ás costas do Mar do Norte. Varrida, porêm, a mira-

(1) Salomon Reinach, *obr. cit.*, pag. 156.
(2) Idem, pag. 552.

gem ariana com relação ao Ocidente e aceite a natureza oeste-europêa da cultura do bronze, a verdade desvenda-se-nos de súbito desde que se inverta o rumo do supôsto êxodo. A emigração seria do pequeno dolicoide, que não só alcançou o Oriente enfiando pelo Mediterraneo, mas que encontraria para lá uma segunda estrada através dos trilhos custosos dos Balkans. E' dos Balkans que pelasgos e frígios surgem, — os sinaes e as industrias, levados par eles, são os sinaes e as industrias do nosso Ocidente na hora máxima da actividade do homem-meão. Os pelasgos secam pântanos, rasgam canaes, assentam povoações. Distinguem-se, portanto, pela capacidade agrária e construtiva. A façanha que mais os enobrece é desbaratar as florestas e limpar as impenetraveis matas virgens. Pois na tradição irlandêsa menciona-se com orgulho o córte dos bosques como uma das proezas gloriosas da velha raça autóctone. (1) E' mais um vínculo de parentesco. Já muitos outros se desferiram aqui. Eu não quero dispensar, todavia, a claridade que do culto da cegonha e do emprego do suástica incide vingadoramente sobre o problema.

Salomon Reinach insinua que o tetracelo com o aspecto aviforme que assume em certos vasos de Hissarlik pode muito bem significar uma estilização squecmática da cegonha. A cegonha na Tróada honrar-se-ia como um pássaro protetor, porque, segundo o testemunho de Schliemann, a planície ilíaca tornava-se inhabitavel por causa das cobras, se as cegonhas na primavera as não devastassem. Expressivo é o mito de Antígone, a irmã amoravel de Príamo. Presunçosa da sua bela cabeleira, Antígone não hesitava em compara-la á de Hera. Irritada, a deusa transformou-lhe as tranças em serpentes. Por compaixão o Olympo transformaria de seguida a donzela em cegonha para se ver livre dos reptis. Os Penestes da Tessália, de genuina extração pelágica, achar-se-iam na necessidade de fugirem tambem das serpentes, se as cegonhas não viessem em

(1) Joseph Huby, *Christus*, pag. 408.

seu auxilio. Prestavam lhe por isso honras divinas, proíbindo que as matassem sob penas severíssímas (1).

O culto da cegonha alastrou-se em práticas registadas no folc-lore pela Suissa, pela Holanda, pela Espanha. Nós sabemos como a cegonha se venera em Portugal, chamando-se-lhe «*galinha de Nosso Senhor*» e havendo-se por ave de bom agoiro. As antigas posturas municipaes andavam cheias de interdições a seu respeito; e eram por vezes os magistrados do concelho quem lhes acautelava o poiso durante os largos mezes da ausencia. (2) O singular é que a tradição atribuida aos habitantes da Tessália se encontra em Martins Sarmento na *Ora maritima* com referencia á velha *Ophiusæ frons* dos périplos fenícios. Segundo o texto de Rufus Festus Avienus, *Ophiusa* vem de serpente. E é o caso que os œstrymnios, povos indígenas desta facha atlântica, teriam de se retirar diante duma invasão de cobras, deixando a terra vaga. (3)

E' a cegonha, pelo exposto, um totem pelágico, designando-se em grego cegonhas e pelasgos com a mesma palavra. Pela naturalidade ocidental do tetracelo, em que se vê uma figuração ideogramática da cegonha, mais um argumento se invoca a favor da origem oéste-europêa desse primitivo fundo étnico. Lembremo-nos agora da lição de Plinio que considera o estanho revelado ao Oriente por um personagem alegórico, de nome Midacritus. Quem é esse Midacritus que iria ás Cassitérides buscar o metal precioso? Querem-no identificar com Melkart ou Melicertes, o truculento Herculos tírio. Mas Salomon Reinach, valendo-se de dois passos clássicos, —um das *Fabulæ* de Higino, o outro das *Variarum* de Cassiódoro, propõe a emenda opinada já em 1685 pelo jesuita Hardouin para o *Midacritus* dos

(1) Salomon Reinach, *Oiseaux et svastikas, in Cultes, Mythes et Religions*, tom. II, pag. 234-249.

Anedoctas de Elvas, colligidas pelo corregedor Mendonça, pag. 9, Elvas, 1913.

(3) Versos 154-57. *Ora maritima*, de Martins Sarmento, pag. 74, 1.ª edição.

textos de Plinio. (1) E' ela *Midas Phryx* em vez de *Midacritus*.

Eis que uma brusca, mas profunda claridade nos alumia! Midas, o heroi frígio, aparece-nos de súbito como o introdutor do estanho entre os seus. Sabida a unidade étnica e social do pelasgo com o pequeno dolicoide, de nada mais necessitamos para rematar a nossa tése (2). Os frígios, comandados pela personagem mítica de Midas, não escorreriam apenas do íntimo dos Balkans. Viriam das margens do Mar do Norte pelas vias fluviaes do interior da Europa, ao contrario da imigração proto-árica que Martins Sarmento imaginara avançando pelo Danúbio e pelo Rheno. O boato conservado por Plinio é um vestigio ténue duma longa tradição abafada no alastramento das miragens do ciclo homérico. Possue-se, no entanto, um facto concreto que confirma todas as deduções tiradas da sobrevivencia aqui e alêm dos mesmos totemes e dos mesmos ritos, com o parentesco mais apertado a traduzir-se na similitude dos mesmos costumes e das mesmas instituições. Assim já se compreende que o bando de pelasgos, estabelecido na Asia Menor e depois transitado á Italia, se reconhecesse como parente chegado aos naturaes da Etrúria. As relações de consanguinidade que esses diversos núcleos populacionaes alardeavam entre si enraízam-se desta forma num tronco comum que não pode ser senão a velha raça sociológica, de que nos falam em Ephoro as lembranças de Hesíodo.

O *H.-Atlanticus* preside como chefe á árvore genealógica. E' ele que, irrompendo pelo Estreito, assoma no esplendor sem par da arte egeana. E' ele que, contornando o Oceano, se entranha pelos rios navegáveis e vai levar aos interpostos propícios do Levante as riquezas profundas que o seu génio arrancara aos ciumes da terra. A autonomia

---

(1) Salomon Reinads, *obr. cit.*, tomo III, cap. XX, pag. 332-337.

(2) Salomon Reinach, *obr. cit.* tom. I, cap. XII, pag. 146-156.

duma cultura europêa indígena está patente. Mas não é na Europa Central, desdobrando-se em leque, conforme Salomon Reinach, que lhe devemos procurar o foco impulsor. E' sobre o Ocidente num ponto mais ou menos próximo das aguas, como que a recordar-nos a Atlântida submersa. Envolvendo o continente num demorado abraço, dois caminhos lhe marcam o andamento vagaroso. Um, é o caminho do mar pelas Colunas de Hercules adentro e as costas sempre á mão, sem se perderem de vista. E' o outro o caminho do interior, com os grandes rios por condutores, tentando a sorte nos acasos do rumo. Lá em baixo os êxodos se encontrariam ao bafo benéfico da Asia magnificente, mais perto das regiões de privilegio em que os deuses residem e são venturosos. Como que um contagio divino lhes concederia então os favores supremos da gloria nas altas criações da Cultura.

Ao contacto de ribas exóticas com outras civilisações rivalizando, o *H.-Atlanticus* assentava o seu logar de padrinho dos povos, de iniciador da Historia. E' Mycenas, — é Homero. Antes fôra a civilisação da acha com o palacio de Cnossos, fôra a thalassocracia do Egeu, o domínio do Egito, o protetorado das nações anónimas que na Tróada se davam «*rendez-vous*», descidas do lado de lá da montanha. A catástrofe avizinhava-se, todavia. Bem depressa as naves aventureiras haviam de perder o segredo das estrelas e para a banda do Oceano sem fim não seria mais que uma neblina imensa pairando por cima do ignorado viveiro em que toda a origem ficava. O aria surgia brandindo a púa de ferro e com a basta coma loira desfraldada em penacho.

No embate sinistro das hordas e hordas crescendo, as ruinas amontoaram-se nas ruinas, — dissolveram-se os traços comuns da convivência. Com os seus ornatos geométricos e frios o Dipylon esmaga a gracilidade abundante do período bronzífero. Só ha poeira de morte, sinaes fresquíssimos de devastação. O *H.-Atlanticus*, submetido como um escravo, súa e espera. Quando de novo a hora

lhe chegue, as nacionalidades modernas hão-de agradecer-lhe o elemento mais fecundo da sua composição. Ele renascerá no arrojo máximo da Catedral, — será a vibração dançando nos ares o rítmo sempre moço das ondas.

Aceitando em Roma a regra que condensa e que ilumina, a Idade-Media enche-se do sonho milenario que ele guardou consigo, nos séculos tristes da opressão. É o claro-escuro que imortaliza o poema de Dante. É a *Imitação de Christo*. É S. Francisco de Assis. E' a epopeia rumorosa das Comunas e das Descobertass. É a Cruz e a Espada, traçando o edificio admiravel da ordem antiga, com a familia á base por alicerce invencivel e o Rei ao alto, como artezão robutíssimo em que a fábrica assombrosa da sociedade se rematava. Em luta sem treguas nem fôlego, o tormento da linha limitada o aprisionaria na Renascença com a mentira das formas racionalistas. A mentira da Inteligencia lhe cresta o dinamismo poderoso dos sentimentos com esse bafo da morte que foi com a Reforma a dialéctica dum monge despeitado. Sofistas e ideólogos o enterrarão a mãos ambas com os lirismos estultos da grande paranoia colectiva da Revolução. Na guerra que hoje se trava não é somente contra a hegemonia do Aria, *raptor orbis*, que o Ocidente em peso se alevanta. E' tambem contra o despotismo sem freio das nevoas que lhe obstruiram o pensamento, toldando-lhe a excelsa claridade que executou a abóbada e afilou a ogiva.

Irá o *H.-Atlanticus* ressuscitar? Oh, o dia que vem a virgem gaélica o espreita da praia, com o alaúde suspenso, para que aos primeiros anuncios do arrebol os dormentes da sua raça oiçam no sono de pedra quebrarem-se os prazos fataes da Encantação!

A TEORIA DA NACIONALIDADE

E', pois, do *H. Atlanticus* que deriva o *substratum* aborigene da população portuguêsa. Ele é bem constituido pelo dolicoide meão, de craneo longo, cabelos escuros, côr morena e altura media.

Dois sub-tipos poderemos ainda considerar nesse primitivo fundo autóctone. Um é o individuo já descrito como indígena. O outro é uma variante posterior, denotando um acréscimo sensivel de porte, em virtude de cruzamentos provaveis com bifurcações da familia de La Vezère, tambem dita de Cro-Magnon. A elevação de estatura ter-se-ia produzido já em pleno mesolítico pelo advento do habitante estudado em Grimaldi e que é o troglodita da costa mediterrânica de Baoussé-Roussé.

E' com semelhante aliança que o nosso dolicoide, revelado em Mugem, se manifesta e atura ao longo dos trabalhos preparatorios da Nacionalidade como o seu elemento mais fecundo e mais pertinaz. Será a homogeneidade étnica do Lusitano o motivo principal da nossa historia. Surgido no vale do Tejo quasi de envolta com os últimos arrumos geológicos da região, eis que se nos mostra desde bem funda idade como portador de decididas preferencias sedentarias. Antes de praticar a agricultura, já se fixa e já enterra os seus Mortos.

São um sinal de apreço a este respeito os despojos recolhidos em Otta e nos cabeços da Arruda. Provam-nos o instinto de forte enraizamento que distingue o nosso antepassado. E' essa virtude nata que, levando-o a achar a necrolatria como forma de coesão religiosa e social, imprime um caracter

de persistencia notavel aos nucleos de população em que a Patria fundamenta os alicerces. Não se trata como nos povos erráticos dum conjunto casual de cabeças com a força primando e o individuo sendo como que a rasão primacial do grupo. Não. Trata-se antes dum tecido larguíssimo de individuos que só valem como élos duma cadeia que nunca se desata. Com filiação espontanea no parentesco e no culto dos Mortos, o agregado define-se e hierarquisa-se gradualmente, á maneira que as suas necessidades vão desabrochando e se cria o empenho, cada vez maior, de satisfaze-las. Assim se compreende a índole comunitária do Ocidental. E' uma raça que se agarra ao torrão e, conforme as simpatias naturaes do seu *habitat*, se prepara instituições harmónicas que a sirvam e prolonguem no espaço e no tempo.

Uma fereza invencível se comunica por intermedio desse arreigamento tão entranhado. Não se explica de outro modo a resistencia localista do Luso que, atalaiado nas citânias da proto-historia, barreira a ocupação romana em «*magnis gravibusque bellis*»,—confessam os analistas latinos. Reparemos ao depois que através do dominio sarraceno são as fortalezas do oéste da Peninsula que acidentam o desfruto do invasor com insurreições continuadas. E' o moiro Razis quem o conta. Vale, por conseguinte, o depoimento, quando mais não seja, pela insuspeição da testemunha.

Mais tarde, sabe-se como na formação da Nacionalidade é o aferro particularista do Luso que entrevem e decide da nossa sorte como agente poderoso e quasi único. Na hora em que as behetrias da Reconquista se elevam á consciencia dum acordo de interesse permanentes com os ópidos recemtomados do Sul, a Patria está constituida. A Realeza vai ser o orgão essencial de convergencia e duração por largos séculos procurado. Sósinho, na sua pequenez, o Luso, sem uma instituição hereditaria que o organizasse, não se acobertaria das eventualidades da posição geográfica, mal podendo esconurar a dispersão de todos os dias e saír-se intacto

das cubiças nunca fartas do vizinho de ao pé da porta. Desde que o egoismo privado duma dinastia aparece a exercer em proveito proprio o encargo supremo da neutralização interna e da defesa exterior, a estabilidade ganhou-se,—só restava andar agora o caminho, de colaboração com as vozes íntimas do genio colectivo.

Um dos prejuizos inimigos da alma portuguêsa é, sem dúvida, o negativismo de raça professado pelos nossos escritores. Teem nos, — Teófilo áparte, — como um desmembramento fortúito do planalto castelhano. Não nos reconhecem nem capacidade política nem independencia fisiológica que justifiquem o separatismo e que o autorizem á face das circunstancias geográficas da Península. Oliveira Martins ficou pesando sobre nós com a sua nefasta teoria do Acaso. Uma doutrina suicida, em conflito com a verdade, nos dirige nos âmbitos da sciencia oficial. E' só para a maior desnacionalisação que se tende, inculcando-se o diagnóstico de Oliveira Martins como a explicação de quantos desaires nos entrecortam a viagem de povo com falencias e falencias sem remedio. Bem descurado, o estudo das nossas origens é que é imperioso desenvolver-se e opô-lo com energia aos falsos criterios que nos levam para o fundo irreparavelmente.

E' obedecendo a esse conceito nihilista da Nacionalidade que a governação opera ha quasi cem annos o mais inconcebivel trabalho de abastardamento e atrofia de que ha memória em país que se diga na posse de si mesmo. Tutela-nos o estrangeiro do interior. São as mais descabeladas quimeras exóticas que deturpam a visão da realidade patria com ideologias saídas de outra conformação psicológica, com outros determinismos de ambiente e hereditariedade a rege-las. Primeiro foi com o individualismo dissolvente da Renascença a bebedeira doirada da Índia. O modelo grecoromano viciou-nos o entendimento. Do aparato filológico dos humanistas ao gesto oratorio de D. João de Castro, empenhando as barbas em copia servil a um varão de Plutarco, é sempre uma no-

ção artificial da existencia que nos apaixona e transvia. Toda a época se acha contida em mestre André de Rezende falsificando inscrições latinas e indo com grande estrondo descobri-las ao depois.

O egocentrismo excessivo da *virtú* desbaratou-nos mortalmente. Deixamo-nos aos bocados por entre as entradas fumarentas das cidadelas do Malabar. Por lá nos ficou, á sombra mole dos palmeiraes, a genuina, a verdadeira Patria, — aquela Patria rural de Quatrocentos, que se gerara no respeito dos nossos limites e pelo exercício das virtudes sóbrias da Grey. A nação histórica cedera com a força da ancestralidade e das preferencias centenárias á turba cartaginêsa que só o oiro atraía com todos os seus cortejos de dissolução e depravamento. Envergonhava-nos já a pobreza primitiva, cujo orgulho, mantido como um titulo nobiliárquico, obrigava ainda D. Manuel I a censurar o conde de Vimioso por sua mulher se vestir de veludo. «*Porque o veludo, conde, he para quem he!*»

Moradores em «*casas pardas*», os nossos avós, «*santamente grossos*», mal nos reconheceriam na feira cosmopolita que tornara, de facto, Lisboa na cidade das muitas e desvairadas gentes do Cronista. Mas o peor seria que, com a loucura das idéas abstractas que a Renascença nos contagiara, impurrando-nos para o esquecimento das qualidades nativas do Luso, a aventura ultramarina nos ia custar caríssima por causa da mistura com outras etnias, todas elas inferiores e de verificado efeito corrosivo. E' um problema de debate complicado que importa consigo a reabilitação do Santo-Oficio e que eu não posso trazer para aqui, pelo desvio imenso a que me constrangeria. Registo apenas o acontecimento, que reputo como uma das razões principaes da nossa decadencia. E' que cada país assenta num inviolavel «*meio-vital*», o qual consiste no equilibrio constante das condições especiaes de que o agregado brotou, valendo a alteração delas pela queda insanavel do organismo. A passo lento,

o olvido do nosso «*meio-vital*» estreia-se com a data funesta de Quinhentos e com a porca infeção nigerista por agente fortissimo dessa falha. Meditemos-lhe bem as consequencias e seja o nosso cuidado aprender nos resultado colhidos o perigo que representa para um povo o esquecimento do seu passado e dos seus costumes.

Quizemos ainda por vezes alevantar cabeça. As prodigiosas reservas da Raça viram-se provadas na guerra tremenda com a Espanha, em que nós, sem dinheiro nem socorros, nos eternizamos num duelo que faz emudecer de pasmo a propria Antiguidade nas suas passagens clássicas de heroismo e de renuncia. Eu não entendo as batalhas formidandas da Aclamação, em que os Municipios soltam a palavra que salva, sem estabelecer como motivo único da nossa historia, repito, um valor de ordem exclusivamente étnica.

Já as citânias haviam brigado com as tropas disciplinadas de Roma. Já o árabe se vira a braços com as revoltas incessantes das populações do oéste da Península. Não se ignoram as bases foraleiras da Nacionalidade, nem como no admiravel periodo afonsino o territorio se dilata *in partibus infidelium*, graças ao apêgo dos vilares livres que armam a *hoste*, e a sustentam, e a engrossam. Quando um elemento estranho, advindo de Castela na comitiva do Borgonhês, pretende sobrepujar a Nação nascente, são os concelhos e as povoas,—é o terceiro—estado quem rodeia o Rei e o anima na luta contra a arrogancia dos donatarios e das prelaturas. Nas izenções jurisdicionaes dos fidalgos renascia um antagonismo já conhecido do autóctone. Imperialista, devastador, no barão novi-gótico acordava o aria, *raptor orbis*, seu avô muito chegado. Enquanto nos homens-bons da Comuna o dolicoide meão se perpetuava pachorrento e sedentario, no cavaleiro que bofava de bom sangue leonês resurgia, efectivamente, o atavismo do dolicocéfado linfático, de alto talhe e cabeleira loira. Do confronto violento das duas étnias, sái a reposição das forças naturaes da Nacionalidade adentro dos moldes te-

cidos pela larga experiencia das gerações. Em vez de um acumulado de senhores e servos, dizimando-se em interminaveis brigas privadas, nós temos então, pelo triunfo do habitante indígena, a Patria apoiada nas mancomunidades agrárias da Raça, com o municipio por expressão jurídica e social duma irmandade que se nutre da terra e que não pratica outra nobreza que não seja a da seleção pelo trabalho e pela valentia.

O leonês pensava em introduzir o conceito germânico da sociedade com a população dividida em previlegiados que monopolisam a guerra e o solo, e em colonos que tratam da gleba e se traficam como coisas. Andava, porêm, vivíssimo o sentimento dum mesmo tronco. Sucede assim em todos os povos duma aferrada estrutura comunitaria. O infanção leonês queria prevalecer pelo direito de conquista. O Luso prevalecia pelo direito do sangue. No embate contraditorio dos dois principios reside não só a chave das perturbações intestinas que agitam a primeira dinastia, mas é, agora e sempre, a *eterna divortia* de Sílius Italicus reavivando-se e confirmando-se.

Trazido do cimo das cividades para a ribeira, o antigo dolicoide acabou por se afazer a essa estação que o romano dominador lhe impuzera. Com a cultura cerealífera em escala progressiva, a *freguezia* irrompe consagrando a séde das varias explorações agrícolas. O ilustre Alberto Sampaio ressuscita o lapso tão ensombrado que, por sobre a ocupação latina, prepara os introitos da Nacionalidade. Na extraordinaria monografia, «*As villas do norte de Portugal*», nós assistimos á formação e ao desenvolvimento da propriedade. Lá se verifica o afervorado sentido localista do Luso. Pelo favor das colheitas e com um caracter afectivo de patriarcalismo, uma especie de aristocracia se corporiza e adquire recorte fisionómico. São os *domini*, que funcionam em detentores do direito, aplicando os usos e discernindo as contendas nos bancos toscos da fonte. Dos *domini* vão derivar os maioraes da behetria que, á sombra da azinheira simbólica

da Raça, assinam as cartas de foral com o Príncipe eleito para seu regedor vitalicio.

Nascidos do seio da população e investindo-se de prestigio pelo consenso tácito das massas, os *domini* não predominam por mercê de situações de regalia. Traduzem a aptidão espontanea dos agregados para destacarem de si figuras que os signifiquem e encaminhem em justiça. Na véspera haviam sido os magnates da Citânia. Iam ser no dia seguinte os vereadores do Concelho. Essa magistratura pacífica é o estofo medular da Era de Quatrocentos. Encontra-se nas tábuas de Nuno Gonçalves, alinhando-se como fundo da dinastia exposta. Porque incarnava todas as virtudes simples duma familia de lavradores, nela se encerrou a consciencia da Grey. Com ela Afonso III consolida o Estado. E' por ela ainda que as Côrtes-Geraes se enchem da resonancia honesta dos seus pareceres avisados.

Guiando as vilas pelo prudente arbitrio, tornado herança consuetudinaria, os *domini* déram, como já dissemos, os *homens-bons* da governança. O conceito político de republica (de *res-publica*), cedo o tiveram como autoridades sociaes, condensadoras das preferencias do agrupamento e seus orgãos naturaes. E' em trinta infanções, companheiros do conde D. Henrique, que o *Livro Velho* das linhagens do Reino entronca toda a nossa ramaria nobiliárquica. Pois com os *domini* ruraes se chocaram os aventureiros da Reconquista, debatendo mais uma vez a eterna querela do pequeno dolicoide, construtor e produtivo, tal como o antepassado pelasgo, com o roncante homem loiro que só se regala em poeiradas e ruinarias. O barão neo-gótico, reçumando a costela címbrica, teimou em se impôr, esquecidos os fundamentos pactuaes da monarquia. Para isso ilaqueia o Rei com exigencias duras de casta. Debilita-lhe e circunscreve-lhe a ação, pretendendo arvora-lo em chefe de bando, quando o caracter da Realeza ocidental é um caracter moderadíssimo de paternidade. E' a altura em que as povoas foraleiras erguem o Rei ao exercicio forte da sua prerogativa, vendo na Corôa uma judicatura do bem

comum que não se dobra nem se corrompe. O motivo étnico, em que a nossa historia repousa, não deixára de se pronunciar pela boca dos *homens-bons* do Municipio. O pequeno dolicoide, robustecendo as instituições cordenadoras da Raça, não era somente o cavaleiro leonês que ele enquadrava. Vencia a ânsia espoliadora do *H.-Europæus*, conferindo a primazia ao elemento fecundo de que a Nacionalidade dimanara.

Nós vamos verificar a influencia decisiva desse motivo étnico na disputa que se desencadeia com a morte de D. Fernando. São os Concelhos que soltam a voz pelo Mestre. E' a gente das vilas, de «ventres ao sol» e «sem capitão», quem lhe alimenta a causa, ou já batendo-se nos Atoleiros em brava peonagem, ou já escalando as alcáçovas da fronteira e pondo de lá para fóra os alcaides vendidos. O pequeno dolicoide manifestava-se. Quem desfralda o gonfalão de Dona Beatriz é o residuo feudal que não se subjugara de todo pelo movimento unânime das mancomunidades em redor de D. Afonso III. Expulsam-no agora definitivamente as iras da arraia-miuda mais as arengas dos procuradores concelhios. As qualidades históricas da Nação temperam-se numa prova esplendida em que os recursos espontaneos da Raça informam as vistas concordantes do Estado. E é assim que a floração magnífica de Quatrocentos se inaugura.

Com a tragedia da India e com o grande desvairo do Renascimento obliteram-se as direções ancestraes. Esvai-se-nos no estridor da quermesse o mais rudimentar sentido de continuidade e de coerencia. Detenha-se este reparo singelíssimo: — enquanto Quatrocentos brilha, o sinal inconfundivel do genio da Patria conferem-lh'o as Côrtes-Geraes, indubitavelmente. Quem vibra, quem palpita, nessas vigorosaa assembléas? A alma dos Concelhos, — o pequeno dolicoide, que é no desafogo das suas energias criadoras o infatigavel obreiro da saude e do viço de Portugal. Abatem-se, entretanto, ao longo do delirio ecuménico que nos empurra a avassalar o Mundo, as nossas mais

íntimas predileções localistas. Abala ribeira abaixo com a enxurrada dos pardaus e das especiarias o enraizamento rústico d'outr'ora. O oiro cobre-nos como numa chuva de feeria. Todavia, ha fome, por que os campos abandonam-se no exaspero da miragem asiatica. Não se conseguem braços que arroteiem a courela natal em desprezo. As lareiras dispersam-se, emmudecem os teares. Portugal é como uma caravela enorme que desprende a âncora e se atira para as guelas abertas do Tormentorio com uma sereia rindo-lhe á prôa não sei que promessas loucas de perdição. Tomam as pestes conta de nós e levam o resto. As naves voltam da India, — as que voltam! —, carregadinhas de metaes preciosos. Mas, com tanto dinheiro retinindo numa resonancia de maravilha, o trigo importa-se e o pão custa-nos como o mais raro dos manjares.

No tumulto do cosmopolitismo, tudo nos consome a febre alta em que estamos ardendo. Manda-se um elefante á Italia. Rafael introduzirá variações inéditas nos seus temas de artista, impressionado pelo espectáculo do animal com que a côrte púnica de Lisbôa presenteia o Papa. Sabem-nos o nome de cór áquem e álem-mar em Africa. Os reis da Cristandade e o Solimão da Turquia teem-nos inveja. Só na quintarola da Tapada o bom Sá resmunga versos aziagos contra o despaisamento. E' a comoção bucólica da terra desamparada que lhe dita a carta ao senhor de Basto.

Afundaramo-nos de mais quando pensámos em nos salvar. A quimera tresloucante do Imperio do Mundo arrastara-nos a extremos que nem com o esgotamento se atingem. A depressão nervosa da Raça tentou terreplanar-se com cruzamentos ignobeis, com alianças sem dignidade. O vasão emigratorio que pusera Portugal a bordo como um só homem, contrabalançou-se com a mais deploravel das soluções, — a escravatura. A arrancada marítima não nos valêra unicamente a aquisição de vicios dissolventes, contraídos ao contacto morno de outros climas, com serralhos debaixo dos olhos e apetites de doença queimando-nos como uma brasa.

Importou-nos tambem a mistura com gente de côr que se negociava em mercados rendosos e por meio de cujo concurso procuramos acudir á crise do trabalho na metrópole. Entrava conosco a gafa dos povos conquistadores. E o gordo Garcia de Rezende, zombeteando nos momos do Paço, mas com um surdo presentimento a roê-lo lá dentro, não se esquivaria a clamar num acento de clara profecia

«Vimos muito espalhar
Portugueses no viver
Brasil, ilhas povoar,
e ás Indias ir morar,
natureza lhe esquecer:
vemos no Reyno metter
tantos captivos crescer,
e irem-se hos naturaes,
que se assi for, serão mais
eles que nós, a meu ver»

Toldou-se, desgraçadamente, o aprumo nativo da Grey. A pureza da Raça, que bem se pode estabelecer como a rasão principal de todo o nosso engrandecimento, viu-se de pronto infeccionada pelas mestiçagens mais contraditorias, as quaes não demoraram a comprometer a estabilidade do espírito colectivo. Não se intrepretam através de criterio diferente os desfalecimentos mortaes que pegam a esfacelar-nos desde então. Não sejamos injustos, denegando ao Santo-Oficio os resultados incalculaveis das suas medidas purgatorias. Mas a cerrada higiene étnica dos formidaveis Inquisidores se salvou a Patria de ser escalada pelo estrangeiro do interior, não nos guardou a tempo da corrosiva labe nigerista. Embora reprimida nas catacumbas ínfimas da nossa hereditariedade, essa velha tara do Luso não se faz muito convidada para assomar em tropelias subversivas, quando, como, por exemplo, no momento que corre, se lhe oferece o ensejo de sobrepujar as disciplinas sociaes que ainda a conteem em respeito. Não se sorriam as inteligencias scépticas, nem Mr. Homais arregale as pupi-

las, imaginando-me a soldo dos Jesuitas! Hoje a antropo-sociologia acha-se de posse de leis scientificas que nos ajudam a uma compreensão aproximada do que fôram como instrumentos de defesa sanitaria as tremendas cúrias inquisitoriaes.

Não me gastarei em reflexões de efeito concludente, como as que se nos suscitam com a situação politica de Castela ao encerrar-se o seculo XV. Se os reis católicos não dispuzessem dum forte agente repressivo, não duvidemos de que *marranos* e *conversos* marchariam com a unidade nacional, fomentando a desavença contínua e abrindo as portas ao adversario marroquino tão cedo a oportunidade se lhes deparasse. E' uma concepção um tanto dura da historia, — é certo. Mas os povos não se governam com filantropismos adocicados, nem as asperezas da vida se deixam amaciar pelas perspectivas solidaristas de duzia e meia de declamadores!

Com base nas promessas de Jehovah, os judeus não se consorciam com as filhas dos gentios. (1) Engendra-se deste modo um imperialismo étnico que concede a Israel pela integridade da Raça o dominio absoluto sobre as nações em decadencia. Ninguem desconfia dos propósitos liberaes das côrtes de Cadiz, que em Espanha aboliram o Santo-Oficio. Pois, abolindo-o, não hesitaram em afirmar que os judeus tinham formado um Estado no Estado. O que seria de nós se a Inquisição nos não valesse? A não ser que desaparecesse a Patria, mas que se salvassem os Principios!

Do pouco escrúpulo em nos aparentarmos com ligações asiáticas e africanas deriva o nosso desfalecimento em linha recta. Não se justifica nem se compreende de outra maneira a dissolução entre nós de toda a idéa colectiva. Vacher de Lapouge não se ilude no diagnóstico que os nossos males lhe merecem. Trata-se dum empobrecimento de raça, com efeito. «*Le motif véritable de cette déca-*

(1) Vacher de Lapouge, *Race et milieu social. Essais d'Anthroposociologie*, pag. XX. Paris, Marcel Rivière, 1909.

dence, escreve ele no seu volume *Les selections sociales*, *c'est qu'un si petit E'tat ne pouvait indéfiniment dépenser l'élite de sa race sans l'épuiser, et que l'introduction des esclaves nègres avait altéré le sang de toutes les classes. C'est l'oligandrie qui à fait la fin du Portugal, comme autrefois celle de la Phénicie, et plus tard celle de la Hollande: j'entends l'épuisemeut des eugéniques, car dans les destinées d'un peuple les masses ne comptent guére*». (1)

Com a corrupção das virtudes da Grey perdeu-se o sentimento da mesma origem, que é a rasão afectiva duma sociedade histórica. Desorbitados do determinismo inalienavel da avoenga, romperam-se-nos as agarras centrípetas. Como um rebanho de atravessados, não fômos em breve senão uma balburdia de criaturas sem regra nem norte. Quatrocentos fechara se ainda com um testemunho assombroso do nosso admiravel espírito comunitario. Refiro-me á instituição das Misericordias pela rainha Dona Leonor. Com o seu odio profissional á Igreja e á Realeza, é Teófilo quem no-lo diz, rendido numa homenagem que fica bem ao velho professor, por um equivoco da sua cultura extraviado, já agora para sempre, nos arraiaes caducos da caduca democracia. «Foi esta dama excelsa, (a rainhn D. Leonor) a promotora dos trabalhos da Imprensa em Portugal, e á sua iniciativa se deveu a creação das Misericordias, em que a assistencia tomou um caracter publico de confraternidade, em que o proprio rei se inscrevia como irmão, em vez dos Hospicios que serviam sómente as classes isoladas pelos costumes separatistas medievaes». (2) Nos dispendios afanosos da Navegação o Lusismo não esmorecera, como se vê. Só a vesania faustosa do Oriente o deixaria nos arrancos últimos, entregue apenas aos recursos líricos da Esperança.

A cavalhada heroica que nos sepulta com violas e cruzes nos areaes sedentos de Alcacer, não

(1) Pag. 71. Paris, Fontemoing, 1896.
(2) *Historia da Litheratura Portugueza. II. Renascença*, Pag. 45, Porto, Livraria Chardron, 1914.

é, como de ordinario se pensa, uma arremetida de manicomio, com um megalomano presidindo de alto aos destinos do país. «*Tempo haverá em que as comendas se ganharão nas costas do Algarve!*» — declamara trágico o conde do Redondo naquele conselho em que se deliberou largar ao moiro as praças de Africa. Nós quizemos retomar a inclinação natural da Nacionalidade, — emendar o desvio sofrido nas consequencias legítimas das Descobertas, que seriam em vez de nevrose altanada da India a nossa expansão gradual por Marrocos afóra. Queríamos regressar aos quadros justos do nosso determinismo orgânico, depois do esfalfamento que por lá nos gastára debaixo de ceus alucinados, com cortejos de opulencia fazendo nos bailar a imaginação. Não nos estava, porêm, guardado um hino de triunfo. Um *requiem* enorme, desmedido, abafou na imensidade da noite adusta do deserto a agonia de Portugal inteiro. Cá ficavam os velhos e as crianças. Das lágrimas da orfandade com as lástimas da viuvez a Esperança renasceria, proclamando a resistencia invencivel do Luso.

Já se conhece a Esperança como uma emoção soberana que amamenta mitos e evita a morte aos povos que a convivem. E' como que a *alma-mater* das nações particularistas que subiram pelo vínculo do parentesco á consciencia mais larga de Patria. Pois a Esperança, emprestando linhas soberanas á febre a cem graus da derrota, vitaliza na personificação fabulosa do Encoberto a vigilia super-excitada do genio lusitanista. Oliveira Martins não acreditava em nós, — não acreditava em si. No entanto, pasmado diante dessa poderosa defesa mística que é o sonho poético do *Desejado*, não se negava a venera-lo como a prova póstuma da Nacionalidade.

O instinto localista do Luso é o alicerce indestructivel do nosso municipalismo. Eu já assinalei a estreita ligação da Esperança com as predileções sedentárias do Ocidente. A Esperança é o factor dinâmico da civilisação atlântica, como a Comuna é o seu invariavel elemento stático. 1384 é para nós

a epopeia dos Concelhos. Com as vilas que se erguem, agitadas pelo populacho das vinhas, de ventres ao sol e sem capitão, remexe-se o fundo antropológico da Grey e o pequeno dolicoide assoma na rijeza indebelavel da sua autoctonia. São os municipios que expulsam os castelhanos. Mas, para isso, que sentido superior afivela em hostes cerradas a arraia tumultuaria dos povoados fronteiriços? E' sem dúvida nenhuma a vocação sobrenatural que ilumina o esforço do Condestabre e alevanta no berço o menino de Evora aclamando o mestre de Avis com a vozinha tenra de quem falava pela primeira vez. E' como que a certeza unânime dum milagre que funde numa vontade as vontades mais frouxas e as congloba num só querer durante o mais apertado da luta, sem que a descrença na vitoria as salteie.

Georges Sorel achou a significação social dos mitos, que considera como imagens de reparação actuando energicamente nas massas por força da finalidade que lhes confere. A Esperança é assim, na verdade. Elevando-nos aos lances inacreditaveis de valentia e sacrificio com que se prelimina Quatrocentos, é ela que nos ajuda a suportar os naufragios da desfeita, graças ao destino imortal que de novo nos inspira. Está por estudar psicologicamente a hora espessa da opressão. Com o florescimento do messianismo, é o «*meio-vital*» *da* Nacionalidade que se recupera. Os Concelhos vão pronunciar na guerra que se avizinha a palavra que decide e nos redime. Porque é que aos Concelhos pertence sempre na maré da crise esse papel de resgate?

E' ainda o motivo étnico da nossa historia que se verifica. A Comuna é a sobrevivencia puríssima das nossas velhas mancomunidades agrarias, nas quaes o Luso exprimiu a sua índole particularista e produtora. O aferro á terra, — demonstra-o a etnologia, — guarda a integridade nativa das populações. Ninguem ignora o que valem as raças homogeneas. Se a ruina da Patria nos viera de cruzamentos depressivos, pelo localismo recobrariamos o vigor perdido logo que os nucleos intactos por

via do enraizamento, se desenvolvessem e prolifetasssem. Eis o que sucede em seguida á modorra demorada em que as loucuras do Oriente nos mergulharam. As medidas purgatorias do Santo Oficio, mantendo em comodimento o assalto das etnias hostis, protegeriam o renovo das camadas indígenas. Como nas populações presas ao sólo o remoçamento se facilitaria mais rapidamente pela proximidade em que se encontravam do tipo medio da Raça, já se compreende porque é que o Concelho fala, porque é o que o Concelho conduz hoje como ontem os lentos prelúdíos da regenerescencia. A Citânia despertava nas lembranças do mundo atávico. E nós vemos que enquanto Evora canta em 1637 as matinas da Restauração, a Esperança acompanha o movimento concelhio, promovendo a extraordinaria mentalidade que falsifica as actas de Almacave mais o juramento de Afonso Henriques. Não se incomodem as inteligencias incrédulas que um racionalismo palavroso ossifica! Para mim, segundo os ditames pragmatistas da minha cultura, a fé nacional que se tece em volta da Visão de Ourique é o documento representativo não só de quanto pode o valor dos mitos, como ainda de que os povos que vivem e são grandes não são os que mais discutem, mas sim os que mais crêem.

A guerra presente corrobora-o bem, — se de depoimentos por acaso precisássemos. Entraram no eclipse mortal as ideologias anacrónicas da Revolução, herdeiras desse nefasto «*livre-exame*» que, introduzido no Ocidente pelos doutores da Enciclopedia, se traduz na ruptura de todos os laços moraes e sociaes em que a colectividade se repousa. A que assistimos nós no espectáculo imprevisto que a Europa nos oferece, convertida quasi de banda a banda num vasto campo de batalha? E' á apologia da utópica ordem internacionalista dos prégadores da Naçâo-Humanidade? E' á apotéose final da emancipação humana, abrindo os braços por cima da Cidade-Futura, em que não se apontaria nem deuses nem senhores? Oh, como que por encanto, o filantropismo romântico pulveriza-se por entre a

poeira das mil e uma ficções com que o século se apostou em confessar a impotencia do seu cerrado orgulho materialista!

Do embate fratricida o que sai mais vivo que nunca é o instinto eterno de Patria, servido pela realidade invencivel de Raça. Não teremos ao fim as Doze-Tribus, de palmas erguidas, entoando em côro festivos hosanas, defronte dos muros da Jerusalem reconciliatoria. A mentira pacifista desaba ns recrudescencia inevitavel da Autoridade. E o que se conclue de tudo è que uma nação não é, como queria a vesania revolucionaria, um mero arranjo de interesses garantidos por lei. E' antes uma verdade biológica, fundamentando-se na rasão de ser de cada um dos seus naturaes. As fronteiras não materializam assim convenções gratuitas que um sopro mais forte de cultura inutilizará. São precisamente a resultante de dois agentes,—a Etnia e o Meio, operando em convergencia, de mãos trocadas com o Tempo e com o Espaço.

A guerra presente denuncia-nos este estado geral de consciencias. E nós assistimos á ressurreição das mais entranhadas místicas nacionalistas, de envolta com o regresso ás forças vivas da Tradição. Guilherme II reelabora em proveito do pangermanismo as teologias rácicas do conde de Gobineau. Com Woltmann e Chamberlain promove se a hegemonia teórica do homem loiro, sagrando-o como o único apto para o comando supremo do Orbe. Com o inimigo pela frente, Alberto I da Bélgica proclama ás suas tropas, feras de defenderem a honra colectiva, e lembra-lhes que já Julio Cesar declarava serem os belgas os mais bravos entre os gaulêses. A independencia da Polonia anuncia-se. Já se nos entremostra a maioridade da Irlanda. O proprio esfacelo do imperio austriaco abona bem a profundeza desta corrente de nacionalismos que transforma a face remoçada da Europa. Envilecida por cem annos de baixas praticas jacobinas, a França de S. Luís renova-se com todo o impulso dum segundo batismo, arvorando a Donzela de Orleans como símbolo tocante da autonomia da

gleba. O irridentismo italiano volta a aquecer em frémitos de juventude a região tridentina subjugada. E que exemplo admiravel não nos chega dos Balkans com o resurgir viçoso em que se agitam povos tidos até ha bem pouco como restos obsoletos dum passado que não torna? Será por acaso a plenitude do espirito gregario que se atinge? Serão os Imortaes-Principios que marcham para a Jemmapes definitiva, rasgando os introitos dum outro ciclo maior para a humanidade? Oh, nada mais irreconciliavel que a idéa de Patria com a idéa de Revolução!

Um sentimento de predestinação histórica, como que a posse de um destino invencivel, eis o que se manifesta no actual conflito europeu da parte de cada uma das nações beligerantes. *Gesta Dei per Francos!* — repetem os rapazes do inquérito de Agathon, batendo-se á doida com o tudesco, tal como outr'ora nas jornadas gloriosas do petulante galo francês. *Gesta Dei per Francos!* — e o primado espiritual da Galia, cabeça da civilisação latina, ressuscita na divisa sobranceira da mocidade que, quasi toda ela católica e monárquica, nos assegura que a França dos *Direitos do Homem* fica morta no congresso proximo das Pazes.

Nos liberi sumus, Rex noster liber est et manus nostræ nos liberaverunt! — gritavam os portuguêses antigos, segundo o texto apócrifo de Almacave. Era a mesma intuição duma finalidade, sem a qual as nações se dividem e tombam desfeitas, esmorecendo aos bocados ao longo da sua caminhada. O «*milagre*» de Ourique valeu assim, para as veladas dolorosas do cativeiro, como a alta certeza de que não se perderia a causa que tinha o Senhor por padrinho. Preparam-se os fundamentos afectivos da alma nacional, ungindo-nos duma preferencia mística em que transparece, bem vigorosa, a unanimidade do fim que nos conduz. Alexandre Herculano não mediu o alcance da questão, tomando o «*milagre*» como uma fraude piedosa de monges, quando constituia o aspecto positivo da religião sebastia-

nista, que como mito não é mais nem menos de que a expressão patética da vitalidade dum país em desgraça.

E' esse um dos traços inconfundiveis do valor da Raça. Desacreditado por *parvenus* da historia literaria (1), Frei Bernardo de Brito, professor de integralismo lusitano, é a tal respeito uma vítima cuja reabilitação se nos impõe. D. João II erguera-se pelos ensinamentos do *De regimine principum* á compreensão da Grey como um conjunto jurídico, dentro do qual o Rei e as Classes se combinam e interpenetram como membros que são dum todo uno e concorde. O avanço social das nossas luzes governativas é Frei Bernardo de Brito que o completa, utilizando as criações eruditas de Anio de Viterbo, Antonio de Nebrija, Florian de Ocampos e de tantos outros nomes do humanismo. Com apoio nas passagens mitológicas da Antiguidade, Frei Bernardo de Brito introduz entre nós, ao lado do conceito político de Grey, o conceito relativista de Raça. A nossa defensiva perante o unitarismo sôfrego de Castela assume então uma fisionomia inédita. Penetra na inteligencia culta o orgulho duma diferença que traz as suas raizes de Tubal, da estirpe de Noé, e de Lísias, filho de Baco. A Renascença revivera o prestígio doirado da fábula, em que ficara memoria, embora alegorizada, dos velhos êxodos asiáticos. Frei Bernardo de Brito transpõe para vernáculo as bôas ficções clássicas. E' rica de significação, por exemplo, a luta de Gerião com Hercules. Hercules partira-se para estas bandas, atraído pela fama dos gados e lavoiras de Gerião. Frei Bernardo de Brito, lembrando-se, sob a cógula austéra da regra, daqueles tempos em que se aventurava nas rimas galantes da *Sylvia de Lizardo*, narra-nas em saboroso estilo a briga que tiveram os dois contendores durante três dias e três noites, sem descançar. Gerião acabou por caír vencido, cortando-lhe o titan a cabeça que encravou

(1) Mendes dos Remedios e tantos fazedores de compendios oficiaes.

numa torre por ele elevada para padrão. Nós adivinhamos agora no embate dos dois gigantes a personificação legendaria da guerra travada pelos flibusteiros de Canaan com o corpulento homem loiro, dominador entre nós. Hoje sentimos o encanto da alegoria e é um belo tema de arte que se recorda á penna amavel de algum contista, se por felicidade nossa o tivermos!

Eis porque a *Monarchia Luzitana* surgiu como um pregão eterno de independencia á face da usurpação sinistra dos Filipes. Os contemporaneos do crónista cisterciense, recebendo á letra as invenções do maravilhoso pagão que em Frei Bernardo de Brito se aliava ao maravilhoso christão, lançaram-se nessa cruzada tão extraordinaria como desconhecida, que é o acto libertador de 1640.

Nos tratadistas, que o justificam, é o factor-Raça que se deduz como motivo primacial da restauração portuguêsa. Claro que não se palpitavam ainda as conquistas do positivismo moderno, instituindo como sciencia certa a antropologia. Mas nas linhas embrulhadas do mito, Lisias, pae dos Lusitanos, não é o heroi semi-deus de quem os espanhoes desfiam a ascendência remota. Por detrás da fábula já nós sabemos a realidade que se escondia. E assim não nos surpreende que João Pinto Ribeiro derive os direitos da Patria à sua autonomia inclusivamente dos profetas bíblicos, com citações escrupulosas dos respectivos versículos.

A *Visão de Esdras* é uma peça-mestra nas locubrações entusiásticas do Portugal-Restaurado. Conclue-se daqui que, se por um lado a Nacionalidade se socorria de iluminismos sentimentaes, por outro lado atinava com as bases milenárias em que os alicerces lhe assentavam. Devolviamo-nos à linha suspensa da nossa hereditariedade. Conosco se andára gestando um florescimento que en nada destoaria do de Quatrocentos. Notabiliza-se o predomínio dado pelos escritores de Seiscentos ao espírito municipalista na conformação da nossa existência livre de povo. E' lá que as behetrias come-

çam a figurar como autoras dum acordo de interesses permanentes de que Portugal derivaria.

Como no período de desfalecimento mortal que a Alemanha do romantismo padeceu com a invasão napoleónica e os consequentes estragos duma guerra sem quartel, é o cultivo da história que dirige a geração de 1640 e a atira para a empreza gigantesca da *Feliz-Aclamação*. A Índia desorganizara nos. Tentaram os Filipes acabar com o resto. O Lusismo surge na oportunidade, esboçando a teoria da Pátria Portuguêsa. O «*milagre*» de Ourique consagra em vínculos de promessa divina a fé que a Nação deve possuir no seu futuro imortal. E' a presença inspiradora duma vocação colectiva, em que o pequeno dolicoide reaparece na persistencia indebelavel do seu *ethos* comunitário.

De facto, no vigor dos sacrifícios que o nosso irridentismo nos custa, são ainda os Concelhos que aguentam a defesa nacional, já sujeitando-se a uma verdadeira chuva de tributos, já aparelhando em tropas regulares os soldados bisonhos da Ordenança. Constitue uma página assombrosa de quanto vale o localismo, como elemento decisivo da nossa historia, a evacuação de Olivença em 1646. O duque de S. Germano entrara a vila, deixando em princípio aos habitantes a faculdade de se retirarem se não quizessem reconhecer o senhorio espanhol. Saem logo os fidalgos e a mais gente de teres. Afim de acudir ao abandono da praça que se esvaziava, o g neral ocupador manda transferir por um pregão para aqueles que ficassem a fazenda dos que se iam abalando. Imediatamente, como uma só pessoa num só movimento, todos os moradores de Olivença, ricos e pobres, a deixam sem hesitação, retorquindo assim à vil proposta com que se lhe experimentava a lealdade. Era, como se infere, a posse duma mesma consciencia, imprimindo fim e a solidariedade ao país inteiro. E quando mais tarde, com o imperialismo ibérico de Oliveira Martins, ou com a ficção federativa do programa de Badajoz, ao qual Teófilo aderiu sacrificando aos propósitos partidários o alto sentido lusitanista que

lhe alumia a obra, — quando então se proclama a necessidade vindoira de se fundirem as duas patrias para que a ambas fosse viavel alguma missão de apreço no jogo das relações europêas, oh, como se retraíra sensivelmente o conhecimento da Nacionalidade, para sermos nós agora que marchavamos de encontro à cubiça nunca saciada do leão de Castela!

Perdera-se o senso da diferença que as miragens eruditas de Frei Bernardo de Brito haviam desenvolvido, insuflando na idéa de Grey a idéa de Raça. Tão grande preponderancia tivera na disposição comum a literatura lusista da época, que em 1668 as Côrtes-Geraes, congregradas para celebrarem a paz, declaravam solenemente, à face de Deus e dos homens, que «*por serem de seculos immemoriaes tam oppostos os animos, e tam diversos os intuitos de uma e outra nação, era impossivel unirem-se em tempo algum sem total ruina da nação portuguêsa.*» Correram os anos sôbre os anos. E as praticas negativistas do sofisma monárquico constitucional formulariam parecer contrário, olhando-nos apenas como um bocado de terra que o acaso subtraíra a uma natural incorporação no massiço geral da Ibéria. E' a sciencia oficial quem no-lo ensina, ainda com Oliveira Martins por corifeu. Jazia esquecido o voto vibrante dos Três-Estados de 1668!

O trabalho demorado da desnacionalisação viera ganhando terreno com o andamento de causas várias entre as quaes sobreleva, sem dúvida, o mal ideológico do século XVIII. Por uma fatalidade, cuja origem se não apura bem, o esforço formidavel da geração de Seiscentos perdera-se nas encruzilhadas duma decadencia a que não é estranha a divulgação do racionalismo na sua dupla fórma política e pedagógica. Ninguem ignora os efeitos funestissimos do «*livre-exame*», que é para os motivos inexplicaveis da existencia como a mó do moinho moendo e remoendo. O grão reduzido a farinha, ai de nós, nunca mais espiga e nem para semente serve! — lastimava-se Amiel. As estatis-

ticas fornecem-nos, na realidade, uma percentagem de suicidios entre os protestantes que não se verifica entre as populações católicas. São os frutos do terrivel «*espírito de analise*», que foi um germe de morte para o brilhante pensamento ocidental. Deu começo á árida superstição do Progresso. Com os revisionismos especulativos de Descartes derranca-nos as certezas intimas, deixa-nos como uma tabua-rasa. Eu já asseverei que não são os povos que mais discutem os povos que mais vivem. São antes os que mais acreditam e melhor sabem obedecer. A discussão engendra o vicio intelectualista que matou Byzancio com os mahometanos cavalgando-lhe já as muralhas e ainda as assembléas vistosas engalfinhadas em Blanchernes no debate subtil dos atributos da Hypostase.

Pois com o *Discurso do Método* e o regalismo doutrinario da jurisprudencia josefina a mentalidade reformada apossa-se de nós. Os Padres do Oratorio são os portadores dos novos processos. Por toda a Europa de estrutura católica vai um filosofismo de enfase que rompe direito para os abusos iconoclastas da Enciclopedia. As teorias absolutistas que desvirtuaram a natureza benigna da nossa Monarquia denunciam a marca luterana com o excesso governativo de que rodeiam o Príncipe.

O Principe já não é o titular duma magistratura de sã consciencia. E', á maneira germanica, um cesar baroco que consubstancia em si a espontaneidade elaboradora da sociedade· Definham-se assim os relativismos demográficos e regionaes em que o genio atlântico vasava uma das suas feições mais profundas. Esteriliza-se a acção comunal numa insaciavel hipertrofia administrativa. E' vão o trabalho anterior da Tradição. As Patrias nada as exprime já senão o poder magestático que as representa.

Pesa por cima dos povos um artificialismo tão rígido, tão inerte, como a mais inteiriçada das construções geométricas. A Rasão-Pura anuncia-se e com ela já vem de jornada a Bondade-Natural do valdevinos de Genebra. A psicologia huguenote continua a vingar por vagorosas infiltrações sôbre o

Ocidente. A Revolução, que estala em breve como uma apocalipse de sangue e barbaria, é filha legitima desse individualismo exagerado que o «*livre-exame*» traz consigo.

A Revolução, preconizando o homem-abstracto, o absoluto-homem, envolve a negativa de Patria, porque anula no entusiasmo das suas generalizações a faina incansavel do Tempo e do Espaço por cuja obra se promove a diferenciação das fronteiras e o instinto bem vivo de raça. Os linearismos ditatoriaes do Marquês acusam entre nós o ingresso das teorias enfáticas que os tratadistas do seculo XVIII andaram divulgando numa apologia cerrada do Estado metafísico e todo-poderoso. O *Discurso-do-Metodo* empolga-nos com as sentenças dum *frade barbadinho*. São expulsos os Jesuitas como monarcómacos e sequazes dos republicanos, por partilharem os ditames da sociologia de S. Tomás contra as exorbitancias da concentração monárquica(1). O ensaio de Igreja Lusitana que nesse momento se efectua com o teólogo Antonio Pereira de Figueiredo, o presbítero Francisco José da Serra Xavier e o doutíssimo D. Fr. Manoel do Cenáculo Vilas-Bôas, é mais uma prova da adaptação entre nós das idéas estrangeiras, bebidas no febronismo e nos publicistas do movimento galicano. Dos Concelhos já se não inquiria, senão para se abolirem as Côrtes-Geraes com a célebre declaração de apócrifo em que o Desembargo do Paço condenou o livro do arcediago Francisco Vaz de Gouveia, que tanto influira doutrinariamente na acta dos Três-Estados do Reino em 1641. O pequeno dolicoide não intervinha já nas direções da governança, sequestrada como estava a iniciativa municipalista. O particularismo institucional da Grey desvanecera-se. Dormia amordaçado o motivo étnico que dirige a nossa historia na hora aguda da crise.

Só imperavam agora os reformismos importados com a copia servil das realezas de bota-abaixo, que

(1) Vid. *Divisão duodecima* na «*Deducção chronologica e analytica*».

lá fóra se personificavam em Catarina da Russia, Frederico da Prussia e José da Austria. A obra demolidora não demora a rematar-se com o spasmo lírico do *Contracto social*. Abatidas as modalidades de Meio e Etnia, em que as nações se concretizam fisiologicamente, o homem de Jean-Jacques aparece na cauda de quantos naturalismos idílicos os salões da época se apressaram em decorar e aplaudir. Raynal e Volney atraem as inteligencias, desnorteadas pelas utopias coutemporaneas. De olhos em alvo, descobre-se o luar. Amam-se as ruinas fingidas. E só o Ermo enamora a alma, espalhando o gozo nos sentidos em contemplação.

Portugal padece cedo a avariose da sensibilidade. O Marquês preparara-lhe o advento, aclimatando em tudo os mais indigestos receituarios da formacopêa gaulêsa. Revolvem-se sem tacto os fundamentos estruturaes da comunidade. A um país de arraigada índole agrícola quiz vestir-se lhe por força o arrevesado molde industrialista. As consequencias fôram duras e incalculaveis. Quebrados os leames em que o grupo se apoiava e robustecia, bem depressa nos vimos alheios ao nosso determinismo orgânico, desgravitados como uma massa informe de átomos, a que nenhum aferro centrípeto já segura. Substituira-se ao passado da Patria a invenção exótica de meia duzia de plumitivos discorrendo com todo o simplismo sobre quartos de papel em branco.

Portugal afigurava-se para a luneta pombalina como a Lisboa do terremoto caída no chão. Bastaram os compassos para a erguer. E assim o pulso que a readificara, poria de pé, viçoso, próspero, o Reino que se desconjuntava como uma náu velhissima da carreira das Indias. O caso é que quanto mais nos procuravam remedio, mais a gente se afundava na cura estrangeirista, em que costumes e leis se levavam cerces, tal como se nunca houvessem existido. Desagarrados do sólo, gasta a fisionomia centenaria da Nacionalidade em inovações de ida-e-volta, a queda entre nós dos livros francêses, que os esbirros do Senhor-Intendente farejavam, soler-

tes, remexendo a capital de baixo para cima não fizeram mais que atear o fogo latente. Por muito antagónica que pareça, no seu autoritarismo impertigado, a ditadura de Pombal abrira as portas ao estado de espírito de que a Revolução se iria valer.

O reinado seguinte, apesar das calúnias que o enegrecem, empenha-se ainda em atalhar o mal que avança, pelo regresso á continuidade histórica da nossa sociedade. Merecem referencia agradecida os fisiocratas da Academia pela séria investigação das riquezas naturaes do País, a que se devotaram com alma. Preocupa-os um plano económico consciente, em que são acompanhados pelos importantes estudos que as origens da Patria provocam aos seus camaradas da secção da literatura. E', sem dúvida, uma trégua das circunstancias inexoraveis que durante o século nos tinham hostilisado constantemente, agravando cada vez mais o divórcio da Nação com o Estado. Mas, como a visita da saude, seria bem passageira, por desgraça nossa! E nem a policia apertada de Pina Manique nos defenderia do contagio insalubre que se exalava de França, embora dispuzesse da muralha da China para nos resguardar.

Diante de mim abre-se «*O Filosofo Solitario*», impresso em Lisboa na Regia Oficina Tipográfica no ano de 1786 com licença da Real Mesa Censoria. Sem que uma palavra suspeita de revolta se escreva ali, não se carece, todavia, de segundo depoimento para nos convencermos das grossas nevoas mentaes que perturbavam as camadas cultas do Reino, aptas a abraçarem com cegueira a rebeldia declamatoria que Paris nos enviava com os figurinos em voga. Fale por mim uma transcrição de «*O Filosofo Solitario*». E' do prólogo que rompe deste modo, dirigindo-se «*aos Filosofos que vivem na sociedade*». «*Todo o Mundo julga que a sociedade é a bemaventurança da terra. Que engano! Se vós estais por esta maxima, sois Enthusiastas. Os Filosofos não devem adoptar os axiomas do povo. Quem busca as causas naturaes dos effeitos naturaes, deve habitar nos montes; porque a Natureza falla por uma boca na*

solidão, e por outra nos povoados». Desde que a sociedade se condenava como inimiga do desenvolvimento individual e o *Filosofo Solitario* corria de mão em mão com licença do Paço, não nos admiremos de que a tentativa de Lusismo do reinado de D. Maria I se abafasse rapidamente na incubação do trama que os clubs secretos já preparavam.

Ainda nos apercebemos do perigo, quando o oiro inglês, subornando a Danton, atirava para a guilhotina metade da França pelo braço da outra metade. Empreende-se o combate sistemático das idéas revolucionarias, com a «*Dissertação a favor da Monarquia*», do marquês de Penalva, e com a versão para vernáculo do livro «*A Monarquia*», de Peñalosa y Zuñiga, pelo erudito Antonio Caetano do Amaral. Vulgarizam-se depois os enunciados do conde de Maistre e do senhor de Bonald. O doutor Vieira de Castro escreve o seu «*Discurso a favor das sciencias no governo monarquico.*» Porêm, Junot já atravessava os Pirineus á frente do exército da Gironda. Cá dentro desenrolara raizes o internacionalismo maçónico, o qual via com olhos de gosto o avanço da invasão. Com o auxilio das Lojas cria adeptos o «*partido dos francezes*» que pediu um rei a Napoleão. Não podendo resistir á coligação traiçoeira da Espanha com Bonaparte, o Principe-Regente, salvando-se na prudente retirada para o Brasil, salvou-nos da vergonha sem nome dum monarca de improviso. A saída de D. João VI foi não só o resultado dum acordo diplomático com a Inglaterra, mas a prova plena da capacidade política do infeliz Bragança. Caído em poder de Junot, arrancava-se-lhe certamente pela coacção a mesma renuncia de direitos que em Bayona se extorquiu a Carlos IV. Transportando para o lado de lá do mar o pavilhão independente da Patria, D. João VI manteve de pé o principio dinástico como o penhor mais inviolavel da nossa autonomia.

Entretanto, o fogo da insurreição acende-se. E dividido Portugal entre os sequazes do liberalismo nascente, que reverenciavam em Junot como que o precursor duma nova ordem de coisas, e a grande

maioria da Nação que forcejava por saír intacta nos seus costumes e nas suas crenças da enorme ameaça que sentia sobre a cabeça, é então ainda, como nas alvas longinquas de Ouriqne, como nas guerrilhas pelo Mestre, como na briga exasperada da Aclamação, o motivo étnico da nossa historia que se pronuncía e nos resgata. Quem é que fomenta a revolta, lhe busca recursos, a promove e a generaliza? São as vilas da provincia constituindo-se em *juntas* e armando-se todas em peso com caçadeiras e picos. Juizes—de—fóra ombreiam com meliantes, frades gorduchos com foreiros miseraveis, morgados com pobretões, e o Reino em massa, —adolescentes e velhos, mulheres e bambinos —, abala caminho da serra, de trouxa á cabeça, para saltear nas gargantas ínvias o inimigo que passa. O localismo, acusando a pertinácia da Raça, manifestava-se com assombrosa energia. Mais uma vez estavam patentes as reservas do Luso na sua tradicional persistencia. Era o «*meio-vital*» da Nacionalidade que se reconstituia á face da desagregação inevitavel. Voltava-se ao nosso determinismo orgâgico. A historia dum povo é sompre a soma em que se apura a experiencia das gerações transactas. Os Mortos falavam agora no gesto de defesa em que os vivos se crispavam. O Portugal histórico possuia-se de novo na certeza duma finalidade. E' que o Luso reaparecera com a intervenção do pequeno dolicoide, conservado em pureza por virtude das instituições particularistas da Grey.

O espaço que corre desde a expulsão das hostes do Corso ao triunfo definitivo da liberdade teórica dos códigos em 34, é a luta afincada da nossa autoctonia contra as inovações hostis trazidas pelo vento da invasão. Com Alorna e Gomes Freire, bem escuro se nos descobre o papel dos oficiaes portuguêses que seguiram a fortuna de Napoleão. Diante de Almeida, quando vieram com Massena, o supliciado de 1817 mais o antipático Martins Pamplona, que D. João VI doiraria com o condado de Sub-Serra, convidaram abertamente á traição os soldados da praça que se mantinham com honra no seu dever.

Em que redundam, afinal, os chamados «*mártires da Patria,*» consagrados pelo facciosismo maçónico, do qual fôram servidores bem empenhados ! Pois, desgraçadamente, outros como eles subverteriam os alicerces da sociedade tradicional. E a querela que se abre entre D. Miguel e D. Pedro por causa da sucessão ao trono vago não é mais que um incidente explorado com habilidade pelos grandes dignitarios do triângulo simbólico.

Os filantropismos salivosos dos *regeneradores* de 24 de agosto não sofismaram, todavia, o despertar da consciencia colectiva. A Nação nessa altura cheia de caracter, recuperada a normalidade do seu temperamento, repele sem hesitações o emplasto constitucionalista que se lhe pretende aplicar, conforme o modelo oferecido pelas Constituintes espanholas de 1812. Até hoje tem-se figurado o arranco de reacção que se desenrola da Vila-francada ao epílogo prematuro de Evora-Monte como um lampejo exasperado de quantas preferencias inferiores regiam as nossas populações. É a mentira dos compendios, servindo o ódio sem tréguas dos partidos. Inculca-se como o regresso a um absolutismo tirânico de melodrama a linda manifestação de espírito concelhio que se corôa com a reunião das Côrtes-Geraes em 1828. Bem opostamente, D. Miguel significava o protesto da Raça contra as aclimatações centralistas do Marquês. Tornava-se á representação das classes com os procuradores das vilas e os delegados dos mesteres. Era com a especificação regional, expressa nos Municipios, a diferenciação técnica que nas Corporações se efectuava.

A base pluralista da comunidade consagrava-se assim na índole instauradora da acção miguelina, antecipada pela formidavel lei de 4 de junho de 1824. Com o ser a herança gloriosa da Grey, ajustava-se esse programa político com os ditames da sociologia tomista, renascida mais tarde na síntese de Auguste Comte. As calúnias e as insídias do sectarismo é que transtornaram a compreensão duma era em que Portugal tentava reconciliar a espontaneidade

dos elementos nacionaes com as directrizes supremas do Estado. Figura-se o digníssimo Principe exilado como um monstro resfolegando crime pelas narinas dilatadas gostosamente para a hecatombe. Eu não sou legitimista, não só por atmosféra de familia, mas por considerar o critério da Legitimidade como escusado na questão portuguêsa, em que apenas o *interesse geral* deve predominar. Contudo, não me esquivo a reconhecer a identidade que havia entre o monarca deposto pelos efeitos da Quadrupla-Aliança e o País que lhe queria como á carne da sua carne. D. Miguel, erguido pelo genio vibrante do Luso ás cumidas de heroi-salvador, traduz o embate das antigas liberdades, bem concretas e bem vigorosas, em que as relações multiplas do agrupamento se incarnavam e satisfaziam, com o liberalismo metafísico da Revolução Francêsa, alheio a toda a realidade ambiente, preocupado apenas com o homem abstracto de Jean-Jacques Rousseau. E não se recorte em côres carregadas de quinto-acto trágico o apostolismo intolerante do Portugal-Corcunda! D. Miguel, embarcando em Sines vestido de pano de Portalegre, porque não vestia senão de fazendas nossas, é, com a pequena mala de roupa que o acompanhava, uma imagem extraordinaria para se reter. Corriam-no as vaias dos vencedores, é certo. Mas com ele abalava a alma das vilas que o estremecera tão entranhadamente como outr'ora ao Mestre, quando o Castelhano atravessava as fronteiras. E se o sentimento da Patria atinge ainda por momentos o calor excepcional das grandes horas dum povo, é pela *Patuleia*, ao pensar-se que o Proscrito regressaria. E regressava, se não fosse o general Concha á frente de uns tantos mil espanhoes.

Pregunta-se:—que sentido comportava consigo a vitoria de D. Miguel? Comportava a solução propria da Raça ao conflito aberto pelos paroxismos contemplativos do «*Coração-sensivel*. Comportava a prevalencia dos habitos seculares da Nacionali-

dade contra os juizos geométricos da cartilha gaulêsa. Seria, pois, a reposição do Lusismo adentro daqueles moldes que durante um aprendizado de centenas de anos o nosso génio para si mesmo criara. Nada mais.

INTEGRALISMO LUSITANO

Eu sei que os arautos da falida ideologia democrática, da qual o nosso Constitucionalismo não era mais que o primeiro ensaio, — eu sei que me obtemperarão com a eterna estrofe do Progresso — Indefinido. Mas, pelo amor de Deus, — se a exclamação se me consente!—, o senso scientífico da Evolução encontra-se hoje modificado pelas observações experimentaes de René Quinton. Em vez de se interpretar como a suscitação incessante dos sêres para um aperfeiçoamento que se mede pela distancia que vai da monera ao homem, a Evolução, perdido o seu conteúdo arbitrario e fantasioso, passa de ora avante a designar tão somente uma aturada manobra de *permanencia*. Não mais o *devenir* interminavel de que tanto se utilizaram os padroeiros da utopia libertaria, mas sim o respeito integral pelas condições, primitivas da génese. A Vida *é*. E como *é*, procura perdurar, conservando com afinco a sua constancia original. Tão cedo esse equilibrio se modifique, assim se provoca um desarranjo cujas consequencias são de total aniquilamento. Evoluciona-se, é facto, mas em limites traçados, com órbita restricta e fins expressos. Coloque-se um embrião. Evolucionar é desenvolver á plenitude todas as possibilidades que dentro dele se conteem. Não se alienam nem a precedencias que o conformaram, nem as condições de espaço e de tempo que o determinam. *Res eodem modo conservantur quo generantur*. «As coisas conservam-se pelos mesmos motivos porque fôram geradas», — já era a divisa profunda de Rivarol.

Considere se o relativismo como a norma que governa a pluralidade inapreciavel dos sêres. Nunca se pretenda obter uma unidade quimérica, que teria como ponto de partida um ovo único, prolongando-se sempre em linha recta e instalando sempre no futuro o exercício das funções superiores da Vida que são imediatas e invariavelmente as mesmas. Eis os corolarios que se desprendem da emenda apresentada por René Quinton aos monismos imaginosos do pobre doutor Hœckel. A superstição racionalista enchia a boca com as escalas embriogénicas desfiadas pelo insigne mistificador de Iena. E trasladando-as com um enfurecido exclusivismo para o campo dos fenómenos sociaes, deitou-se a justificar assanhadamente quantas paranoias se teem concebido em glosa á Bondade— Natural do onanista idílico do *Emilio*.

O Progresso, que se inventara em religião omnipotente, descai nas proporções ridículas dum fetiche desengonçado. O Progresso não é outra coisa senão o triunfo da Inteligencia que, exígua e rectilínea, apenas apreende o descontinuo na sua faina excessiva de análise. São os sólidos que melhor percebe. Por isso é na Mecânica que se revela com sucesso, porque é aí que se sente mais á vontade a sua qualidade específica. Quando se deseje transplantar para o que pertence á esfera do sub-consciente e do complexo, aborta desde logo numa derrocada estrondosa. A base da rasão, confinando-se apenas no que o cérebro apanha e concatena, é forçosamente deformadora e unilateralista, levando a essa impotencia scéptica do querer que hoje se intitula *renanismo*. Efectivamente, o sofista amavel de *L'Abbesse de Jouarre* declarava com frequencia que se Napoleão fora tão crítico como ele não daria nunca o golpe do Brumario.

O prestígio trascendente da lei é nas sociedades contemporaneas o resultado duma tal hipertrofia de pensamento. Em vez de ser colectividade que inspira o direito, é o direito que a antecede e governa despoticamente. Inventa-se assim o apriorismo rígido de tantos insignes reformadores. «*La stabilité sociale*

a disparue depuis que l'homme s'est proclamé législateur, escreve o publicista Coquille. *Les anciens avaient remarqué que le grand nombre de lois est un signe de décadence.* Plurimae leges, pessima respublica. *Les lois remplacent les mœurs; elles substituent an frein intérieur de la conscience une répression extérieur. Leur multiplicité est donc un signe de décadence.*» (1)

Com o disfarce do Estado as conveniencias privadas dos bandos é que prevalecem por detrás do chavão da legalidade, visto que o agregado deixa de ser um organismo, dirigido por normas inalteraveis, para se tornar um autómato, de direção arbitraria. O sofisma constitucional importa deste modo a sobreposição duma política simplista de principios a uma política positiva de factos. «*La constitution d'un peuple est toujours coutumière*,—oiçamos ainda Coquille—, *et plus elle est coutumière, plus elle est naturelle. Quando les lois, au lien de s'attacher aux choses de police et de sécurité publique, prétendent régler la religion, la famille et la propriété, elles les ébranlent. Ces trois choses fleurissent surtout en l'absence des lois parce qu'elles vivent d'elles-mêmes et se défendent toutes seules. La nature, qui agit par le temps, les fortifie et les enracine. La coutume est une plante que croît lentement, disait lord Chatam.*» (2) Já se entende porque é que D. Miguel valeu entre nós como a expressão do genio da Raça em guarda contra os abusos sem nome da ideologia gaulêsa.

Houve durante a Convenção um matemático, não sei se Condorcet, que asseverava que uma lei, em sendo bôa, é tão bôa em toda a parte como em toda parte são certos os dados dum axioma de geometria. Na linguagem scientífica da época era o enunciado de tirania espantosa do Homem alegórico da Revolução. Despresavam-se os particularismos de existencia e de destino em que os grupos sociaes se definem, para se lhes aplicar á força, senão a bem, a secura hirta duma regra uniforme e absoluta. «*Não*

(1) Georges Deherme, *Le pouvoir sociale des femmes*, pag. 2. Paris, Librairie Perrin, 1914.
(1) Georges Deherme, *obr. cit.*, pag. 50.

me obrigueis a empregar as armas para vos libertar!» —já lá dizia no Porto a proclamação célebre do Dador.

No cabo, não é a suposta excelencia das idéas que torna os povos felizes. E' antes o respeito dos habitos em que a alma colectiva estratificou as suas seguranças ancestraes. Ensina-o hoje a demopsicologia pela penna incisiva de Gustave Le Bon. Já Taine e Fustel de Coulanges o tinham previsto. E' que não se substitue ao passado de uma patria o passado de outra patria, tal como nos indivíduos se não pode volver em nada a soma das respectivas aquisições atávicas. O parlamentarismo doutrinário que, com a vista no figurino inglês, se revelou ao conflito romântico como único meio de se reconciliarem os decálogos do Noventa-e-Tres com as direcções do Antigo-Regime, se porventura desempenhara para com a Inglaterra um papel importante de coordenação social, é que nascera além da Mancha como uma criação própria do génio britânico. Transferido indistintamente para fronteiras alheias, seria, sem dúvida, um agente demorado de perturbação. Fôram os resultados que colhemos dos entusiasmos diplomáticos de Palmela pela política um tanto escusa do gabinete Canning. Desorganizou-se o *meio-vital* da Nacionalidade, sujeita a uma maré cheia de inovações. E o peor é que se atribuiram à insuficiência colectiva, e não á qualidade do erro que se nos impunha, os desastres interminaveis da recentíssima ordem de coisas.

Eis o espírito de toda a nossa falida experiência liberalista. Não só se inutilizou o renascimento viçoso de 28, como se caíu depressa em opiniões suicidas, —no *deixa-lá-andar* tão característico das situações parlamentares. Portugal desaparecia como uma realidade autónoma, preparada do fundo das idades pela acção convergente do Meio e da Etnia. Passava a justificar-se apenas pela forma de governo que o distinguia no concerto vasto das Nações. Inaugura-se assim a nefasta teoria do Acaso, que em Oliveira Martins recebe a verdadeira consagração, apesar de Oliveira Martins ter

palpitado no *Portugal Contemporaneo* a índole negativa do sistema que nos administrava como se administra uma roça de pretos. O País, atrás da ficção cartista, era apenas um pretexto de circumstancia, legitimando pela burla ignóbil do sufrágio a cupidez desaforada das clientelas.

«*Governar é aguentar-se no poder*», — ditára o cinismo estanhado de Guizot aos burguêes da monarquia *à bon marché*, segundo o sarcasmo doloroso de Balzac. Não praticámos nós conselho diverso. Cada partido queria o Rei para seu uso, na frase definitiva de Wenceslau de Lima. Ilaqueado pelas imposições dos bandos, o Rei via se bem um «*mestre-de-cerimonias*», como a si mesmo se chamara Casimire Périer ao demitir-se. No descrédito sucessivo de todas as mezinhices alvitradas, pediu-se aos homens a responsabilidade que só pertencia ás idéas. Daí o resvalar-se no indiferentismo dogmático em formas politicas, quando não se abraçava a ínfima crendice que inculca os regimes electivos como superiores aos regimens hereditarios. Enfiavamos por uma senda inclinada que daria conosco aonde agora estamos, — a um passo do abismo irreparavel. E ao inventariarmos as perdas sem conto dos dias gordos da Liberdade, nós reconhecemos que a única palavra construtiva que se escuta ao longo da quermesse doidivanas em que Pacheco, de braço dado com Acacio, seguia agarrado á sobrecasaca de Fontes, não é da *Carta* que ela se solta, não é o Terreiro do Paço que a pronuncía, todo debruçado para a obra mais rendosa de burocratizar o País, de cima a baixo. Ergue-a Alexandre Herculano, clamando no deserto pelo municipalismo patrimonial da Grey. Com ambas as mãos no peito, Garrett já gemera um contricto «*mea culpa*» pelos calores reformistas da sua aventura de emigrado. Mas é mais forte o brado profético do ermita de Val-de-Lobos que se foi plantar oliveiras na esterilidade sáfara em que o meio o sufocava.

Solicitado por duas tendencias contraditorias, a renuncia de Herculano é um exemplo para se

guardar conosco demoradamente. Nos livros que nos legou, lê-se o ímpeto demolidor de M.me Staël e de Benjamin Constant, transportando para as categorias mentaes da Nacionalidade o criticismo pernicioso da inteligencia protestante. Verte-se esse aspecto inferior do seu aturado esforço em polémicas avinagradas e em análises que crestam como um ácido. Tracemos uma nota explicativa á margem do *Eurico* e da *Historia da Inquisição*. Compreender-se-á melhor a divergencia que irreconcilia o autor de paginas tão mesquinhas com a penna inolvidavel que resurge o viver afonsino dos Concelhos e se bate com galhardia ao longo dos *Opúsculos «a prol do commum e aproveytança da Terra»*,—nos dizeres da velha Ordenação. A falta duma síntese que lhe apaziguasse as brigas da consciencia com a rasão documenta-se á maravilha nos panfletos de «*A Voz do Propheta*». Suscitado duma banda pelos subjectivismos artificiaes da moda literaria, advinda das ribas de França na bagagem do exilio, cedendo por outro lado aos ditames da sua profunda visão de historiador, Alexandre Herculano divide-se, desencontra-se, não se estabiliza, já defendendo o frade de Santa Cruz e as monjas de Lorvão, já alinhando indignações em brasa contra o alastramento do espírito ultramontano. Aonde o pensador reformado se suicida, Alexandre Herculano retira se, pela qualidade positiva do seu ser, que é o amor ocidentalista á courela, o qual o não deixa sossobrar no desabamento da ilusão porque arriscara a vida e padecera as agruras do desterro. Era cedo, muito cedo ainda, para vencer em si o prejuizo liberalista e julgar-se a ele mesmo com um regresso puro e simples ás instituições tradicionaes da Raça.

A apologia do nosso particularismo municipal fica, no entanto, como um testamento notavel que o acredita para nós como um mestre a venerar-se. Lamenta-se como uma vítima da mentira sem honra que nos ganhara, envolta em grandes prometimentos de redenção. Tomaram-n'o como um visionario os profissionaes do Mando, especie de

verborreicos encartados para quem a sonoridade das aparencias bastava e de sobejo. O pedantocratismo arrematava-nos na feira pública da Regeneração para nos derrancar os restos da antiga energia. No pânico de naufragio em que tudo se afundava, são de Herculano as únicas agarras que se oferecem á desconjuntadissima caravela lusitana. *O estudo do municipio, nas origens d'elle, nas suas modificações, na sua significação como elemento politico*, proclama aos vindoiros, *deve ter para a geração actual subido valor historico, e muito mais o terá algum dia, quando a experiencia tiver demonstrado a necessidade de restaurar esse esquecido mas indispensavel elemento de toda a boa organisação social*».

Criaram-se equívocos á roda de um sonho tão belo. E se o milenarismo dementado da República se gerou entre nós, foi porque intrusamente se apossou dos conselhos finaes de Alexandre Herculano. Em nome da Raça e por via do seu caracteristico municipalismo, os desastres consecutivos da Monarquia-Constitucional deram logar á vitoria dos ideaes democráticos. Com Henriques Nogueira se documenta o falso esforço tradicionalista que procurava acclimatar aos nossos limites a solução cosmopolita dos Imortaes Principios. Tempos felizes de apostolado, em que a psicologia das multidões se não conhecia, nem o estrangeiro do interior tomara conta de nós!

Entrementes, Oliveira Martins revelara-se. E nós não nos alargaremos sobre o nihilismo de contagio que lhe escapa de quanto escreve e evoca com o poder diabólico dum *medium*. Tambem ele quis achar por fim amarras que o sustivessem e nos sustivessem. Viu a doença, mas errou-lhe o tratamento. Apela para a monarquia de «*poder pessoal*» que é a Realeza pura de Quatrocentos devolvida ao que constitue o conteúdo proprio da função monárquica. Porêm, em logar de se socorrer do instinto foraleiro do Portugal autóctone, consagrando as miudas iniciativas locais e técnicas, abandona-se, atacado de germanofilismo, á demencia fantasiosa do Imperio-Ibérico. Só pela reabilitação do

elemento lusista nos salvariamos, se nos viessem a horas os ímpetos salvadores ! Aí de nós, Oliveira Martins não acreditava na Raça ! Na sua descrença levou comsigo uma oportunidade da fortuna para levantarmos cabeça, e com aprumo, desta feita. Meu Deus, se na literatura, se na governação, se no alto mundo, a fina flor do nosso País se arregimentara nos *Vencidos da Vida*, se o diletantismo reinava em árbitro supremo, como é que nós venceriamos a ladeira, se não tinhamos uma *élite* que nos suscitasse para o resurgimento, se a geração em destaque se repartia entre as hipérboles trovejadas por Hugo na musa torpe de Junqueiro, e a ultima *pochade* naturalista, recomendada por Mariano Pina, alto-comissario das nossas letras em Paris ?!

Existia Teófilo, sim, trabalhando como um beneditino, fechado no seu casulo de iluminado, ardendo todo na missão sacerdotal de atraír a um batismo novo a esperança esquecida do Luso. Percebera-se da importancia capital da factor-Raça. E com vislumbres de vidente o que Teofilo mais fervorosamente procurava era a nossa independencia étnica, contra o Acaso teórico de Oliveira Martins, o qual contemplava em nós um produto apenas das ambições dos nossos Príncipes. Teófilo subia mais longe, profundando o negrume das Origens, para resuscitar na Lusitania dos Antigos, segundo o Strabão da referencia do estilo, a vasta actividade dum povo embrionário que ascendera devagar as jornadas custosas para a autonomia. Deixava de ser a Lusitania uma alusão pedantesca dos humanistas de Quinhentos, conforme pretendêra Alexandre Herculano. Volvia-se numa realidade tão viva, tão plena, como a carne da nossa carne, como o sangue do nosso sangue.

Esta é a significação da obra de Teófilo, que fica, todavia, — digo eu algures—, como uma enorme pirâmide sem vértice. Falta-lhe a síntese, o justo remate, de que Teófilo se incapacitara por causa do preconceito republicano que lhe obliquava a retina. Conhecem-se as divergencias irreconcilia-

veis de Teófilo com Oliveira Martins. Contudo, sem que se pense que eu cultivo o paradoxo, Oliveira Martins e Teófilo completam-se. Pedimos ao critico das *Modernas idéas na litteratura portugueza* o sentido afirmativo em que toma a Raça, e, indo solicitar ao místico da *Vida de Nun'Alvares* o dia-de-juizo a que convocou todo o período desorganizador da ideologia cartista, teremos a visão da Nacionalidade contornada sem reticencias, como que a preludiar os propósitos sadios que animam hoje a geração que avança, d'olhos pregados na *Portugalia*.

Enquanto Teófilo se encerrava no remanso do gabinete e vinha por lampejos divinatórios ao encontro do Lusismo, desenrolara-se cá fóra a cruzada amoravel dos folc-loristas e dos arqueólogos. Eu acabo de mencionar a *Portugalia*. Citarei a *Revista Lusitana*, sem esquecer a *Tradição* e o *Archeologo Portuguez*. Como Rocha Peixoto, Ricardo Severo, Antonio Tomás Pires, Santos Rocha e tantos outros cavaleiros de resgate, radicava-se o movimento iniciado por Estacio da Veiga ao sul e Martins Sarmento ao norte. No momento em que o urbanismo enrolava o País no abraço sufocante dos seus mil e um tentáculos, são essas creaturas de bôa vontade que surgem, de enxada em punho, a arrecadar os despojos dispersos da nossa herança tradicional. Na sinagoga de S. Bento o pedantocrata traía-nos ignobilmente. Com o êxodo dos campos arrefeciam as lareiras da provincia. Perdera-se na nossa sociedade o sentimento unânime de um fim. Nas sessões de gala o chauvinismo oficial é que falava ás vezes das chacinas com que andaramos ensanguentando o Malabar, como se a terra da Patria não possuisse outro título de gloria fóra dos anaes da conquista asiática, recortados em piraterias e vergonhas sem perdão. Ressuscitava-se tambem a pá de Aljubarrota mais a sanha exasperada do alferes da bandeira na desfeita de Toro. Quando chegava o Primeiro de Dezembro, alem do *Te-Deum* na Sé com sermão repisado so-

bre as páginas sabidas de Rebelo da Silva, — *O dia primeiro de dezembro amanhecera puro e alegre*»—, saía inevitavelmente, como guloseima para a patriotice, aquele dramalhão imenso em que D. Filipa de Vilhena arma os filhos pouco mais que infantes e os remete com bravura para a degolá. Não tinha outro grau a consciencia colectiva. Obliterara-se a grandeza do espírito concelhio, que os repetidos códigos administrativos empurravam para o estrebucho derradeiro. Favor nos fazia a Espanha em nos consentir ministerio em Lisbôa, com um simulacro de exército, bravateando os bigodes para as meninas scismadoras das cidadesinhas do interior!

Nós proprios atavamos a grilheta com as mãos vencidas. Esvaído o instinto de solidariedade em que os povos se apoiam, não havia idéa cívica nem comunhão afectiva por cujo meio se retemperasse o reservatorio de energias que se chama a alma duma raça. São os Mortos que lhe alimentam a química incessante. Subtraídos pela adaptação desabusada dum quimera estrangeira á riqueza sem conto do nosso determinismo orgânico, aceitava-se que nos esfarelassemos aos poucos, como um punhado de átomos que se extraviaram de toda a força centrípeta.

Aqui está o ambiente em que os obreiros tres vezes abençoados da nossa redenção moirejavam de noite e dia, sem um desalento nem um cansaço. A etnografia confirmava as inculcas da pre-historia. Juntavam-se os informes antropológicos á seara recolhida no adagiario e no cancioneiro. Os materiaes acumulados subiam cada vez mais. A construção competia á camada que sucedesse a esses homens de bôa vontade nos destinos obscurecidos da gleba. Jaziam alisadas as pedras, rasgados os cavoucos. Não se precisava senão de avivar os antigos alicerses,—de seguir o traçado do solar destruido da Grey. Haviam-no posto a descoberto folc-loristas e arqueólogos. E com pujança vingadora o Luso surgia das locubrações eruditas como um valor inassimilavel e vivaz. Louvores a Deus que já

vozes de eleição nos diziam povo desde o principio! Não nos desgarrara o acaso da incorporação natural no planalto castelhano. Fôra o Luso, — fôra o pequeno dolicoide, de sempre inconfundivel com o ibero, a ponto de Silius Italicus na *Punica* lhe assinalar já a *eterna divortia!*

A reabilitação da Raça obrigava á reabilitação das instituições em que o genio dela secularmente se exprimira. Curioso é mencionar agora um fenómeno interessante da psicologia do tempo. Os homens da *Portugalia* e da *Revista Lusitana* declaravam-se em maioria republicanos. Ia em semelhante atitude o protesto do seu nacionalismo contra os atropelos quotidianos em que o sofisma constitucional ludibriava as direções mais queridas do País. Regidos pelo tropeço intelectualista do Progresso-Indefinido, aclamavam a República como uma fórma de governo superior e como a mais conforme á aptidão comunitaria do nosso arreigado sentimento concelhio. Apaixonara-os o caso sporádico da Suissa, na qual, em logar duma sobrevivencia arcaica justificada pelo regime cantonalista que a montanha impõe, se apostavam em reverenciar, de coração entusiasmado, um tipo perfeito de governo,—o mais perfeito dos modelos sociaes, Não podendo, por ser cedo ainda, sobrepôrem se á época que lhes imprimira feição mental, explica-se bem que não se libertassem das prevenções revolucionarias, de modo a ganharem aquela plenitude de vistas que lhes ensinaria a encarar a Monarquia não só como um sistema político mais racional e mais lógico, mas ainda como o único agente possivel do federalismo municipal que tanto lhes sabia merecer. E' deles que deriva o equívoco nacionalista que em torno da República se teceu, preparando-lhe as caminhadas dificultosas. Não se carece de mais nada para se medir o vacuo em que Portugal se insenbilizava, transviado de toda a doutrina guiadora.

Quando os elementos positivos assim se dispersavam atrás de névoas sem valia, já se imagina como as camadas restantes, ou se degradavam no

obscurecimento, ou seguiam direitas á desnacionalização, desajudadas duma regra que as mantivesse na posse inspiradora dum destino. Sofriam-se as consequencias da péssima aventura liberal. Na ficção desmascarada da *Carta* o que existia em essencia não passava do disfarce de quantos teorismos Benjamin Constant e Jeremias Bentham tinham inventado para vulgarizarem mundo além os mandamentos da cartilha parlamentarista. A inteligencia protestante, repito, assenhoreava-se de nós. Não se substitue ao determinismo duma raça a formação hereditária de outro povo. Essa imprudência experimentámo la nós, abrindo os braços á metafísica estouvada do *Contracto*. O «*livre-exame*» caía-nos em cima, — dentro de pouco oscilavam as certezas tradicionaes de Nacionalidade. De aonde a sensação de catástrofe em que Portugal se oprimia, porque, em desprezo pelo temperamento inviolavel da Grey e sem respeito pelas aquisições da cultura autóctone, se escravizava a Patria com a tutela duma utopia sem eira nem beira, vagabunda de todas as estradas, peior que o bafo da peste que anda de noite e caminha ás cegas. Administrados como uma fazenda arrendada de que se extrái o proveito, sem se cuidar da conservação, não admira que rodássemos para a vala comum numa morte miseravel, a que não se consagraria nem o luxo modesto dum epitáfio.

Pois o mal que nos roía, a hoste sincera do *Portugalia*, em que Rocha Peixoto assumira posições de arauto, o considerava, não como uma endemia propria de tal liberdade dos Imortaes-Principios, mas como o resultado dos raros residuos autoritários que o Trono porventura entre nós representava. Entende-se já porque Ricardo Severo no opúsculo, *As origens da nacionalidade portugueza*, se enche de pasmo por Oliveira Martins reclamar uma monarquia de «*poder-pessoal*», para acudir á crise em que a Patria parecia perder-se. E' que o embuste democrático fizera escurecer o significado ás coisas. Ignorava-se a função específica da Realeza, mostrando-se em toda a parte como um ponderador de classes,

ao passo que as situações de sufrágio correspondem inalteravelmente ao predominio cerrado duma casta. Porque é que as suseranias feudaes se insurrecionavam a cada instante, procurando abater o prestígio monárquico, e as Comunas acudiam de pronto para o manterem com vigor?

Em Roma a república é aristocrática, detendo-se o mando na esfera exclusiva do patriciado, que é quem monopoliza os cargos e usufrúi o *ager*. O Príncipe assoma, trazido aos ombros da plebe. O cesarismo é, como primeiro passo para a chefia hereditaria, de natureza meramente popular. O mesmo acontece na actualidade com as chamadas democracias políticas. Ontem seriam os barões mediévicos, utilizando sofregamente a gleba mais o suor do adscrito miseravel. São hoje os barões da Finança com o plutocratismo comendo as pequenas iniciativas privadas e abandonando o artífice á dureza da Oferta-e-Procura, como um animal que se explora sem escrúpulos.

A Realeza se instituiu em tempos pela liga das vilas livres para que, soberana a todos os interesses e confundido o interesse do seu interesse com o interesse geral do grupo, se aplanassem as desproporções sociaes pela redução ao âmbito proprio da actividade de cada um dos varios egoismos colectivos, de que o agregado se compunha. Debilitadas pelo defeito de nascença que as coloca á mercê de quem dispuzer de mais votos, podem as democracias hodiernas limitar os excessos do individualismo económico, constrangendo a um justo entendimento o Capital e a Produção?

Não, evidentemente.

São elucidativos os escândalos norte-americanos com os *trustes* dirigindo o parlamento por intermedio da camarilha secreta dos *bosses*, a ponto de o presidente Woodrow Wilson não achar resolução a um problema tão angustioso, senão apelando para o *poder-pessoal* pelo exercício forte da prerogativa de *veto* que a Constituição reconhece ao chefe do Estado. Para se meditar é o caso sabido da França. O alcoolismo devasta as populações, fornecendo á

delinquencia e aos manicómios um número assustador de clientes. Solicitam-se medidas repressivas, reclama-se a intervenção enérgica dos poderes públicos. Pois para não se desgostarem certas potencias eleitoraes, tudo continua na mesma, para maior gloria da Terceira — República, bem na agonia, coitada!

Já em 1891 o governo de Washington se conservava silencioso perante a verdadeira guerra privada que se desenvolvera entre os grevistas das fundições de Homestead e os *detectives* Pinkerton, ás ordens do senhor Carnegie, patrão todo poderoso. O proletariado apercebe-se enfim do ilusionismo que o ludibría. A tendencia autoritária dos sindicalistas francêses é bastante conhecida através da hipótese da *Monarchie-Ouvrière*, servida com tanto brilho por Georges Valois. E' um dos mais incisivos doutrinarios da economia radical, Edouard Berth, que no livro recentíssimo, *Les méfaits des intellectueles*, aceita francamente a solução monárquica, como único meio de expulsar das órbitas do Trabalho a gestão importuna e opressiva do Estado democrático. Foi a Revolução que gerou a moderna questão operaria por abolir as corporações de artes e oficios, em que o artífice se resguardava dos caprichos ferozes da Concorrencia. O liberalismo tornou-o simplesmente um «*cidadão.*» Por via da mentira declamatoria do voto, derrancou-lhe as antigas molduras de defesa, insuflando-lhe o gosto desorganizador da paixão partidaria. As consequencias viram-se no desaforo crescente do feudalismo industrial. Não podem os regimes, apoiados na urna, realizar a apetecida equação social. Enfraquecidos pela sua fisiologia inferior, estão sempre nas mãos das grandes oligarquias financeiras e políticas, como já se disse. Na definição célebre de outro doutrinario sindicalista, Georges Sorel, são governos de classe contra as classes.

Não acontece já assim aos sistemas fixos, com a hereditariedade por fulcro resistente. O Rei não necessita dos votos de ninguem. O egoismo dele coincide naturalmente com a utilidade colectiva.

Por isso é que é soberano, visto representar em si a soberania dos diversos interesses em que o grupo se soma. A interpenetração pacífica e ordeira das classes atinge-se deste modo com normalidade, sem prevalencias de castas, nem exclusivismos de classe. Mas será possivel obter-se semelhante identificação nos governos parlamentares, — ou mixtos, ou democráticos? Decerto que não. O parlamentarismo, alem de criar a instabilidade nas direções superiores do Estado, traduz sempre o predominio das conveniencias dum bando sobre as conveniencias sagradas do todo.

Ora eram as conclusões vigorosas da revisão pragmatista, a que se sujeitou de entrada o século corrente, que as bôas vontades da *Portugalia* e da *Revista Lusitana* ignoravam. Não as esclareciam, nem os ensinos fortes dum Le Bon, estabelecendo a demopsicologia como uma sciencia certa, nem a verificação triunfante dos enunciados e reflexões do grande Le Play. Filhos do doirado diletantismo da era que findava na mais abominavel das impotencias edificadoras, se não gritaram um acto de fé que enchesse ceus e terra, fôram no entanto os anuncios duma outra idade, em que a posse dum destino comum havia de restituir á dispersão das iniciativas o segredo obliterado da consciencia da Patria.

Na hora espessa da incerteza, é lá,—á materia prima com tanto amor arrecadada, que nós, os rapazes desta geração, nos dirigimos, soltando um clamor unânime de esperança. Somos educados pelos mestres do pensamento culto no repúdio terminante das ideologias gregaristas. Toma-nos o respeito enlevado da Disciplina. E, encostados ao reconhecimento dos limites invenciveis que nos determinam, nós repelimos a Liberdade de maiúscula solene, para reabilitarmos as velhas liberdades de algum dia, em que a Região se bastava organicamente e a Profissão zelava com honra o seu proveito e a sua autonomia. Oh, as intituladas idéas-avançadas, com o serem um luxo encebado de

caixeiro-viajante, são, meu Deus, o peor e o mais nefasto dos arcaismos! Denunciemo-las como um regresso á barbaria, mais ainda, — como a volta á noite ínfima das origens. Temos por nós o positivismo da época que, sem prevenções sectarias nem atitudes antecipadas de escola, orienta hoje as luzes da inteligencia como uma regra segura de ação. Reacionarios? Riamos a risada franca dos herois, levantando do erro das massas a significação elevada da palavra. Reacionarios, — sim, e com desassombro!

Reacionarios, interpretando o reacionismo biológico dum agregado que sofre a violação insensata das condições primordiaes da sua existencia. Esclarecem-nos contra os ataques pomposos da superstição racionalista, dum parte, a crítica imortal de Bergson ao mecanicismo filosófico da Vida, da outra parte, os postulados definidos por René Quinton á face da mais minuciosa observação experimental. E' o *facto* que nos inspira, unicamente o *facto*. Conduz-nos não a suposta excelencia dos Principios. E' o inventario das realidades ambientes o motivo que intimamente nos delibera. Somos tradicionalistas. Mas ser tradicionalista não é encerrar-nos na contemplação saudosa do Passado. E' antes reconhecer a contínua sucessão dinâmica em que a historia se coordena entre si, efectuando a solidariedade dos Mortos com os Vivos, segundo a visão admiravel dos melhores conceitos de Auguste Comte.

«*Evolução*» exprime «*permanencia*». E' a permanencia que nós procuramos obter pela plenitude dada aos recursos contidos dentro do nosso determinismo. «*Le devenir, avec son expression concréte dans le phénomène de l'évolution*, declara Jules de Gaultier, *n'apparaît plus que comme un moyen pour un éternel présente.*» (1) Entenda-se a diferença que vai do misoneismo que retarda e obscurece á nossa compreensão prática da sociedade. Não é a placidez da

(1) *La dépendance de la Morale et l'indépendance des Mœurs*. Pag. 270. Paris, Mercure de France, 1 07.

agua morta dum pântano que nós ambicionamos como mira final. As leis psicológicas do desenvolvimento dos povos assentam a variabilidade na estabilidade como senão primário de todo o bem. E' á variabilidade na estabilidade que nós tendemos.

Como o individuo adulto no pleno desabrocho dos seus préstimos não cresce para alem dos termos já traçados no embrião de que proveiu, o mesmo ocorre com as nações, com as raças, com os povos. Zaratustra tirava a sua virtude da resignação heroica com que se submetia ás restrições indominaveis da Existencia. Aquele que se falseia e improvisa na demanda de quiméricos humanitarismos tomba na fraqueza e na morte. O super-homem é o que melhor se sujeita para melhor se possuir. As forças da natureza não se comandam senão obedecendo-lhes. Eis o segredo do olimpismo soberano dum Gœthe. E' a harmonia da precária trajectória pessoal com a marcha invariavel das almas e das coisas. A propria manobra da Vida conservando-se nos leva consigo, nos facilíta a jornada. Erguer-nos em contradição conosco é um conflito eterno que nada amacia. Porque é que os governos revolucionarios se fartam de encher as cadeias, de povoar os presídios, sem nunca derrotarem a hostilidade incoercivel em que terminam por ser suplantados ?

E' que a resistencia passiva que os abafa como uma máquina pneumática operando o vasio, não parte do querer circunscrito a um grupo mais ou menos numeroso de individuos, — não é um plano de combate, delineado e assente em grémios oposicionistas. O espírito conservador não se nutre do descontentamento dos vivos. E' o exército invencível dos Mortos que o perpetua e sustenta numa reviviscencia que nenhum despotismo da terra sufocará. São governos contra a natureza os governos revolucionarios. Esbarram a cada hora no escolho em que hão-de naufragar mais hoje mais amanhã, porque se apostam em julgar num materialismo grosseiro que são os corpos, e não as almas, — a *alma-mater* duma Patria, — que combatem contra eles o combate surdo que não conhece nem treguas

nem compaixão. Ah, o Principe-Perfeito, esgrimindo com os espectros nos forros do seu palacio, é bem o símbolo dessa loucura sem nome!

Portadores que somos do futuro de Portugal, assim nós olhamos os complexos problemas que rodeiam a salvação comum duma série angustiosa de interrogações. Primeiro que o mais, é preciso que a Nacionalidade se sinta dona dos seus destinos com uma filosofia que a explique e a robusteça. Exposto, o *Integralismo Lusitano* aparece como a escola da vindoira consciencia colóctiva. As instituições dum país são a criação do seu genio. Tal é o mandamento a arvorar como primacial artigo da nossa fé. Segue-se-lhe o valor da Raça como rasão indiscutivel de existencia. Tão depressa se apaguem dos nossos olhos as duas verdades que estabelecemos, nem brio haverá para morrermos ao menos dignamente, cobrindo o rosto com a ponta da toga. Senhores duma síntese tranquilisadora, a que concorreram com os subsídios dum honesto eruditismo, como é o dos nossos arqueólogos e folc-loristas, as luzes mais insuspeitas da cultura hodierna, nós achamo-nos no nosso tempo, reconciliados com o que é natural e humano em sangue português.

O mal descende do esquecimento a que nos votámos, desprezivelmente. Já Simão Machado dizia na *Comedia Alfêa* que, mandando um ricaço pintar os costumes de quantas nações havia, o artista encarregado da obra

«Poz ao Portuguez despido
Nas mãos uma peça de pano».

Explicava de seguida o escritor num remate conceituoso:

«Em fim, que por natureza
E constellação do clima,
Esta nação portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despreza.»

E' um traço anedótico que se presta a profunda meditação. Não vale com um motivo de scepticismo para os que o professam em abundancia sobre a sorte e os merecimentos do País. Tome se antes como um indício da larga desnacionalização provocada pela insânia das camadas dirigentes, em divorcio absoluto com a espontaneidade autóctone desde a hora nefasta da Renascença. Mas já não ha direito para se consentir o equívoco! Bem alto elevámos o nosso brado pela civilisação. Humanistas démo-los doutissimos ao intercambio intelectual de Quinhentos. Não nos ficáramos atrás dos outros povos europeus nos alvores do primeiro Renascimento. Santo Antonio e Pedro Juliano, mais tarde João XXI, são luminares do pensamento mediévico. Sempre a nossa contribuição mundial excedeu a pequenez do nosso cantinho. Caímos em desgraça. Foi a cedendia vergonhosa diante da invasão cosmopolita.

No entanto, não somos uma patria morta, arrastando pelo poder da inércia a subsistencia precaríssima dos seres subalternos. O que dormimos é o sono secular do Encoberto. Mas quando ha lampejos de vida na nossa modorra, a Raça descobre-se magnífica, como que inspirada por um fim imortal. Falem as campanhas da Aclamação, fale a guerra santa contra os Francêses, — que fale o Portugal concelhio de 1828! A nossa homogeneidade étnica nos dá a virtude indebelavel da resistencia. E' o pequeno dolicoide, sobrevivo da Atlântida, criador da arte egeana, que nos reservatorios incansaveis da energia patria elabora sem cessar o grande espírito de que o Luso se mostra condutor á hora espessa da crise. Voltemos á continuidade tradicional interrompida. E de pronto, com a reconstituição do seu meio proprio, a alma suprema da comunidade ha-de ser conosco!

Não é um exagero literário a importancia que eu confiro ao factor antropológico. Nem se suponha que uma raça homogenea significa para mim o rigor duma raça pura. Eu considero aqui a raça no sentido histórico, embora com uma renovação constante desse tipo formado pelas circunstancias do

espaço e do tempo, que é o Lusitano, ou seja o dolicocéfalo meão. Com as imiscuencias posteriores os caracteres somáticos podiam sofrer, e sofreram alteração, efectivamente. Mas o que representava o conteúdo psíquico do nosso homem aborígene prevaleceu acima de tudo, imprimindo-nos a unidade moral e afectiva, sem a qual a Patria nunca a veríamos possivel.

Corra-se em escorço a jornada da Nacionalidade. Mais uma vez, num squema breve, se demonstrará a natureza do nosso determinismo. E' em Mugem que o mais remontado avô dos portuguêses se manifesta com evidencia, afiançando-nos um sedentarismo instintivo que já se praticava com aferro, ainda a agricultura se não sabia bem aonde vinha. Eu não aludo á hipótese tentadora que nos contorna o habitante arcaico dos vales do Tejo e Sado, surgindo do sólo, como produto nato, mal teriam cessado as comoções geognósticas que estabilizaram aquela parte do nosso territorio. Assim quasi que nasceria o torrão amoravel de Portugal de envolta com a criatura que o havia de povoar e de lhe ganhar um nome. E' bela, sem dúvida, a teoría, toda cheia das melhores sugestões para o ocidentalismo apenas na infancia. Não a utilizamos, contudo. Aceitem-se tão sómente as pesquisas do malogrado Paula e Oliveira quando nos informa da aptidão sedentaria do íncola mesolítico de Mugem.

«No alvor do conhecimento e por essa sociabilidade pacífica que o sedentarismo facilmente engendrava — consinta-se que eu me transcreva (1), — depressa o avô recuado enterrou os seus mortos. Enterrando-os, mais um vínculo o prendia e o fixava. E' que a inhumação antecede entre nós os ritos incineratorios, de proveniencia estranha, e toma-se como um dos sinaes específicos das arredadas gentes que para estas partes se insulavam. Sobre o depósito mortuario assentaria a lareira dos vivos: — o *fogo*,

(1) *Teófilo, Mestre da Contra-Revolução*, parte II. Estudo em publicação na revista de filosofia politica, *Nação Portuguêsa*.

que veiu a consagrar-se como sinónimo de *familia*, e se acendia em cima do «*loguo*», em que os antepassados repousavam. O encadeamento das gerações pela subordinação dos sobreviventes ao culto ancestral manifesta-se de entrada. A necrolatria, eregindo os dolmenes e tornando-se a regra espiritual duma colectividade em inicio, ao tempo em que promovia a coesão autoritaria, dava simultaneamente o sentimento duma mesma promanação. Pelo oculto poder do sangue a unidade gentilícia se entrançava. O direito de cidade e o equilibrio da comunidade vieram de seguida, por via do contactoquotidiano em que o elementar instinto de vizinhança se fôra acordando.

«Aferrada ao chão que lhe engulia os filhos depois de os haver gerado, a raça de Mugem, — assim etiquetada hoje nos recintos scientíficos —, com o desenrolar das solicitações vitaes, não se entregou á pastorícia, propria tão sómente dos grupos turbulentos e erráticos. O atavismo, que a acolchetava ao solo fecundo donde brotara, a aquecia na religiosidade branda das coisas naturaes, — bem cedo lhe conferiu a pendencia para o ruralismo produtivo e amoravel da gleba. Como derivante, as comunidades agrarias se entreteceram, originando o nódulo populacional que o romano nomeará *vicus* e que era um modo de ser inherente ao *H.-Atlanticus*, como se comprova, por exemplo, pela *djemâa* berbere, de aproximada organização igualitaria, mas centralizada sob uma forte chefia religiosa. A nossa aldeia paleo-historica, deduzida da longínqua faculdade sedentaria que os córtes da bacia do Tejo e Sado nos participaram, apoiando-se na colectivização da terra para os efeitos da cultura, possuia identico hifen hierárquico em virtude da norma teocrática que a necrolatria necessariamente lhe impunha.

«O regulamento interno do grupo pode abonar-se, em referência á azáfama e á colheita, com a notação conservada nos viajantes clássicos ácerca dos *vaccei* que habitavam a concha do Douro. Todos os anos se partilhava o solo arável, sendo

distribuido em quinhões iguaes o produto da racolta. E' o processo certamente usado nos demais aglomerados agrícolas que, na subida diferenciadora para outro estádio, alcançam a forma urbana nas citânias ou cividades que pegaram a erriçar os cómoros do norte aí pelos introitos da proto-história». «Assim, — continúo eu —, cada citânia constitue o centro duma mancomunidade agrária com o laço gentilício por fivelão. Asseverava ás predilecções localistas da estirpe auctótone e, pelo particularismo incisivo que a exprimia, cada citânia importava uma unidade populacional, — um *populus*. Quantas cividades, quantos *populi*, — contariam os romanos ao depois. A autoridade acabou por se resumir num maioral, — o *Camal* das inscrições de Briteiros, assistido por uma ordem de anciãos, ou *notaveis*, como se infere dos toscos assentos de pedra que lá se exumaram na casa-tipo. E desta maneira afirmado o sedentarismo ingénito do nosso indígena primevo, acompanhando o desenvolvimento da agricultura, atingia as linhas rudimentares dum cantonalismo autonómico em que se adivinha já o embrião da patria vindoira.

«No conselho dos magnates, deliberando sobre usos, repartição do agro, contendas pessoaes, etc., etc., insere-se, na verdade, o germe valiosissimo de que provém o Município. Daí, por uma ascensão maior, já em mais larga esfera de sociabilidade, derivariam essas antigas Côrtes-Geraes da Monarquia tradicional da Raça, cooperando com o Rei na marcha e na direção dos mais graves negócios públicos. O Rei é já palpitado pela célula autoritária que é o *Camal* de Briteiros». E quem se recorda do folheto notabilíssimo de Rocha Peixoto, — *Survivances du régime communautaire en Portugal* (1), não se esqueceu decerto dos «*homens-do-acordo*» e dos «*seis-da-fala*», que nas freguezias d'alem-Douro presidem á divisão em lotes do terreno comum. E' uma reminiscencia preciosa que

(1) Coimbra, Imprensa da Universidade, 1908. Separata dos *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*.

nos entremostra as origens agrarias do Municipio. A Pátria não é senão o alargamento da região que por si já representava uma liga de concelhos, mais ou menos ensaiada nos *mediunidos* dalgum dia. Pois os «*homens do acordo*» tanto são os ascendentes dos magistrados camarários, administrando justiça a vila e termo na sua qualidade de homens-bons, como os dos velhos procuradores dos povos, respondendo ás consultas do Rei com o parecer honrado da Nação. Veem do mesmo tronco, são parentes chegados. E' sempre a aptidão sedentaria de Mugem, crescendo para a plenitude máxima dos seus préstimos e ensinando-nos paralelamente o sentido rigoroso da Evolução.

Os fundamentos foraleiros da Nacionalidade ainda nós os verificamos, sem recorrer a códices nem a cronicões, nos vestígios consuetudinários da gente da Montanha. A *Portugalia* publicou alguns diplomas de paroquias do Gerez em que se regulam de seculos as práticas empregadas na partilha dos pastos e das geiras (1). Ora, conquanto os eruditismos oficiaes entendam as mais das vezes o Municipio como uma deixa de Roma, é aí que nós, tendo como um artigo de fé a existencia duma civilisação lusitanista, lhe perguntamos as entranhadas raizes, que, se fossem de importação, jamais pegariam tão bem na parte mais íntima e mais incomunicavel da Grey. Vem em nosso socorro o ilustre publicista espanhol D. Joaquim Costa. Ainda que dominado pelo preconceito ariano, é um testemunho invencivel o que nos fornece no seu livro, — *El Colectivismo Agrario en España*. Segundo a filologia, a palavra «*vereador*» é derivada de «*vara,*» terra comum, com uma ascendencia indo-europêa, que o sânscrito acusa no termo *var* e que se repete nas linguas e dialectos afins, como *Where* em neerlandês, *Were* em alemão, *Vara* em asturiano.

«De modo que o vocabulo espanhol de que estou tratando, resume D. Joaquim Costa, denotaria o *campo* no sentido de cercado e vedado, ou de

(1) Tomo II, pags. 459-472. Estudo de Tude M. de Sousa.

couto, que cada um toma *ad libitum*, como em Aragão, ou que lhe era designado, conforme um metodo regular, pelo conselho ou pelos seus delegados, com entre os Waceos.» Claro que a suposta precedencia euro-índica se volve pelas rectificações da arqueologia em atlântica, ou oeste-europêa. E com os nossos vereadores, repartindo em sessão os farrapos de coutadas ou baldios que houvessem por ventura escapado á insânia desamortisadora, nós vemos repetir-se o costume milenario do pequeno dolicoide, como outrora em Briteiros o *Çamal* rodeados dos próceres presidia á partilha do agro. Não se precisa mais para se patentearem como filhas do feitio rural da Raça as nossas instituições municipaes que tão bem nos interpretaram sempre o genio.

Circunscrevera-se de principio o localismo ferrenho do autóctone ao aro limitado da citânia. Gastava-se em rixas sangrentas de vizinhos, quando o romano assomou. As exigencias da defesa obrigam-no então a uma tentativa séria de federalismo guerreiro. Saem dos apertos do momento as *arimanias* ou *germanias*, que são ligas ou tratados de cividades limítrofes para o efeito de se unirem na expulsão do inimigo. A citânia trasborda-se. Atinge uma fase imediata o germe de Mugem. Já ha chefes militares que de *gens* para *gens* deliberam em soberanos, embora com um evidente caracter temporario. O *Camal* não é já só um juiz eleito. E' tambem um cabecilha empenachado que dispõe por si de todas as resoluções e ordena, sem consulta dos *notaveis*, a marcha da batalha e a sorte do *populus*. A célula autoritaria transpuzera o círculo primitivo, igualmente a caminho da sua maior amplitude.

Vencido o Lusitano, Roma o constrangeria a um entendimento permanente de relações, fazendo-o obedecer ao pesado aparelho administrativo e fiscal com que a ocupação careceu de se organizar. Consagra-se pelas necessidades tributarias o núcleo espontaneo da citânia no magistrado do Imperio que se lhe coloca á frente. E como destaca da massa geral dos submetidos uma classe em quem

deposita o governo local, nos *compita* e nos *conventi publici vicinorum* define juridicamente o Municipio, o qual não era, pelo visto, um mimo dos estatutos do Lacio, mas uma criação natural da nossa alma colectiva.

Sabe-se já que são esses centros vivazes de população que não permitem ao serraceno que passe para lá do Douro e lhe acidentam o dominio nas cidades do oeste com rebeliões constantes. Resguardando se de misturas que lhe comprometeriam a homogeneidade, o Luso, confundido com os despojos das invasões, reanima-se, resurge intacto, onde a Reconquista aparece a restabelecer os moldes proprios da Raça. Pelo poder das sociedades agrarias em que por índole se emmoldurava, resistira ao flagelo bárbaro, ganhara força perante o arremesso devastador da onda gótica. Dá-lhe essa força o alastramento da religião christã que encontra no feitio intimo do indígena um terreno bem preparado. O conceito germanico da autoridade baseava-se na posse, constituia-o um princípio de ordem meramente territorial. Permanecendo em «banda», o homem loiro usurpador não poude desfibrar as raizes invenciveis do autóctone. Nos esforços empenhados para uma espoliação completa é que a Igreja se alevanta nos concílios toledanos a defender o direito sagrado da terra. O caracter belicoso da monarquia goda abranda-se. Deixa-se então penetrar pelas altas influencias moraes em que se adivinham já os fundamentos futuros da concepção política de S. Tomaz. «*E si alguns dellos for cruel contra sus poblos, por braveza ó por cobicia ó por avaricia sea excomungado*».

A palavra eclesiástica protege as agremiações indígenas da Península contra a sapata de ferro do bárbaro conquistador. São essas mesmas agremiações que impossibilitam a vitoria do feudalismo entre nós. O feudalismo teve lá fóra uma vasta missão de caracter social. E' ele que organiza as nacionalidades surgidas dos escombros do mundo romano. Mas o motivo que assim o torna um agente de coordenação colectiva é a rasão porque

em Portugal não poude nunca vingar. A sociedade aqui estava naturalmente formada. As behetrias representam o tecido estrutural da Pátria que vai erguer-se tão depressa elejam um príncipe como seu regedor vitalício. A tentativa do barão leonês aborta por isso nos seus propósitos de arrogancia senhorial, porque, em vez de um meio disperso e enfraquecido, ha já um povo com existência sua, traduzido em orgãos conformes á natureza histórica da Raça.

E' no Minho que lateja a lareira anónima da Pátria. O cavaleiro neo-gótico arremete furiosamente, embrulha moiros e christãos, quere campar em dono de todos e de tudo. Chega a altura em que o embrião de Mugem se exterioriza nas feições definitivas. Do sedentarismo apreciado no vale do Tejo á citânia de alem-Douro, das cividades da proto-história ás *arimanias*, significadas em Viriato, das *arimanias* ao Reino, passando pelo Municipio, pela vila e pela behetria, eis como Portugal irrompe para a vida, tirado das entranhas do próprio solo, se é certa a hipótese sorridente que envolve nos negrumes da mesma origem o território da Pátria e o seu habitante primeiro!

Completa a gestação trabalhosa do organismo, o *Camal* de Briteiros e o Viriato da *Guerra dos Ladrões* atingem simultaneamente a expressão ultima e decisiva. O Rei descobre-se como magistrado perpétuo, de juro e herdade, das behetrias reunidas em assembléa para o aclamarem. Os fóros paroquiaes do Gerez entremostram-nos a índole pactual da nossa Monarquia. O que ali se consigna para os filhotes da freguezia consigna-se nos foraes mediévicos em relação a uma esfera maior e mais complexa de sociablidade. A formação política do País opera se assim, federativamente, de baixo para cima. E' o pequeno dolicoide que o leva com pachorra, de gráu em gráu, até ás cumiadas duma consciencia una. O *H.-Atlanticus* afiança-se ainda uma vez mais como portador da sua energia construtiva. O localismo que o enxadrezara outrora em aldêa sob o intenso laço moral

que è o culto dos Mortos, comportava consigo todas as qualidades afloradas depois. A citânia era uma criação do nosso dolicocéfalo. Uma associação de cividades constitue a behetria, que é o estádio seguinte, com fundamento na comunidade amigavel da terra. Pois, mais ou menos figurada a citânia na *djemâa* berbere, não se encontra lá a behetria na *anaia* e no *cof*? São sempre os restos da admiravel civilisação ocidental, sumida entre ruinas com o advento do indivíduo loiro de Hallstatt.

Compreende se agora como o particularismo concelhio é por toda a nossa história o «*meio-vital*» da Nacionalidade. Vale para nós como o melhor dos seus vasos constitucionaes. E' o elemento stático que a mantem de pé e lhe prepara as reservas com que Portugal se socorre á hora da crise. Busquemos o correspondente factor dinâmico. E' na Raça que ele se nos depara. Dissera eu que, encarecendo o valor do Luso, não me subalternizava, no entanto, á miragem antropológica dum tipo puro, embora tenha como condição primordial da Pátria a nossa homogeneidade étnica. Sem dúvida que nos atravessaram mesclas contraditórias. Até o desfalecimento dum País que canta o Fado e se afunda aos poucos, como os bailarins da lenda de pavor, numa coréa sem fim, eu o atribuo á grande dosagem de nigerismo que nos avaria as veias. Mas porque fômos Pátria, é porque possuíamos alma colectiva, na qual se estratificaram os nossos motivos de viver, como que dispostos em roda dum forte núcleo gerador. O Lusismo é esse núcleo originário que inspira os nossos oito séculos de portuguêses, que são outros tantos séculos de Esperança. Enquanto o Luso dominou as direções das camadas superiores, a Nação tirou-se de dentro de si, dirigindo-se por sua conta. A desgraça começa quando se olvidam as determinantes do *substractum* ancestral.

Já fica dito que na nossa população, alêm do fundo autóctone, representado pelo dolicoide de Mugem, se apuram braquicéfalos pertencentes á costela alpina, dolicocéfalos da estirpe dos *Rei-*

hengraber, e aqui e acolá sensiveis manchas semitas, de aquisição variada, tanto pelo que respeita á época como ás fontes. Contudo, na antropologia do nosso continente, a gente portuguêsa acusa-se como a mais conforme nos seus caracteres somàticos, que, reduzidos ao padrão dominante, são os do indígena de Mugem, com as alterações introduzidas no talhe pelo troglodita de La Vezére. Verifica-se, pois, físicamente a homogeneidade significativa da Raça. E por muitos que sejam os cruzamentos e as mestiçagens padecidas, não nos admiremos de que o Luso permanecesse intacto. Os mais antigos tumulos do Egito, velhos de sete mil anos e mais, revelam-nos nos despojos osteológicos que contêm a presença duma étnia que é nas suas variações a étnia de ainda agora. (1) Em França pode subir-se até ao periodo solutreano sem que se nos apresentem étnias diversas das que figuram na tábua genealógica do francês contemporaneo. «*Les hérédités contradictoires*, explica Vacher de Lapouge, *sont en lutte dans chaque élément de l'organisme, jusqu'au moment où celui-ci prend sa forme définitive, et où le choix de l'influence ancestrale est fait pour chaque cellule*». (2) A caracteristica fisiológica subsiste trabalhando para se restaurar tão cedo se lhe ofereça a ocasião propicia. «*Cette occasion résulte facilemente de ce fait physiologique que les combinaisons théoriquement possibles des éléments héréditaires sont presque infinies, mais que celles comportant un équilibre compatible avec la vie ne sont pas très nombreuses*». (3) E' Vacher de Lapouge que continua. E Sutton estabelece-nos a formula das combinações realisadas em cada célula aproximadamente pelos cromosomas. Sendo eles no homem em numero de 24, a diferença das origens e das posições autorisa-nos a presumir 16777216 possibilidades.

Prosigamos com Vacher de Lapouge. «*Pendant toute la période de prolifération cellulaire, depuis*

(1) Vacher de Lapouge, *Race et milieu social*, pag. XIII.
(2) *Obr. cit.*, pag. XIII.
(3) *Obr. cit.*, pag. XIII.

l'œuf fécondé jusqu'à la production de la dernière cellule de l'organisme, l'option se fait, à chasque fois, au bénéfice d'une combinaison sur près de dix sept millions. Il semblerait que l'on dût arriver à une telle pulvérisation des races que leur mélange pût être du premiér coup homogène, et les individus indiscernables. Il n'en est rien, et sur le nombre infiniment grand des germes, il n'en survit que quelques-uns, dans lesquels se sont réalisées les conditions d'équilibre les plus favoralles. Ces conditions d'équilibre, dont la meilleure est la normale d'une race fixée, sont l'objet à chaque génération d'une nouvelle sélection, jusqu'au retour final...» Ora o *retour final* de Vacher de Lapouge é o regresso a um tipo primitivo e único, de seguida á neutralização de quantos atavismos hereditários nos perturbem. (1)

Por um tão complicado fenómeno biológico nós percebemos enfim como é que as raças aturam e não se extinguem. E' a incessante química renovadora em que o Luso se retempera. Funciona com mais alcance nos centros naturaes de população que o Municipio significa, porque é aí, pelo secular enraizamento ao solo, que as influencias contraditorias da hereditariedade são menos fortes e menos pesadas. Explica-se deste modo a rasão étnica em que a historia portuguêsa se repousa. E' acreditarmos nela, erguendo-a como o artigo principal da nossa fé de povo. Olhemos atrás, — á enormidade do caminho andado. E' o milagre da nossa pequenez recebendo uma luz imprevista. Nunca mais o negativismo dos outros se extenuará em nos cortar a torto e a direito, como sobre um cadáver hospitalar. Restituido á colectividade o senso da sua vocação, um novo horizonte, todo ensoalhado, se nos rasga para alêm daquele que hoje nos custa como um pesadelo. Eu lembro que a Alemanha moderna agradece o que é á cruzada dum Stein e dum Mommsen. Ao historiador em Portugal pertence a chefia do resurgimento, — mas ao historiador que tenha feito exame de consciencia e que

(1) *Obr. e pag. cit.*

não procure extraír do Passado a lição que serve apenas ás conveniencias sectarias dos bandos. Praticar-se assim a historia é acender a guerra civil,—lá dizia o ilustre Fustel de Coulanges. E' precisamente de reconciliação que nós necessitamos. E jámais ela se obterá, se a idéa da Patria não sobrepujar, no contorno viril da sua fisionomia centenaria, as prevenções e os equívocos que nos dividem e trazem de noite e dia num conflito que é sincero em muitas bôas vontade, mal aproveitadas, infelizmente.

Estamos de posse duma civilisação, —da civilisação lusitana. Já não ha direito para se preguntar se sômos uma raça, — quaes são os nossos títulos de independencia. Descem eles do íntimo das idades. Não foi o Acaso que nos confeccionou de afogadilho, como que para acudir á pressa da encomenda. Não nos cabe, por consequencia, a sorte ingloria dos que nasceram engeitados e se abastecem á custa das ocasiões perdidas. Temos um alvo. Para lá se chegar, nós, e só nós, é que rompemos a estrada.

Em frente de Castela alcemos como o pavilhão mais belo do nosso separatismo a disposição de natureza que levava, dum lado, os Lusitanos a permanecerem inassimilaveis, e do outro, os Iberos a confundirem-se com os Celtas, depois de combates preliminares. Enquanto o nosso dolicoide enterra os seus mortos, o Ibero abandona os dele á devastação das aves de rapina. Ora aqui está um traço psicológico que nos distingue uns dos outros para sempre. O Ibero, descendente de massas ambulantes, nutre-se da pastorícia e vai arrebanhando o que pode durante a passagem. Se alguma coisa se conta na Espanha que se aparente ao Lusitano é o enigma basco. Tambem os Cantabros resistem pelo lirismo da Esperança. Houve uma sibila que lhes prometeu um salvador no futuro. Pregados na cruz pelos inimigos vencedores, insultavam-nos com fereza até morrer, entoando em côro os seus hinos de guerra. E' a *fides* tradicional dos Lusitanos que acompanhavam na morte os chefes jura-

dos. Tudo mais o que a Iberia nos manifesta em face da Lusitania é a diferença, o antagonismo. Silius Italicus soube assignalá-lo com a *eterna divortia* da *Punica*. «A actividade commercial entre os povos do sudoeste da Hispanha e a Inglaterra, que o periplo do seculo VI accentua (Avieno, *Ora Maritima*, 113-14), contrasta singularmente com a ausencia quasi completa de relações entre os primeiros e os povos da costa oriental da peninsula, —repara Martins Sarmento. Dir-se-hia que a gente das duas regiões nem se entende, nem se quer entender. (1)»

E' sempre a mesma irredutibilidade que a filologia por outra parte nos confessa, aduzindo á nossa causa um depoimento interessantissimo. O português e o espanhol teem, cada um de seu modo, uma aversão arreigada por certas combinações de vogaes e consoantes. «Esta diversidade phoneticoacustica é baseada *sobre uma diversidade physiologica*, — declara Schleicher, citado por Teofilo (2). E' que, emquanto nós entroncamos no *H.-Atlanticus*, recolhendo dessa linhagem a prova magnífica duma cultura que subiu ao assombro nas ribas azulinas do Egeu, o Ibero vinha de filiações desencontradas, dificeis de se interpenetrarem num caracter uniforme e autónomo. Sem duvida que o braquicéfalo etiquetado presentemente por *H.-Alpinus*, ocupa uma situação de destaque na árvore-de-geração dos nossos vizinhos. Mas contemos com mais ainda. E são as possiveis transfusões asiáticas que lhes adviriam do shumero– acadiano imigrante.

Por varias que sejam as etimologias da palavra *ibero*, eu aceito como a mais harmonica com as indicações da arqueologia aquela que A. de Paniagua nos aponta: — *i*, artigo aglutinador, e *bar*, *br*, que em sanscrito exprime tanto como «*mercadejar andando*». (3) Ibero era, portanto, o mesmo que «*ven-*

(1) *Os Argonautas*, pag 223. Porto, 1887.
(2) *Historia da Litteratura Portugueza*. I. *Idade Media*. Pag. 62.
(3) *Les origines celtiques*. Pag. 16.

dedor vagabundo», o que nos recorda o shamanismo traficante de amuletos, tão proprio do *acad*, com os seus gosto teocráticos apanhados na Caldéa, donde proviera. Strabão menciona uma Iberia junto do Caucaso. Pelas portelas setentrionaes da Europa penetraria o êxodo em que a India dravidiana se fez talvez representar com influencia.

O turbilhão atrairía no trajecto a massa hiperborea, ou scítica, que morava perto da Ursa, nas altas regiões geladas. Num cortejo de bruxos o misterioso invasor se adiantara com demoras sacerdotaes até junto das gargantas pirenaicas. Topando na viagem os rebanhos pacificos do braquioide alpino, conferiu-lhes pela unidade religiosa a disciplina social que lhes faltava. E quando penetram na Peninsula veem em tom hostil, submetendo,—quem sabe?—, outras populações, do mesmo tronco que o *H.-Atlanticus*. A Iberia do Caucaso é uma lembrança viva das tribus dessa migração que por là estacionariam. E com a chegada do individuo de cabeça globulosa relaciona-se provavelmente a reminiscencia conservada nos textos antigos ácerca dum povo fugido de Espanha,—os Sicanos—, que se estabeleceria na Sicilia. (1) Não será o indicio da deslocação provocada nas camadas aborígenes pelo aparecimento do Ibero?

Ao Ibero se ajuntaria um outro êxodo, vindo pela costa deAfrica, com caminhada larga pelo sul do Egito. Com esse êxodo, saído tambem da Mesopotâmia, se prende sem sombras de engano a tradição, conservada em Salustio ácerca da fundação de Útica e mesmo de Cartago. Assenta se numa era inverificavel, — o duodécimo século antes de Christo. O que, porem, é certo é que numerosos grupos semitas se precipitaram em tempos remotos na imensidade da Libia, crescendo ao depois para as Sirtes e tomando poiso na Bizancena. Inspirada em fontes judaicas, a mentalidade dos primeiros tempos christãos pretendeu ver num tal aglomerado de gentes errantes os cananeus expulsos

(1) Martins Sarmento, *Les lusitaniens*, nota de pagina 29. Lisbôa, 1880.

da Terra da Promissão por Israel vitorioso. Segundo Maspero, o analista Procopius testemunha que na Numídia, junto a uma grande fonte, se encontravam duas stelas de pedra com uma inscrição fenícia que rezava: — «*Nós somos os que fugiram de Josué, filho de Nané* (1).

E' este outro ramo que, passado á Peninsula, contribuiu com decisão para elevar o braquicéfalo ocupador ás condições de força absorvente. As simpatias de ambos os elementos pela confusão etnica confirma-se mais recentemente pela aliança dos Iberos e dos Celtas, dando logar á nação celtibérica. O homem loiro de Hallstatt transmitiu-lhe falhas de temperamento que, adicionadas ao *substractum* acadeano, não consentiram nunca ao genio espanhol outra feição que não fosse a do misticismo excessivo e terrifico, ou então a do alucinado impulso imperialista que esgota o é sempre um arremesso negativo, escurecendo lastimavelmente na loucura do bom cavaleiro manchego. Faltam ao nosso vizinho o senso da Medida e o amor da Proporção que tanto individualizam no pendor oceânico o pequeno dolicoide, em nada parecido, em tudo divergente.

Em vesanias de domínio se perpetúa o castelhanismo, seco e unilateralista, tão duro, tão áspero, como o planalto em que montou a sua tenda. Comparem-se os nossos herois da India com a brutalidade dos Cortezes e dos Pizarros. A aventura ultramarina divide bem a psicologia dos dois povos, já tão divididos pela disposição natural que entre os Luzitanos enterrava os mortos e que entre os Iberos os abandonava ás aves de rapina. «E' prima ainda, observa o escritor brasileiro Pereira da Silva, uma distincção notavel entre as duas nações conquistadoras: se apparece entre os Portuguezes um Maciel Parente ou Pedro Coelho, que praticam arbitrariedades contra os Brazis do Norte, castiga-os a Corôa, e não passam elles de uma quasi imperceptivel excepção na ordem dos chefes

(1) *Histore ancienne des temples de l'Orient*, pag. 374.

portuguezes; emquanto que inventam os Castelhanos os mais descommunaes supplicios para se alagarem no sangue dos Americanos, e extinguir lhes a raça, não lhes bastando as caçadas por meio de cães de fila, e o exterminio no meio e fóra dos combates. Diversa é a historia da conquista do Brazil, das colonias do Peru, da Columbia, do Mexico, do Chile, e de Guatemala, onde quasi nenhum efeito produziram as fulminações de Las Cazas.» (1)

O sentimento da realidade é a linha preponderante da nossa idiosincracia. O castelhano padece, pelo contrario, da hipertrofia sem remissão de D. Quichote. A este o cura teve de lhe queimar a livraria. Projectava no mundo exterior os delirios da sua imaginação em febre. Nós não lemos ainda tanto que houvessemos de tresler! Tirante o caso desse retórico impenitente que foi D. João de Castro, os aventureiros da India falam da honra e beijam a cruz da espada no meio das piraterias, mas não discursam, não se procuram modelos, — praguejam antes, descompostos como marujos, tal como Antonio da Silveira no cerco de Diu. Então os nossos santos como são bem outros dos santos castelhanos! Santo António préga, ensina, reforma, converte, — pertence á Igreja Militante, é o S. Paulo do franciscanismo nascente. S. João de Deus ordena hospícios, cura doentes, recolhe desvalidos. No apostolado ha D. fr. Bartolomeu dos Mártires, ha o padre Anchieta, ha o beato João de Brito. Lá mais largo que figura de vontade não fôra S. Dámaso bracarense! E' activo o nosso misticismo, ao passo que o de Espanha, com espíritos excelsos, como Santa Teresa, S. João da Cruz, João de A'vila, fr. Luís de Leon, é mais interior, é mais ascese, mais castelo-da-alma, com o extase por pão de alimento. Exceptuam-se, é facto, os grandes santos jesuitas, Santo Inácio de Loyola e S. Fran-

---

(1) *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*. Paris, 1859. Transcrição de L. A. Palmeirim a pág. 28 do livro *Portugal e os seus detractores*. Lisboa, 1877.

cisco Xavier. Mas o costado vasconço não lhe daria mais de atlântico que de ibérico?

Outro predicado distingue em absoluto o Luso do Ibero. E' a amorosidade do temperamento, crescendo tanto para as exaltações messiânicas da Esperança, como para as delicadesas emocionaes da Saudade, que é a *gran coyta do corazon*, em que os nossos cancioneiros florescem ainda agora como na hora primeira. «O ideal poetico do castelhano medieval vivia menos de finezas lyricas, do que da guerra e da religião:

«Ferid los, cavalleros, por amor de caridad!
Yo só Rui Diaz, el Cid campeador de Biuar!»
«Todos fieren enel az do está Pero Vermuez.
Trezientas lanças son, todas tienen pendones;
Seños Moros matáron, todos de seños colpes;
Ala tornada que fazen otros tantos son.
Veriedes tantas lanças premer alçar,
Tanta adagara foradar passar,
Tanta loriga falssa desmanchar,
Tantos pendones blancos salir vermeios em sangre,
Tantos buenos cavallos sin sus duenos andar.
Los Moros laman Mafomat, & los Christianos Santi Yagu(e).
Cayen en um poco de logar Moros muertos mil & (ccc ya).

«Como se vê no *Poema del Cid*, fazem perfeito contraste com este arranco de epica ferocidade as branduras de um trovador galleco-português apaixonado:

Quando vus vi, fremosa mia senhor,
logo vus soube tan gran ben querer,
que non cuidei que ouvesse poder,
per nulha ren, de vus querer melhor;
e ora já direi-vus que mi aven:
cada dia vus quero mayor ben!

E' Leite de Vasconcellos nas *Lições de Philologia Portuguesa* (1) que salienta uma diferencial tão decisiva. Não desprezemos a semelhante respeito a teoria que localiza em regiões marítimas do Occidente a origem do ciclo poético de que brotou a *Odysséa*. Os pontos primordiaes da rapsodia homérica

(1) Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1911. Pag. 105-106.

andam tocados na boca do povo pela *Nau Catrineta* e pela *Bela Infanta*. Pois, tão discutida, com tanta querela erudita a emmaranha-la pedantescamente, o berço da poesia provençalesca fixa-se actualmente no noroeste da Peninsula. Escravos oriundos de áquem e alem Minho influiriam na literatura dos árabes de Córdova com o patrimonio lírico que fecundara antes a claridade sem par do genio helénico. Pela penetração do elemento islamita no sul da França se geraria a brilhante cultura trobadoresca que, para comprovar a derivação, se alia ao desabrochamento do espirito municipal naquelas bandas. (1) Mais uma vez o amôr á terra se traduz no Ocidente pelo amôr do ritmo. E' sempre o pequeno dolicoide afirmando a sua profunda capacidade criadora. E a tése que invoco da filiação do provençalismo nos recursos emotivos da alma galaico-lusitana atesta em publico e raso, como ninguem, a mentira que cinge a raça portuguêsa a um anonimato desprezivel, considerando-a como um rebanho humilhado de ilotas.

Não descorajemos por isso! Mora conosco desde o começo a força duma patria e o poder invencivel duma tradição. O tremendo eclipse que pesa sobre nós, tal como a tremenda noite Cathulada da Fábula, não é senão o castigo que nos pertence sofrer pelo abandono a que largámos o que era nosso e com tanto custo o ganh ramos, tão depressa nos chamaram da margem com qualquer improviso de contrabando. No momento em que os reformismos de Mousinho da Silveira repeliam por inúteis as instituições caracteristicas do País, Lafayette propunha entre os seus a adopção do nosso regime concelhio. As consequencias do desvio padecido medem-se bem pelos poucos passos a que estamos dum precipício sem remedio. Para sermos povo, o Lusitanismo nos ensina que não precisamos de pedir licença á Espanha. Para nos governarmos em harmonia com a nossa natureza, não

(1) *Discursos lidos ante la Real Academia Española en la recepcion publica del señor D. Julian Ribera y Tarrago.* Marid, 1912.

são as panacéas dos mil e um profissionaes da Salvação-Pública que nos hão-de conceder a finalidade obliterada e sem a qual escusado é pensarmos em seguir caminho. Uma outra mentalidade, felizmente, acorda para o mundo, já farto de subjectivismos subversivos, que, inculcando-se como redentores da velha dor humana, só a aumentaram e exacerbaram, roubando-nos ainda por cima os infinitos reforços moraes da alma rijíssima de antigamente. Mostra-nos bem a mudança que vai nos tempos o inquérito aberto por Agaton entre a população escolar francêsa, com depoimentos dos nomes literarios mais recentes. «*Les jeunes gens d'aujourd'hui,* confessando-nos uma mocidade nobremente limpa de gafas ideológicas, è um livro que fica marcando o formidavel ciclo de ordem que ora se estreia. (1)

O culto da Disciplina cativa a juventude. São os melhores ditames do positivismo que a atiram para a Fé e para a Patria. Não é de fórmulas negativas que a existencia se abastece. Sem crêr não se pode querer! A este estado de espírito das gerações que sobem se refere Gustave Le Bon no volume, *La vie des vérités,* acabado quasi de publicar. «*L'évolution de la jeunesse,* comenta o ilustre sociólogo, *est fort sensible. Ayant vu la patrie traverser des heures très sombres et les ruines matérielles et morales s'accumuler chaque jour, comprennant vers quels abîmes conduisaient les négateurs et les destructeurs, elle s'écarte d'eux et réclame d'autres maîtres. Aux métaphysiciens stériles, elle oppose les réalités, la vie et la nécessité de l'action. Sortie des livres, elle regarde le monde. L'observation des peuples qui s'étaignent lui montre quelles irrémédiables décadences engendrent l'affaissement des caractéres et les chimériques tentatives de bouleversements sociaux.* (2)

Nós, os da ala portuguêsa recem-chegada, somos singularmente fotografados nas linhas transcritas. Num punhado de palavras, como esse, se con-

(1) Librairie Plon. Paris, 1913.
(2) Paris, Flammarion, 1914. Pag. 2.

globam os motivos íntimos do nosso conservantismo, todo ele feito de experiencia histórica. Os destinos ameaçados da courela querida da Patria dependem do grau de consciencia colectiva a que nos saibamos elevar. Dissolvida, sem resíduos de valor sensivel, a idéa da Nacionalidade carece de se reelaborar com fundamentos apoiados na rasão inviolavel de nós mesmos, que é o nosso determinismo. Insiste se mais uma vez que não é a excelencia abstracta dos Principios a norma que mais seguramente nos convem. Com modestia resignamos os vôos descompassados da Utopia, para nos restringirmos ás indicações do ambiente familiar que nos conformou. Não descendemos dos *Direitos-do-Homem*. Somos apenas inteligencias esclarecidas pelas pagínas da *Portugalia*.

Só as certezas conseguirão indireitar-nos para uma existencia cheia de dignidade e de significação. A certeza da Raça interessa-nos mais que nenhuma outra. Ninguem se mete a andar sem ter confiança em si. Se não acreditamos em nós como povo, não serão as oratórias engasgadas dos tribunos a cifra mágica que nos ha-de emprestar o sopro de milagre que fez levantar o paralítico. Fôram mais funestas de que se julga as consequencias do scepticismo de Oliveira Martins. A cubiça unilateralista do vizinho cita-lhe passagens inteiras para se autorisar. Em nossa casa os vencidos e os inúteis, para escusarem a sua impotencia, glosam-n'a com grandes ares, aconselhando nos o suicidío. Ah, as criaturas sorvadas, de aparencia brunida, mas com farelo lá dentro, tal como os frutos que Chateaubriand apanhou nas ribeiras do Mar do Sal! No entanto, a flama arde direita e intacta no coração da mocidade. O dia de amanhã estará conosco, — conosco que sentimos nas veias a reviviscencia admiravel do Luso que desfalece, mas que nunca se rende. Misticismo? Sim, misticismo—misticismo étnico, misticismo histórico, como o que convulsionou os Balkans, como aquele que do germano incompleto e dispersivo extraíu a obra incomensurável de Bismarck!

Teófilo, preocupado com o valor da Raça, substituiu um dia ao elemento — *Autoridade* da síntese sociológica de Comte o elemento *População*. No cabo, *População* e *Autoridade*, como os Concelhos e o Rei, são partes dum todo que se sinonimisam e identificam,—a primeira á raiz, a segunda ao alto. Da parcialidade em que Teófilo encarou o problema, sem que uma visão mais vasta lh'o figurasse em conjunto, nasceu o equívoco que é a causa da divisão enfurecida em que Portugal se confrange e degladia. A nós, pelo contrario, foi a *População* quem nos levou ao encontro da *Autoridade*.

Em nome do Luso se praticam os maiores atentados á integridade do patrimonio que o Luso nos ganhou. Pois em nome do Luso eu não sei, para terminar, de palavras mais exactas que as de Teófilo n'*A Patria Portugueza*. «*N'este templo do sentimento da Patria portugueza*, escreve, *vê-se claro que os vendilhões levam o descaro até se apoderarem do azorrague com que deveriam ser expulsos. O tempo não está para dispender energias em resultados negativos. Quem tiver consciencia do dever oriente os seus exforços pelo sentimento da Patria*». (1)

Seja assim, mas com outro sentido,—com o verdadeiro, e ficará tudo certo!

Setembro—Outubro,
1914.

(1) Porto, Chardon, 1894.

Indice

A Verdade Portuguêsa I
A hipótese do Homo Europæus..... 1
O génio ocidental..... 29
O espírito da Atlântida..... 69
A Teoria da Nacionalidade..... 103
Integralismo Lusitano..... 135

ERRATA

A precipitação com que este livro foi impresso fez com que escapassem á revisão alguns erros de menor importancia. São todos da natureza daqueles de que o nosso bom D. Francisco Manoel de Melo dizia que o leitor por si mesmo os castigava. Valendo-nos desse padrinho, não nos cumpre senão deixar lealmente o aviso.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
MONFORTE